

Revista da Semana

ANO 12 Nº 125 Cr\$ 1,50 em todo o Brasil 12 de Fevereiro de 1944



VATUTIN



IDA LUPINO TOMARÁ O LUGAR DE BETTE DAVIS?

O disputadíssimo título de *camp* dramática n. 1 de Hollywood, e talvez do mundo, que Bette Davis vem conservando intato há tantos anos — desde que conseguiu arrancá-lo de Greta Garbo — parece que continuará pertencendo à "Constelação" da Warner, pois a mais seria rival da "Perigosa" neste momento é Ida Lupino. Os críticos de Nova York já escolheram a "estrela" de "The Hard Way" como a melhor interprete de 1943 e o público sempre se sente inclinado pelas mais novas. Mas a "Mulher Marcada", mesmo depois de tentar a comédia e de regenerar-se moralmente transformando-se em uma recalculadíssima "Estranha Passageira", continua sendo um "parco duro" e nem os "aros de serviço ativo" e alguns pessimos argumentos que lhe têm sido oferecidos conseguem fazê-la perder os "fans". Desta vez, porém, o caso é sério e Ida Lupino uma concorrente mais séria ainda. Observemos o seu sorriso feliz e o ar de orgulho com que segura o cigarro e notaremos que ela considera a vitória ganha. Mas Bette Davis fuma com displicência e encara o fotografo com o olhar de superioridade maliciosa de quem diz: "Pois sim!..."



NESTE Carnaval de 1944 em que ainda arqueja triturada pelos hunos a imortal França, evoquemos ao estridido dos pandeiros e ao tinido dos guizos, o carnaval rabelaisiano, — a colossal e homérica sátira em que o maior gênio da mofa agitou a fátua truculência dos homens.

Nada mais propício e altamente qualificado do que rememorar para desespero dos ogres hitlerianos da guerra, a glória de François Rabelais, o moralista do riso, o médico, o bibliotecário e amigo do cardeal Du Bellay, cuja amizade o papa Paulo III acolhia festivamente em Roma, que Voltaire cognominou o filósofo ébrio e que René Millet igualou a Shakespeare e a Cervantes.

Romance histórico, mas faceto, narrativa épica, mas colorida por imensa bufoneria, Gargântua popularizou-se além da França, logo que apareceu. A voga do fabuloso personagem, único e original em todas as literaturas, explica as vertiginosas reedições e as alterações sucessivas do texto.

Até aquela época, ninguém caricaturara com tal graça irresistível a comicidade da espécie humana. O sarcasmo gargatuano deu convulsões histriônicas a toda Europa, que vivia como agora sob o frenesi dos ódios dou-



O CARNAVAL RABELAISIANO

por DE MATTOS PINTO

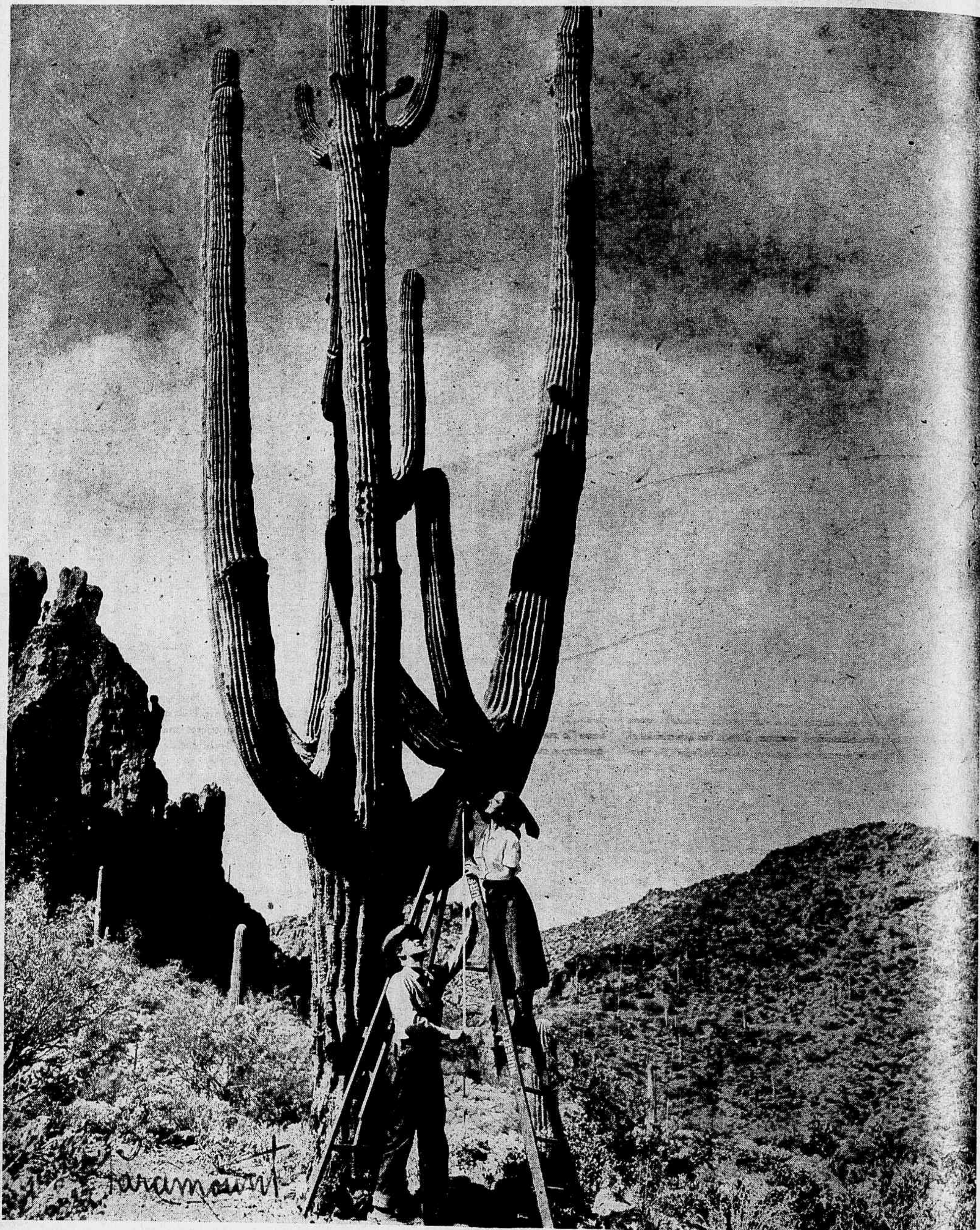
trinários. O enorme Gargântua e o seu filho bufão Pantagruel viram-se erguer além dos inimigos naturais, que a fantasia rabelaisiana inventara a onda dos adversários ridicularizados pelas suas proezas de funâmbulos. Da França, partiram as furibundas críticas Pierre Ramus, Puits Herbault, Pierre Galand. Da Suíça, reboou a voz de Jean Calvin. Da Itália, surgiu Giovanni Botero. Da Holanda, irrompeu o grito irritado de Gilbertus Voetius. A obra caricaturou magistralmente a risível fauce do homem e tão bem, tão deliciosamente bem, que os fantoches da literatura dos governos, das seitas, da política, dos curraes ideológicos, logo se apressaram em reconhecer pelo geito contrariado dos protestos a imensa contrafação dos seus vícios desmascarados. Nas aventuras das ilhas de Papefigues, de Sonnante, de Papi-manes, nos episódios do país de Lanternois, a Europa descobriu o seu mundo capcioso e divertido, grotesco e odioso, enfim o mundo de todos os dias, de todos os governantes opressores. Os mais doutos contemporâneos compreenderam o espírito imaginoso, que recorreu ao escarlate da chufa para castigar a moral inconstante dos costumes. Guillaume Budée, Theodore Bèze, Etienne Pasquier, Clement Marot, Jeant Bouchet, Francis Bacon, La Croix du Maine, Antoine Duverdier, louvaram François Rabelais, na sua epopéia gargantuana e pantagruelina. A Renascença não esperou o século XV, para aclamar o enorme motejador do carnaval da vida, cujo rir assombra tanto como as batalhas de Homero e as visões de Dante.

Rabelais se utilizou das campanhas de Gargântua, das viagens de Pantagruel, das inconveniências de Panurge, como pretexto para exagerar as atitudes, os costumes, os feitos, os caracteres, para deformar e escarnecer em gigantescas proporções, o saguim humano. Os combates, os saltos, os largos gestos, as guerras funambulescas, animam Pantagruel, que se locomove bem nos esgares bruscos e alegres. Si Gargântua mobiliza os seus exércitos para assaltar o país de Pichrochole, logo imita o rei Francisco I e introduz nas fileiras o espírito chocarreiro da rotina. Pantagruel derruba os gigantes e o favorito, o inconveniente Panurge, salta como um pigmeu endemoniado para extirpar a cabeça dos colossos caídos. Por tudo isso, Emile Littré comparava

Rabelais a Aristophanes, chamando-os os dois zombadores da sua época. Mais inflamado, admirou-o Chares Nodier, como "o mais universal e o mais profundo dos escritores dos tempos modernos, com Erasmo e Voltaire, que não foram nem tão profundos e universaes quanto ele—. E o cardeal Du Perron qualificou Pantagruel, o livro por excelência, onde a juventude dos sentidos humanos tenta fixar em vão na fuga dramática da vida, o efêmero festim do prazer.

Gargântua e Pantagruel passaram a ser considerados figuras histriônicas e alegóricas do século XVI. Sob a bravura e os atavios de Gargântua, colocaram os namoros e os arrojos de Francisco I. Na credulidade e na fanfarronada de Pantagruel, ençarnaram as superstições e as basólias de Henrique II. Alguns como Lamoteux, divisaram nos heróicos farçantes de Rabelais, os príncipes de Navarra. Os símbolos, as referências, as alegorias, os tipos sociais, as cenas alusivas, os painéis satíricos, os figurinos empolados, enfeitam o romance rabelaisiano e não se sabe mesmo até que ponto, os tipos podem ser intencionaes, espontâneos, trasladados, reais e fabulosos, históricos e imaginários. Quando pintamos muito a largo as jactâncias do mundo incluímos inconscientemente os feitos de ontem e as fantochadas do futuro. Bernardin de Sanint — Pierre observou, que á maneira de Cervantes, como contraste natural do terror humano, François Rabelais empregou os irresistíveis efeitos do ridículo. Atravez da bufa pantagruelina, descobriram em Gargamelle, Badebet, Panurge, Jean Des Entaummures, as deformações chocarreiras de Anne de Bretagne, de Claude France, dos cardeais Charles de Lorraine e Jean du Bellay. Devemos lembrar, que esses dois últimos purpurados admiraram e defenderam Rabelais contra os seus inimigos, o que prova o alto apreço que mostravam pela inspiração satírica de Pantagruel. No gigante Brinquemarielles, os analistas históricos encontram a sombra disforme de Carlos Quinto, imperador da Alemanha e da Hespanha, cuja megalomania provocou guerras na França, na Itália, em Tunis e em Argel, tão aleivosos como Hitler. Mesmo Emile Littré, tão positivista, pensava que Gargântua e Pantagruel não devem ser classificados como puramente quiméricos, porque na imaginação jogralesca e profunda de Rabelais, "tudo

toma o duplo caráter de extrema fantasia e de sabedoria penetrante". O carnaval rabelaisiano deforma a inveja e os invejosos, maltrata os imperadores e os ogres, açoita os salteadores de povo e os bandoleiros da cultura. Desmoraliza os bravateadores da chufa literária, com a própria filosofia do riso. Fulmina a feira da vida, onde cabriolam os mascates de anedotas, cuja sandice trafica com as bugingas da erudição e onde regouga a fanfarra dos bufarinheiros, mascarados em ditadores do espírito humano. Sainte-Beuve apreciava a elocução rabelaisiana como uma festa. Nem só o estilo cobre-se de jocosidade. Nem menos alacre se movimenta o espírito, com as danças ao ar livre, as atribulações cômicas, os amorosos divertimentos, as anfibiológicas judiciárias, as alegrias do campo, os jogos e combates, os brinquedos de circo, as gulodices heróicas, em que reina Pantagruel como soberano insubstituível. Rabelais riu das sutilezas intelectuaes, das névoas da metafísica, da sabedoria chibante, da ginástica dos teólogos. Si Pantagruel ria dos paradoxos, da chicana dos foliculários, dos silogismos, dos letrados e das suas cabalas, das sofisticas transcendências, isso se dava porque François Rabelais dominava as idéias universaes e a universalidade do seu pensamento, o elevava acima da pedanteria das escolas. Numa frase elucidativa, definiu-o Boilleau — Despréaux como a "razão mascarada" a razão que se mascarou para chasquear de todos que se apoderam do saber e do Poder, para oprimir e aviltar a dignidade humana. Em Rabelais, ha painéis para todos os espíritos: — as proezas para os entes romanescos, o riso para as criaturas simples, a filosofia para as almas meditativas, a licenciosidade para os temperamentos materiaes, as festas para as pessoas expansivas, a gulodice para os apetites vorazes, a moral para os entendimentos pensadores. Sainte-Beuve o colocou entre os quatro grandes escritores do século XVI, ao lado de Jean Calvin, Jacques Amyot, Michel de Montaigne. Entre os seus grandes admiradores, inclui-se ainda o clássico La Bruyère, outro moralista da sátira. Neste Carnaval de 1944, evoquemos Rabelais e sus-tiguemos os sangrentos histriões da Alemanha, com a bufoneria rabelaisiana, indicando-os ao desprezo dos povos civilizados, que amam a Democracia e a Liberdade.



Majestático, soberano, o cactus, sempre verde nas terras secas e desoladas, agressivo e mau, muitas vezes abriga um ninho débil que o homem destrói. (John Howard e Helen Drew. Paramount).

Procuraremos a paz no exemplo dos



Eis um paciente e pacífico amigo que chora desconsoladamente em lamentosos mugidos quando lhe matam algum da família para o carnívoro apetite do seu amigo homem. (Lucille Ball. Metro).

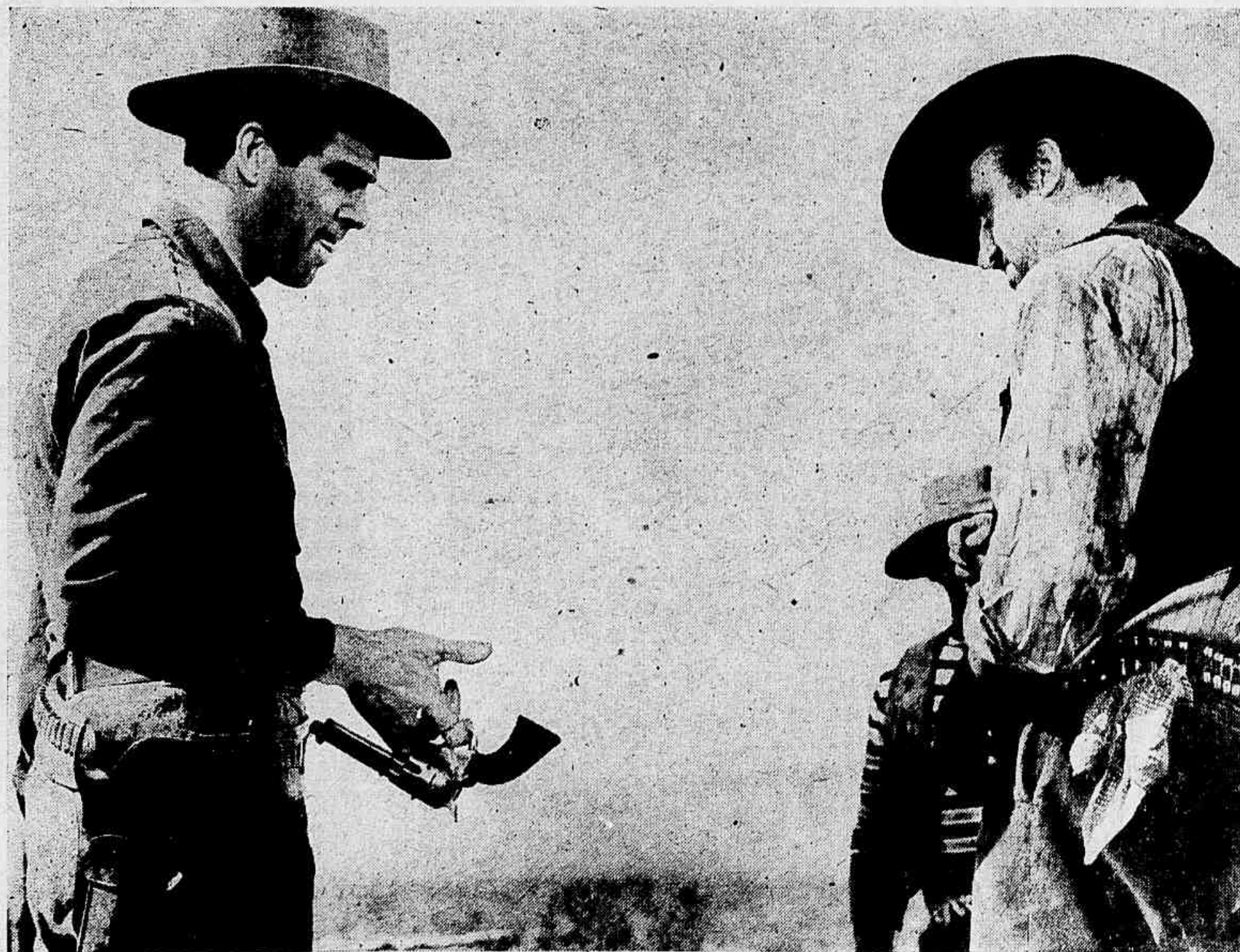


Ele é o favorito, o querido amigo, com uma inteligência quasi humana e um coração super-humano. Vive com o homem em estreita comunhão mas não se contamina de seus vícios e fraquezas. (Diana Barrimore. Universal).

O homem, o mais orgulhoso dos animais, o mais presunçoso, o mais grudado a prosápias e o mais embuido da sua alta sabedoria, terá certamente muito a aprender com os nossos amigos animais. As virtudes e características que, no clube dos homens, formam herança de meia dúzia no *clan animal* são do grupo e até da espécie. O estudioso da Zoologia terá motivos de sobra para se surpreender e se edificar com a vida gregária de espécies animais, cujo código de existência social é admiravelmente organizado e sobretudo... obedecido. Vez por outra o homem e lúnia a pobre creatura que ele chama irracional, a *licença* poética vai além da gramática e dá cincadas na ciência para criar lendas como as da "Cigerra e da Formiga", na qual se aponta a estridula cantora de uma tautofomia exaustiva como boemia, vagabunda e emulter, e a outra como sórdida "pão-duro". Desmentem cientistas esta poética mentira, destruindo mais um símbolo literário.

O cão é o mais alto ponto da admiração humana pelo irracional; o pacífico boi, a ovelha com fóros de bíblicos simbolismos, são outros tantos amigos que nos enternecem mas, lá no meio das selvas, a vida das tribus animais também nos pode dar fartas lições, interessantes de nobreza e de bom senso, que não é o *senso comum* dos

(Continua na pag. 7)



Eles, os rudes homens das fazendas, quantas vezes não se sentiram irmãos dos brutos, emocionando-se até às lágrimas com a morte de um daqueles bons amigos dos cercados ou das cocheiras. (Fred MacMurray. Paramount).

bichos

No século passado nossas províncias tiveram galeria de filhos ilustres. Na galeria paraense ficou muito em luz Bernardo de Souza Franco, nascido a 28 de Junho de 1805 no Belem do Grão Pará.

A 14 de Abril de 1823, uma galera, *Andorinha do Tejo*, deixava águas do Pará de vés para Lisboa, levando carga exclusivamente humana. Conduzia a bordo mais de 250 passageiros de travessia para responderem em Lisboa por tentativa a favor da Independência do Brasil. Um daqueles passageiros era Bernardo de Souza Franco, conspirador adolescente nos éstos próprios da idade.

De regresso a Belem, Souza Franco foi empregado de commercio, por desejos do pai negociante. De primeiros conhecimentos adquiridos num seminar, Souza Franco estudava à noite ou nas horas de folga da loja. Por si mesmo preparou-se para curso superior. Teve-o na Academia Juridica de Olinda, da qual bacharelado em direito aos trinta anos, em 1835, formando-se relativamente tarde pelo tempo passado na vida comercial e sua labuta diaria de balcão.

Três décadas depois, Souza Franco, o precoce conspirador patriota de 1823, era, encanecido Sua Excelencia, senador do Imperio pelo Pará, conselheiro de Estado, ex-ministro de duas pastas, ex-deputado geral, sempre pelo Pará, ex-presidente de duas provincias e desembargador honorario por aposentado juiz de direito, alem de chefe no partido liberal. Militara primeiro na grei conservadora, dela se apartou discorde de suas tendencias reacionarias sobretudo em 1842, quando das revoltas de S. Paulo e Minas às quais Caxias puzera ponte final de armas em Venda Grande e Santa Luzia, os liberais passando á alcunha de luzias como os conservadores á de saquaremas.

No parlamento e no governo, Souza Franco preferia discutir ou sustentar teorias financeiras, nesse campo de especialidade encontrando valerosos adversarios, um Salles Torres Homem. Este na opposição, ou tambem no governo, tratava de finanças, difficil ao profano entrar e sair do labirinto das cifras e das tabelas com as quais os financistas justificam ideias e medidas de socorro na estatística.

O Conselho de Estado do Imperio compunha-se de membros ordinarios e extraordinarios, aqueles e estes em numero de doze, os conselheiros extraordinarios á espera de vaga para promoção a ordinarios. Como na corporação não havia Joãos Ninguens, cada um era Alguem.

Conselheiro de Estado ordinario, em 1867, Souza Franco tinha por colegas de classe Olinda, Abaeté, Itaborahy, S. Vicente, Eusebio. Entre conselheiros extraordinarios Paranhos, Bom Retiro, Muritiba, Nabuco, desnecessario completar lista, os citados bastantes para avaliar qualidade nos demais.

Em 1867 o ministerio 3 de Agosto de 1866 era presidido pelo dominador, Zacarias de Góes e Vasconcelos, qual Souza Franco em certa epoca conservador para acabar liberal.

Duas questões travaram caminho á existencia politica, do 3 de Agosto, uma questão de portas a dentro, outra de

ESCRAGNOLLE DORIA

COUSAS NÃO DITAS

(SOUZA FRANCO)

portas a fóra do Brasil: a luta contra a escravidão e a guerra do Paraguai e a primeira luta findara quasi com o fim do Imperio.

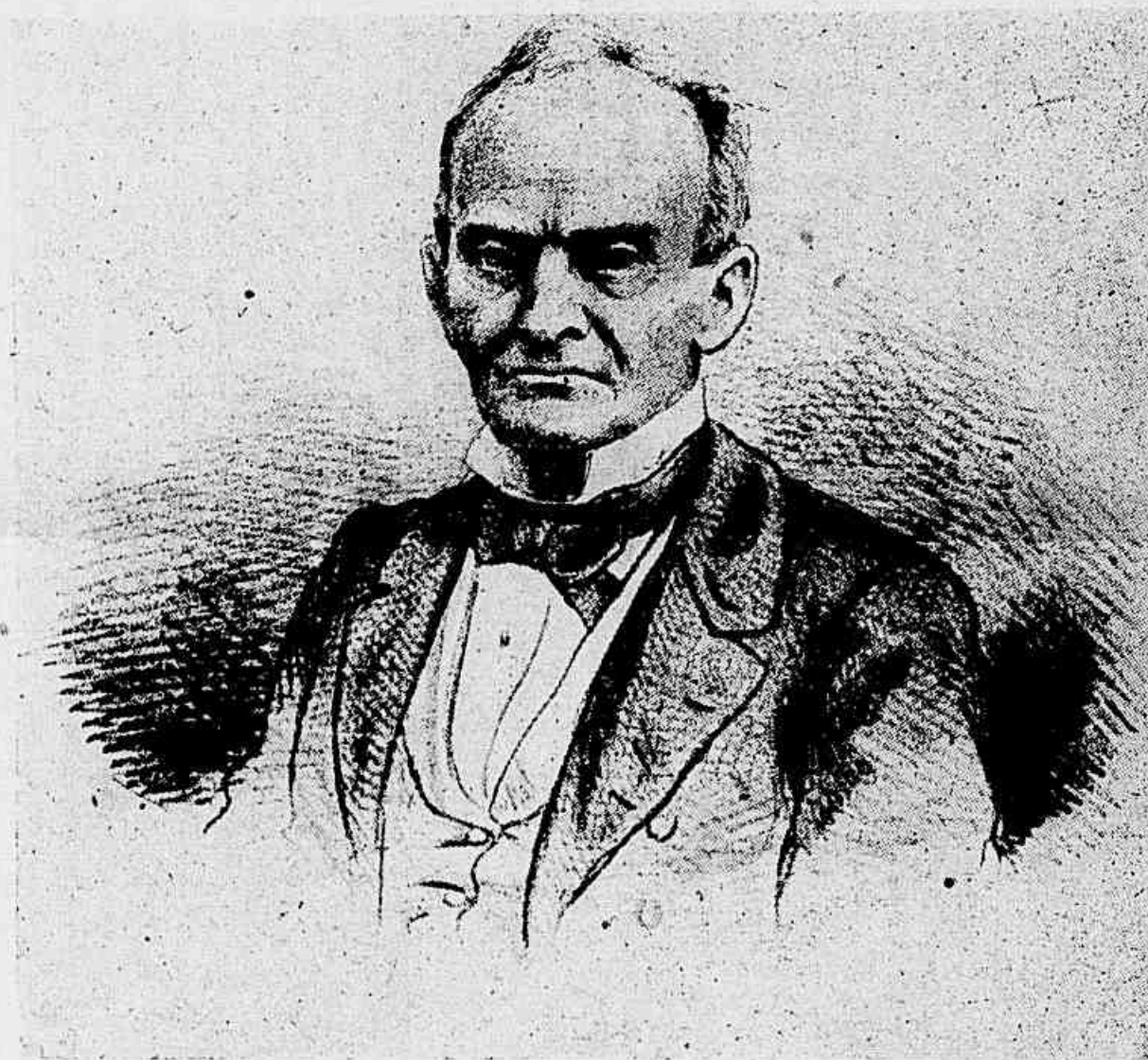
A adesão ostensiva do imperador á causa emancipadora era mais de vista na assembléa de presidencia imperial, o Conselho de Estado. Os membros deste, de pareceres diversos, consideravam a escravidão funestando o Brasil desde colonia no tormento dos indios, á mão de cativo, depois os africanos tornados triste mercadoria humana importada pelo trafico negreiro.

Em Abril de 1867 se reunia o Conselho de Estado para exame do problema

liberal apoiar o ministerio conservador de Paranhos ao promover este a libertação dos nascituros em 1871: não sem grande opposição parlamentar conservadora.

A 2 e 9 de Abril de 1867, sob a presidencia magna do imperador, congregava-se o Conselho de Estado para exame de projetos emancipadores de Pimenta Bueno. Sobre materia tão relevante deveriam dizer Salles Torres Homem, Paranhos, Muritiba, Eusebio, Abaeté, Nabuco, Souza Franco, Itaborahy, Jequitinhonha.

As atas do Conselho de Estado como que nos fazem ouvir as vozes, de tão



BERNARDO DE SOUZA FRANCO, VISCONDE DE SOUZA FRANCO.
(Belém 1805 — Rio de Janeiro 1875).

da escravidão, palavra esta ainda não riscada do viver humano.

Fugindo a perguntas dos que lhe reconheciam dons profeticos, Proteu escapara a curiosos mudando de fórmula. A Abolição teve Proteus, a causa abolicionista conhecendo sobretudo partidarios de solução radical independente de qualquer compensação, tal a da lei 13 de Maio, e partidarios de solução conciliatoria, a de abolir indenizando senhores de escravos. No Velho Mundo nações ibericas receberam moeda da Inglaterra para extinção de trafico; no Novo Mundo a Guerra de Secessão tingio de sangue na Historia o cativo negro norte-americano sulista.

No Brasil, para resolver o problema do elemento servil, procurou-se estudá-lo na sua importancia agricola, entre a impaciencia de uns e a paciencia de outros.

Não impaciente, Souza Franco era declaradamente emancipador, a ponto de

ilustres opinantes reunidos pelo chefe da nação de apelo a sabedores de negocios publicos.

Presentes ou ausentes, orando ou mandando votos escritos, Olinda, Sapucahy, Bom Retiro entre outros participaram das deliberações do Conselho de Estado no Abril de 1867, perante aquele Zacarias a secundar S. Vicente e seus projetos de liberdade com tres interrogações de auxilio a tomar rumo. Perguntava Zacarias ministro aos conselheiros de Estado como ele lidadores da causa publica:

— Como deve ter logar a abolição? Convem abolir directamente a escravidão?

Como, com que cautelas e providencias cumpre realizar esta medida?

Formulando estas perguntas para governo do governo, Zacarias devia saber bem o seu ministerio entre dous temiveis escolhos, o da guerra do Paraguai e o da luta da abolição.

Pensaria tambem Zacarias em Abril de 1867, na proxima abertura das Camaras, em Maio. Em tal abertura pensavam todos os ministerios, mais a gosto quando do encerramento das sessões do poder legislativo, grande tomador de contas a quem estava dirigindo a nação e seus destinos.

Nas sessões de 2 e 9 de Abril de 1867 o Conselho de Estado pleno, de exercicio no palacio de S. Cristovão como de habito, ouviu as tres perguntas de Zacarias e tratou de responder, embora, na divergencia natural, de opiniões. A diversidade das sentenças corresponde á diversidade das cabeças humanas de tantos moldes fisicos nos caprichos da natureza.

Numa pagina historico-biografica foi dito que Nabuco "conquistara na discussão do Conselho de Estado o posto de *leader* da reforma abolicionista pela convicção de sua necessidade, de sua urgencia e do conhecimento do mecanismo que melhor a podia efetuar sem fricção.

As deliberações do Conselho de Estado acabaram contudo em constituir de comissão incumbida de projeto sobre a extinção do cativo no Imperio.

Para membros da dita comissão Zacarias propoz ao imperador tres nomes, os de Nabuco, Salles Torres Homem e Souza Franco.

A 11 de Abril de 1867, Zacarias expedio aviso a Souza Franco participando-lhe nomeação, aviso ao qual o participado deu resposta perentoria e negativa, a 14 de Abril, resposta que o faria substituir por Sapucahy nos trabalhos de comissão: "Ilmo Exmo Snr.

Em aviso de 11 do corrente faz-me V. Ex^a a honra de communicar q por proposta sua, Sua Magestade o Imperador houve por bem nomear entre os membros do Conselho de Estado uma comissão composta de mim e dos Conselheiros Francisco de Salles Torres Homem e José Thomaz Nabuco de Araujo, a qual se ocupe *sob a presidencia* deste de organizar um projecto sobre a extinção da escravidão no Império, d'accordo com as idéas que obtiverão maioria de votos em sessão do Cons^o d'Estado pleno de 2 e 9 do corrente.

E' hoje o 44.^o anniversario do dia em que envolvido na tentativa de declaração da Independencia do Brasil na provincia do Pará, fui perseguido, preso, e remetido p^a Portugal á disposição do Soberano Congresso, entrando assim na vida publica activa. E desde então se nunca pedi, tambem nunca me escuzei de serviço publico de q fosse incumbido.

A nomeação porem de um Membro Ordinario do Conselho d'Estado p^a servir nesta qualidade em comissão *sob a presidencia* de outro Extraordinario mais moderno e até mais moço, é exemplo tão singular que não julgo dever com minha acceitação formar regra tão contraria aos estillos do Conselho d'Estado e às prerogativas de seus Membros.

Queira V. Ex^a, levando o exposto á Augusta Presença de Sua Magestade o Imperador, dispensar-me da comissão.

Deos Gde a V. Ex^a.

Rio de Janeiro, 14 de Abril de 1867.
Bernardo de Souza Franco.

Conservando no seu arquivo o autografo da recusa Souza Franco, Zacarias parece ter dado ensejo de dizer o não dito.

PROCUREMOS A PAZ...

(Continuação da pag. 5)

homens. Vejamos o que nos conta sobre o assunto o notável estudioso Archibald Rutledge, mostrando-nos que entre os irracionais é tão grave e seria a noção do dever que faltar a ele pôde ocasionar a morte do culpado.

E diz: quasi todos os animais teem organizado um exercito para sua defesa, sendo o serviço de *sentinela* dos mais comuns. "Um dia, um bando de corvos invadiu meu milharal, o vigia estava sobre o mais alto galho de um pinheiro seco; devido à posição do terreno pude aproximar-me e fazer uso da espingarda; o pânico e a surpresa foram tremendos mas, mesmo assim, não esqueceram um dever importante: alguns deles precipitaram-se sobre o vigia, atacando-o a bicadas e provavelmente expulsando-o do bando. Outra vez, ao atravessar uma charneca, percebi duas raposas que andavam caçando;

naria, vivia numa península solitaria da minha fazenda; tudo o que fiz para cultivar sua amizade foi inutil. Ele vivia esquivo. Quando o bosque floriu por ele me internei levando um charmariz feito de bambú oculto, comecei a imitar o pipilo da ave e, imediatamente após uma pausa, veio a resposta. Continuei. Com a maior surpresa, vi que a ave vinha voando elegantemente na direção de onde eu estava, tocou com maior interesse, ele pousou a poucas jardas, emproou-se e vôou na direção do som; ao dar comigo, retrocedeu surpreso e aborrecido, mas não fugiu, como se apenas o chocasse a desilusão de encontrar um inimigo onde julgára ir ao encontro de uma companheira.

Como exemplo de tolerancia e compreensão, ele nos conta que havia o tronco de um pinheiro seco com muitas cavidades em diferentes alturas, na



Prontos os dois para destruir uma vida, a vida de outro individuo que não é de sua raça nem de seu *clan*. (Denis Morgan. Warner).

uma estava oculta num lugar estrategico, enquanto a outra levantava a caça. Em dado momento, um coelho disparou para o lado da que estava na tocaia esta atirou-se a ele mas errou o bote, deixando-o fugir; a outra, furiosa, atirou-se à companheira e empenharam-se em luta terrível".

O egoismo é raro entre os animais; contudo surge, uma vez ou outra, algum excêntrico que se separa dos seus para viver vida solitaria.

A higiene é também observada com severidade entre as especies selvagens, sobretudo nas aves.

O amor arma ciladas ao animal como arma ao homem, mesmo quando exista entre eles um amor mais puro, que vai além da simples atração fisica, qual acontece com os pombos.

Certa vez, conta Rutledge, um peru selvagem, cuja sagacidade é extraordi-

época da reprodução estas cavidades são ocupadas por aves de varias especies, azulões, pica-paus, corujas, gaviões, e até esquilos, individuos portanto de familias diferentes, habitando o mesmo cortiço e aí não há rixas de espécie alguma, pois cada um respeita o direito do seu proximo.

Esta extraordinaria compreensão do dever faz com que vivam em harmonia e se comportem com admiravel cortezia. E' edificante ver com que valor e coragem enfrentam a dor, as desilusões e a morte. São as criaturas de Deus seguindo a vontade suprema do Creador, com superior nobreza e compreensão, isto é, eu deveria dizer — com soberano *instinto* — muito superior à *razão* humana.

J. B. MACHADO

Diga isto a seu Marido

Quando seu marido estiver sem apetite e se sentir indisposto ou adoentado, com empachamento, peso, dor e outros desarranjos do estomago, a lingua suja, mau gosto na boca de manhã ou durante o dia, peso, calor e dor de cabeça, tonturas, palpitações, nervosismo, falta de ar, sufocação, opressão no peito ou no coração, certas doenças da pele, queda dos cabelos, mal estar depois de comer, dores no corpo ou nas articulações, preguiça e moleza geral, dores, colicas e outras perturbações do ventre, do figado e baço, muita sede e quentura na garganta, ansias e vontade de vomitar, prisão de ventre, mau halito, indigestão, arrotos, gases, diga-lhe que todos estes sofrimentos são causados por substancias infectadas e fermentações toxicas no estomago e intestinos, e que use **Ventre-Livre** sem demora.

Ventre-Livre evita e trata todos estes sofrimentos porque faz muito bem ao sangue, figado e baço, tonifica as camadas musculares do estomago e intestinos, e os limpa das substancias infectadas e fermentações toxicas, que tão grande mal causam aos nervos, ao cerebro, ao coração, rins e a todos os órgãos do corpo.

* * *

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa

alguns vidros de **Ventre-Livre**

Revista da Semana

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Sels meses — Cr\$ 32,00

Registrada: ... Um ano — Cr\$ 80,00; Sels meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Sels meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00

Viscondé de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "Revista" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866

Corresp. na Bala: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 52 PÁGINAS

A nossa capa

No vasto teatro da guerra atual que se estende por toda a superficie do mundo, teem surgido chefes militares cujos nomes até então quasi desconhecidos para nós, tornam-se famosos de um dia para outro.

E' um problema fundamental que as potencias beligerantes devem resolver sob pena de desastres irreparaveis, a escolha dos seus chefes militares.

O exército russo que vem assombrando o mundo pelo seu preparo técnico e seu aparelhamento perfeito, tem contado com chefes de real valor.

A bravura do soldado russo que diariamente escreve com sangue páginas gloriosas, não seria suficiente sem a direção do Estado-Maior.

Entre seus componentes resalta o nome de Vatutin, cujas virtudes guerreiras e os conhecimentos militares colocam-no em plano destacado nesta constelação de generais.

Nossa capa mostra este guerreiro ilustre que presentemente dirige o cerco de 150.000 nazistas na curva do Dnieper.

O PREÇO DA "REVISTA DA SEMANA"

Informamos aos nossos leitores que em todo o territorio nacional o preço normal da REVISTA DA SEMANA continua sendo Cr.\$ 1,50. Qualquer alteração referente ao custo de venda no interior ou na capital da Republica constará na propria capa do numero a que se referir essa alteração. De resto, deverá ser observado em todo o territorio nacional o preço da capa.

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Sallará da Cama Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Pílulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pílulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. \$ 3,00.

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feliz quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alfaca ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alfaca permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alfaca "Brilhante".

Experimente-o.

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Queda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

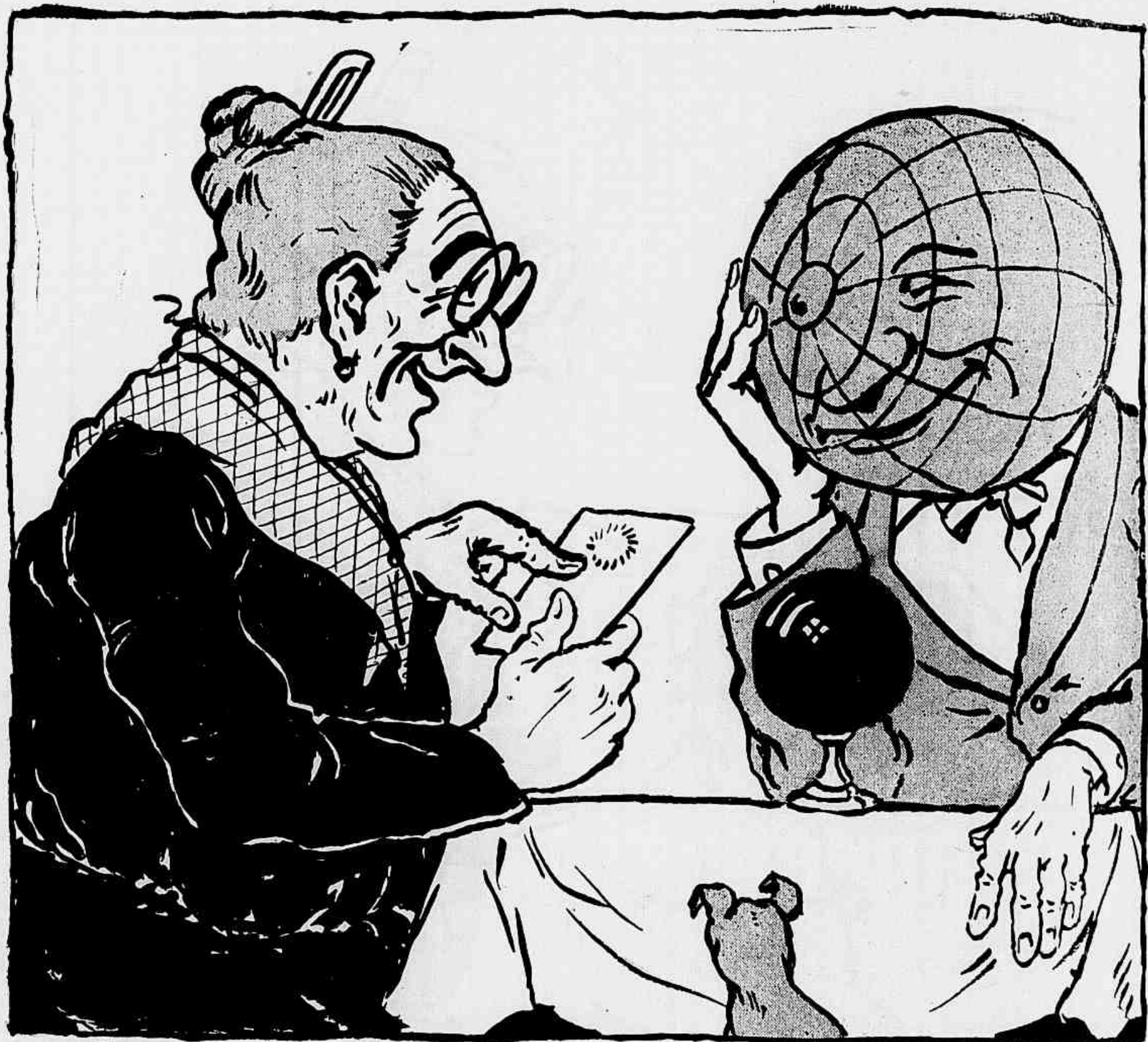
NUMEROS ATRAZADOS DESTA REVISTA NO RIO GRANDE DO NORTE

Pedir a LUIZ ROMÃO
AV. TAVARES DE LIRA, 48

SABÃO TIMBOROL

ASSSEGURA A HIGIENE E BELLEZA DO CÃO POR COMBATER OS PARASITAS E AS MOLESTIAS QUE OS MESMOS PROVOCAM

PROFECIA



-Vae entrar, muito breve, em longa fase ditosa



-Porquê, muito breve, dará cabo da fase de tósa!...



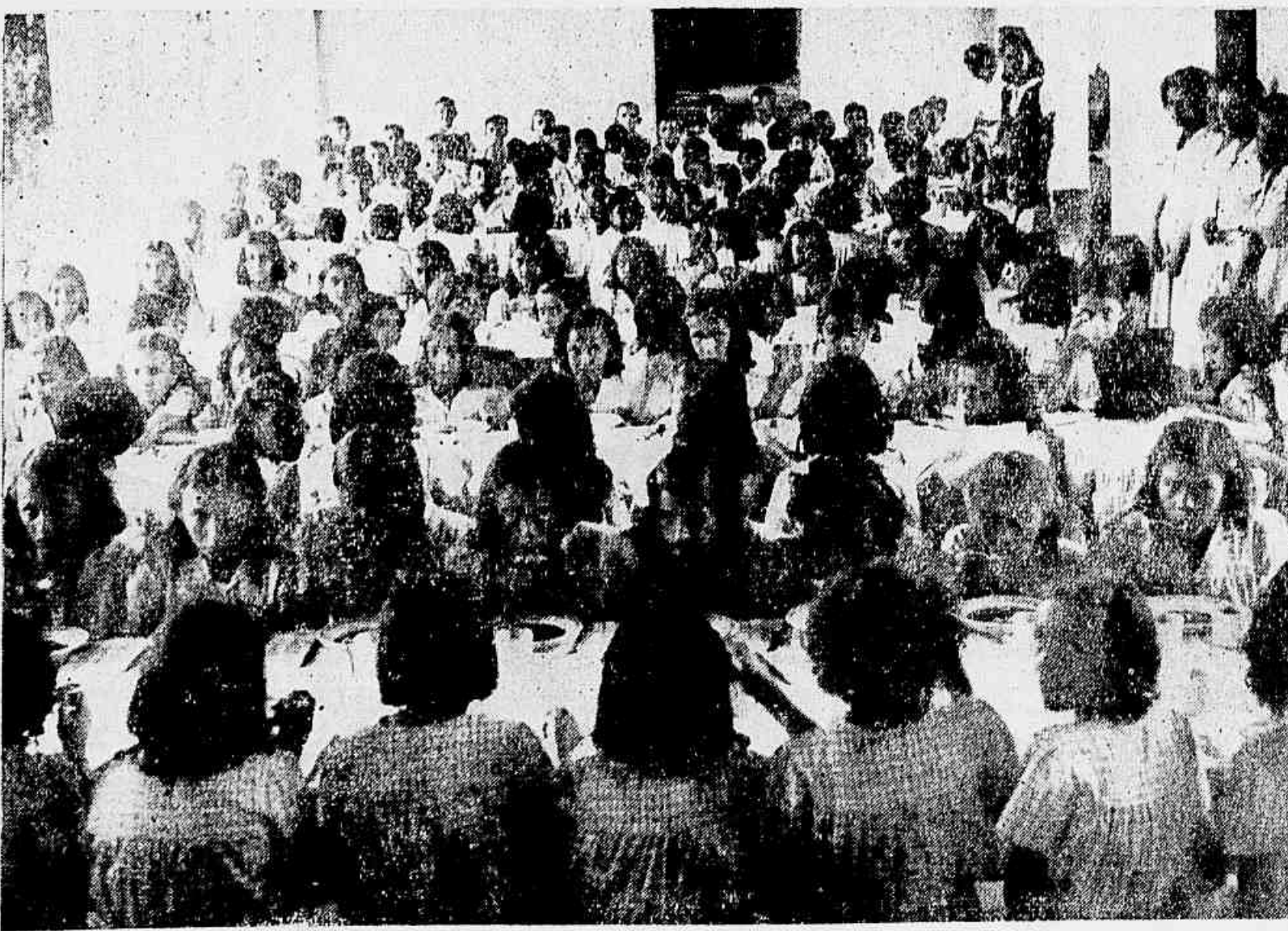
DOS ESTADOS A COLÔNIA DE FÉRIAS DA PARAIBA

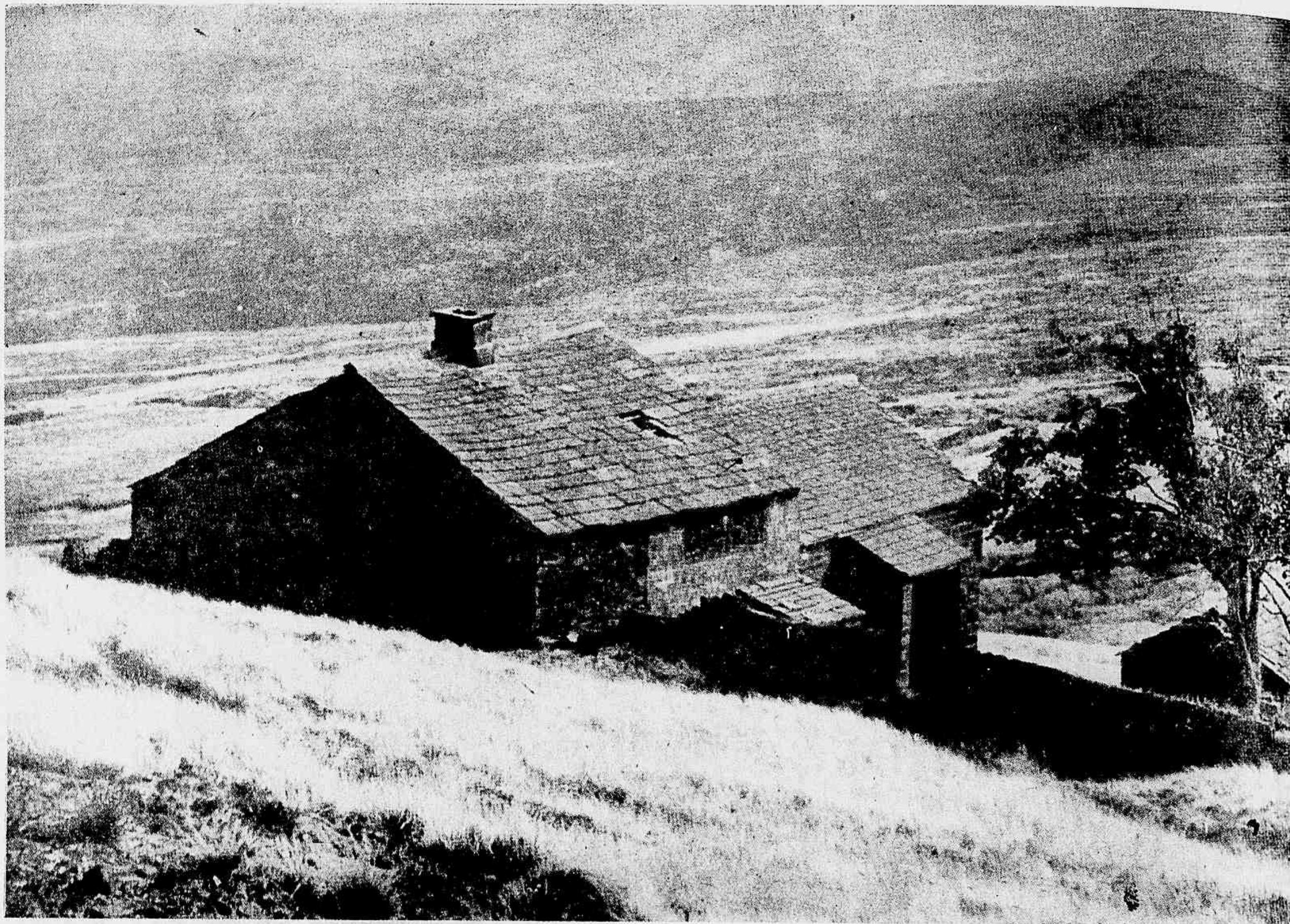
Estes flagrantes foram apanhados na praia de Tambaú, balneário da cidade de João Pessoa, capital do Estado da Paraíba, onde funciona uma colônia de férias que abriga, periodicamente, perto de duzentas crianças, vindas de todos os pontos do Estado. Trata-se de uma iniciativa tomada pelo atual governo da Paraíba, visando melhorar e intensificar o desenvolvimento da criança num sentido mais amplo e mais eficiente.

O regime de vida da criança na Colônia obedece ao programa estabelecido pelos melhores métodos que, modernamente, orientam o assunto.

Os aspectos que vão nesta página dão uma ideia perfeita da alegria e do bem-estar que fazem a felicidade de quantos ali passam uma temporada.

Em uma delas, o Sr. Ruy Carneiro aparece entre a meninada.





O cenário de *O MORRO DOS VENTOS UIVANTES* é uma granja nos pântanos do Yorkshire que pertencia a Branwell Bronte, irmão das escritoras.

O MORRO DOS VENTOS UIVANTES

Uma das obras primas do século XIX foi produzida, há cerca de cem anos, pela filha de um pastor protestante no presbitério de uma pequena cidade dos pântanos do Yorkshire. Sua autora, Emily Bronte, assim como sua irmã, Charlotte, que escreveu outra obra célebre, *Jane Eyre*, lutou constantemente contra a pobreza, a doença e o infortúnio. Surpreenderam-se ambas quando ouviram elogiar seus livros. Hoje ficariam ainda mais surpreendidas, pois sua fama cresce dia a dia. No fim de dezembro, o Clube do Livro do Mez, distribuiu mais de 350.000 exemplares da *Jane Eyre* de Charlotte Bronte e de *O Morro dos Ventos Uivantes* de Emily. E já consta que a 20th Century Fox pensa levar á tela um grande filme em torno do primeiro desses romances.

Essa fama é merecida. Ambas as escritoras introduziram em seus livros o mundo estranho em que viviam suas vidas infelizes. Daí a permanente tensão e a profunda melancolia que paira sobre cada uma de suas páginas.

Comprimidas num mundo de horizontes reduzidos, conhecendo apenas os vales cobertos de urze e as escarpadas colinas de seu condado, as irmãs Bronte, reproduziram em sua obra toda a experiência que tinham haurido em suas existências desprovidas

de encanto e agitação. Suas novelas são recordações das esperanças e tristezas, bem como das cenas que lhes diziam respeito.

A escola de Grim Lowood, á qual foi enviada Jane Eyre, é o retrato de uma escola de verdade, Cowan Bridge, onde as irmãs Bronte passaram os anos de sua meninice. Essa cruel instituição foi responsável pela morte de duas das cinco irmãs Bronte, Maria e Elizabeth, e prejudicou seriamente a saúde delicada de Charlotte. Thornfield Hall e Ferndean Manor, onde decorre a última parte de *Jane Eyre*, foram descritos através das recordações de Charlotte e, ainda hoje, podemos constatar a existência dos edifícios que lhes serviram de modelos. Ainda permanecem de pé na melancólica paisagem do Yorkshire.

As personagens dos romances das Bronte eram reproduções de pessoas de carne e osso que as irmãs encontravam na escola, ou em Haworth, ou ainda nos seus escassos passeios pela região. Os capítulos de *Jane Eyre* estão cheios de figuras, palestras e situações que Charlotte evocava das suas lembranças de governante. Os desolados pântanos de *O Morro dos Ventos Uivantes*, nos quais Cathy e Heathcliff costumavam se encontrar são os que se acham perto de Haworth, tão amados por Emily, onde "de uma caverna

COMO FOI ESCRITO UM GRANDE LIVRO

escura numa sombria colina seu espírito construía um Paraíso". Foi aí que ela encontrou a fazenda que descreve em seu livro. Seu proprietário, o soturno Heathcliff, é um retrato de Branwell Bronte, o homem que partiu o coração de suas irmãs.

As fotografias que estampamos mostram o cenário dos romances de Charlotte e Emily, a casa onde viveram e escreveram suas obras admiráveis. Justificam estes aspectos a opinião dos críticos, segundo os quais não pode haver obra de arte, por mais que deva à imaginação do criador, inteiramente desligada do real. A imaginação, a capacidade inventiva vai buscar a matéria prima de suas criações na atmosfera que a circunda. O que se comprova nestas páginas a respeito das Bronte, outros o fizeram com Balzac, Dickens e outros grandes romancistas.

Numa obra de caráter nitidamente autobiográfico, como é a das irmãs Bronte, essa permanente comunicação com o real toma extraordinária importância. Facilita,

(CONTINUA NA PAG. 14)



A fisionomia das irmãs Bronte reflete uma profunda melancolia. Talvez a tristeza de uma vida provinciana, de um destino fracassado. Ignoravam que a posteridade haveria de consagrá-las as maiores escritoras de seu tempo. Este quadro valiosíssimo para nós foi pintado por seu irmão Branwell e esteve muito tempo dobrado, conforme percebemos pelo corte da tela. Vemos da esquerda para a direita: Charlotte, Emily e Anne.

♦ ♦ ♦

Da. JOSEFINA DA COSTA SILVEIRA diz:

Em casa, todos

apreciam Quaker Oats



Para maior valor — insista em QUAKER OATS

Nem toda Aveia é Aveia Quaker. As palavras "Quaker Oats" são a marca registrada que identifica unicamente a original e legítima Aveia Quaker. Ao adquiri-la, veja se a lata traz estas duas palavras e a figura do Quaker. São a garantia da mais alta qualidade e do maior valor nutritivo. Insista na legítima Quaker Oats, em lata hermeticamente fechada.

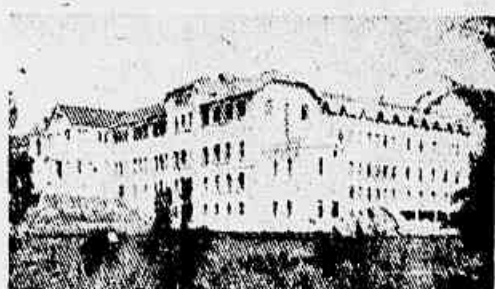


QUE alimento de valor extraordinário! Não há ninguém, em minha família, que não tire proveito da deliciosa Quaker Oats. O Thiamin (Vitamina B-1), o ferro, o fósforo e as proteínas que Quaker Oats contém em abundância, fortalecem o organismo, tonificam os nervos, auxiliam a digestão, enriquecem o sangue e evitam o nervosismo e o cansaço. Um mingau de manhã, uma sopa ao almoço ou alguns bolinhos para o chá, preparados com Quaker Oats, são sempre muito apreciados. Compre Quaker Oats e receberá o pêso integral — 567 gramas em cada lata.

QUAKER OATS

Mais pêso e melhor qualidade asseguram maior rendimento por lata

COLÉGIO SANTO ANTONIO



Vista parcial da fachada principal do Colégio Santo Antonio.

(SOB INSPEÇÃO PERMANENTE — DEC. 21.318 DE 25-4-932).

S. JOÃO DEL-REI — MINAS
DIRIGIDO PELOS PADRES FRANCISCANOS HOLANDESES.

O Estabelecimento mantém cursos de admissão, secundário fundamental e colegial (científico e clássico).

PREÇOS PARA O INTERNATO

Curso de admissão, por ano... Cr\$ 2.000,00

Curso secundário fundamental, por ano... Cr\$ 2.200,00

Curso colegial, por ano... Cr\$ 2.700,00

Não se pagam taxas nem lavagem de roupa.

O Estabelecimento possui amplas salas de aula, ótimos gabinetes de Química, Física e História Natural.

Para as horas de recreio há uma piscina olímpica de natação, 5 campos de esporte, 2 grandes pátios internos e amplo auditório com cinema sonoro.

Para pedidos de estatutos dirigir-se à Diretoria.

O "Almanaque Eu Sei Tudo" para 1944

está á venda em toda parte.
Preço: Cr \$ 8,00 em todo o Brasil.
Pedidos á Comp. Editora Americana
Maranguape, 15 -- Rio.

Livros

JOÃO CORDEIRO, ABOLICIONISTA E REPUBLICANO — Freitas Nobre — S. Paulo

Freitas Nobre

João Cordeiro
ABOLICIONISTA E REPUBLICANO



EDITORA EDITORA

O Sr. Freitas Nobre focalizando a personalidade de João Cordeiro, viu-se necessariamente levado a reconstruir toda a época em que o ardoroso abolicionista cearense viveu e batalhou. Os dias atormentados do movimento abolicionista, da proclamação da República, dos primeiros governos republicanos perpassam nas páginas deste livro despretensioso, descritos com vivacidade e justeza. A figura de João Cordeiro é digna de admiração pelo desassombro de suas atitudes e o destemor de suas afirmações. Brasileiro até a medula dos ossos, cearense até a raiz dos cabelos, sentimos palpitar nos menores gestos de sua vida aquela bravura imoderada, que, ao parecer dos tímidos, raia na loucura. É bastante típico, como definição do seu temperamento — e, mais ainda, do seu caráter, o telegrama que passou a Nilo Peçanha por ocasião dos incidentes do Acre: "Idolatro a República, respeito a Constituição, mas não encontro aí isto a que se deu o nome de território". Era um homem de uma só peça e uma só palavra. Por tudo isso este livro talvez não seja de todo inútil aos brasileiros de hoje.

BASES DA PAZ FUTURA — Henry M. Wriston — S. Paulo.

Assinalando que o "objetivo da guerra é a paz", o autor deste livro enunciou uma verdade que poucos reconhecem, mas que é indispensável à clara compreensão do pós-guerra. De fato, ao mesmo tempo que a vitória militar pende cada vez mais para o lado das democracias, observemos que os diplomatas e estadistas começam a tomar posições para a árdua campanha da paz.

No entanto, a paz, como a guerra, não pode ser ganha sem uma doutrina, sem princípios firmemente estabelecidos. O Nazismo tem uma doutrina, que se articula segundo uma lógica interior, própria à alma germânica. É preciso, portanto, que, na construção do mundo de amanhã, tornemos impossível a proliferação de doutrinas semelhantes que surgiram de determinadas condições políticas, econômicas e sociais. É grande a responsabilidade daqueles que irão lançar os alicerces da humanidade do futuro. É maior ainda se recordarmos o tremendo fracasso dos seus antecessores de Versalhes, causado por preconceitos, idéias falsas e por um ódio tão cego que os impediu de ver os pontos fracos do inimigo.

Isso mesmo nos recorda o autor de *Bases da Paz Futura*. Salienta que o Nazismo é um espírito e como tal só pode ser destruído pelas forças do Espírito. Uma vitória puramente material não o aniquilará, porque suas raízes, laboriosamente lançadas, prendem-se no mais profundo da alma humana. Não é, portanto, inútil, que Henry M. Wriston tenha colocado nas últimas páginas de seu livro duas alocações do Cardeal Hinsley, definindo a posição da Igreja no conflito e os princípios que acha devem reger o mundo de pós-guerra. Parece ser pensamento do autor, que plenamente ratificamos, a impossibilidade de se erigir algo duradouro fora dos Evangelhos. O que não é vivificado pela palavra de Cristo jamais passará do estado de cadáver.

Logo será o estadista que não procurar tomá-la como base e ponto de partida. O mundo de amanhã aparece-nos ainda envolto em densa névoa. Mas algo percebemos, desde já, e é que nada será feito, se não começarmos por uma mais perfeita valorização do ser humano. Muitos males do nosso tempo, provêm do fato de se ter apedreado o homem de sua posição propriamente humana, reduzindo-o ora a uma máquina, ora a um simples animal. A luta pela paz terá de começar por uma restauração da dignidade humana e esta não se conseguirá senão á sombra do Evangelho e na palavra do Cristo.

BASES DA
PAZ FUTURA

O CAFÉ COMO BEBIDA E FONTE DE OUTROS PRODUTOS — Cândido Fontoura — Rio.

CÂNDIDO FONTOURA



Este folheto, editado pela Companhia Editora Americana, bem poderia tomar o nome de "Manual do Bebedor de Café".

Isto porque elucida todos os problemas relativos á preciosa rubiácea, desde a sua composição, os efeitos fisiológicos que produz, a sua ação terapêutica, etc., etc.

Lendo-o nada nos ficará desconhecido a respeito da bebida nacional por excelência.

É por conseguinte um dever de brasilidade percorrer as páginas dessa monografia, leitura agradável e que contém muito dado interessante e desconhecido sobre o café.

REVISTA DE COMBATE Á LEpra, junho de 1943.

Recebemos o último número dessa interessante publicação que nos proporciona uma visão panorâmica do que se faz no Brasil contra o mal de Hansen. Além de trabalhos médicos de real valor, assinados pelos nossos mais distintos especialistas na matéria, contem, outrossim, trabalhos de caráter literário, e uma enorme quantidade de informações, dados estatísticos, etc. relativos a essa campanha que honra a ciência e a filantropia brasileira. Temos a destacar entre os valiosos trabalhos publicados, uma "Epidemiologia da Lepra no Estado de Pernambuco" da autoria dos Drs. Ernani Braga e Glynne Rocha, que nos proporciona um quadro completo da situação do Estado, do ponto de vista médico e dos esforços nele envidados para sufocar o terrível mal.

Novos

PARA COMPREENDER FREUD — Gastão Pereira da Silva. — Rio.

O Sr. Gastão Pereira da Silva é um desses homens para quem a psicanálise é uma religião. Para ele, é como Maomé para os muçulmanos, o profeta de um novo credo. Houve um tempo em que, de fato, a psicanálise era uma espécie de panacéia universal. Resolvia todos os problemas, elucidava todas as dúvidas. Era uma antropologia e uma teologia. Os nossos materialistas de botequim exultaram com o aparecimento das primeiras obras que pretendiam revelar Freud ao público — aspiração um pouco inútil, porquanto si o fundador da psicanálise possui algum mérito é, sem dúvida, o da clareza, que o torna acessível aos próprios leigos, o que explica em grande parte a difusão de sua doutrina. Há, porém, um Freud cientista e um Freud pensador e filósofo. O valor do primeiro é inegável, porque abriu caminhos novos ao tratamento das neuroses, embora seu método não seja o único e o de maior sucesso. Quanto ao pensador, que arquitetou o "complexo de Édipo" e as teorias abstrusas de "Totem e Tabéu", impregnadas de Schopenhauer e Nietzsche, este mereceu a sátira genial de Papini, em que o grande florentino não fez mais que chamá-lo uma grande vocação romântica transviada...

Não é o que pensa o Sr. Gastão Pereira da Silva que nos mostra a psicanálise como "uma filosofia, como um vasto sistema de explicação dos destinos humanos." E o mesmo pensa o Sr. Sócrates Diniz — que é um gênio no dizer do Sr. Arcebispo de Meur, única pessoa que o cita — afirmando solene que "quem não a aceita como hipótese legítima, não creia na hipótese da formação da terra, com que iniciamos estas páginas..." De fato, o ilustre prefaciador do livro começa a apresentá-lo fazendo a exposição da doutrina de Laplace...

Esperemos que os leitores desta obra (ao que parece são muitos pois já se acha na 6ª edição), saibam distinguir a parte estritamente científica da psicanálise da parte puramente imaginativa e novelística.

O ORIGINAL CLUBE DOS LIVROS

A propósito do artigo que sobre o título acima publicamos em nosso número de 1º de Janeiro de 1944, recebemos uma carta da sociedade "Livro do Mês" Limitada. Esta sociedade tem o mesmo escopo de *The book of the month club* — isto é, selecionar as obras apresentadas pelos sócios — leitores, custeando sua publicação.

Diversos escritores brasileiros de renome já aquiesceram ao convite para constituírem o "Conselho de Críticos" e algumas das mais conhecidas editoras derão seu apoio a tão leuavel iniciativa. A Sociedade tem um órgão — "Atualidades Literárias" — que se destina a propagar a obra que tenha sido selecionada como o "Livro do Mês". Com sede em São Paulo, a Sociedade é dirigida pelos Srs. Henrique Maranhão de Azevedo e Arnaldo Casimiro Costa.

A REVISTA DA SEMANA congratula-se com a interessante e útil organização, augurando-lhe um rápido desenvolvimento.

A MORTE DE JEAN GIRAUDOUX

Há pouco era Romão Rolland. Agora é Jean Giraudoux que abandona este mundo onde deve ter vivido momentos sombrios e angustiosos. Vivia em Paris, onde morreu, nesse Paris que sofre a opressão nazista e onde a brutalidade dos bárbaros conspurca as mais caras recordações artísticas da França.

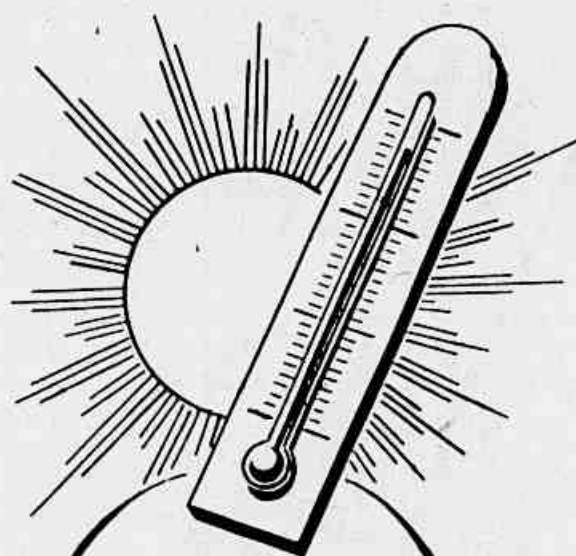
Jean Giraudoux foi escritor e desempenhou cargos de importância na administração chegando mesmo a ministro. O ministro Giraudoux, porém, em breves dias, cederá

lugar ao artista Giraudoux de muito maior significação para nós e para as letras francesas. Romancista e teatrólogo, Giraudoux criou para si uma linguagem que era a transposição em palavras da arte impressionista. Poeta de requintada sensibilidade, não lhe bastavam os recursos comuns tão soados pelos seus confrades. Sentiu como poucos profunda necessidade de renovação das letras e buscou-a sobretudo num remodelamento da frase, em maneiras novas de dizer coisas velhas. Suas peças de teatro eram uma tela sutil de sentimentos delicados. Não era um realista que quisesse fotografar implacavelmente as paixões dos homens. Si o quisermos definir com exatidão diremos que foi simplesmente um poeta, não tão profundo como Claudel, é verdade, mas como ele dominador da língua e de uma sensibilidade apuradíssima. O autor de *Suzanne et le Pacifique*, de *Simon le Pathétique* e de outras jóias da literatura francesa publicou em 1941 *Littérature*, onde fazia um resumo de seu credo estético, desenvolvendo algumas idéias sobre homens e livros de seu tempo. Foi esse seu último livro.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



PRINCE DE GALES
UM PRODUTO COSTA PENNA



Para os dias de calor

Regina

A RAINHA DAS ÁGUAS DE COLÔNIA!

A VENDA EM TODO O BRASIL

DOR de ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS

Papeis

BANKETS



BIGODE

DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
ESPEC. GUILHERME KLOTZ

SÃO PAULO - 1471 Av. Brig. Luis Antonio

TRATAMENTOS CIENTÍFICOS DA CUTIS

Pede cartaz de prospecção:

Nome:

Endereço:

MATRIZ: SÃO PAULO

Rua Libero Badaró, 103 loja-
107 s/loja — 1.º e 2.º ands.

Caixa Postal, 178-B e 2999

fone 2-4550

Telegrama "CONSTRUTORA"

EMPRESA
CONSTRUTORA
UNIVERSAL

A maior organização predial do Brasil

Inspetorias em todos
os Estados do Brasil.

Agências em todas
as cidades do Brasil.

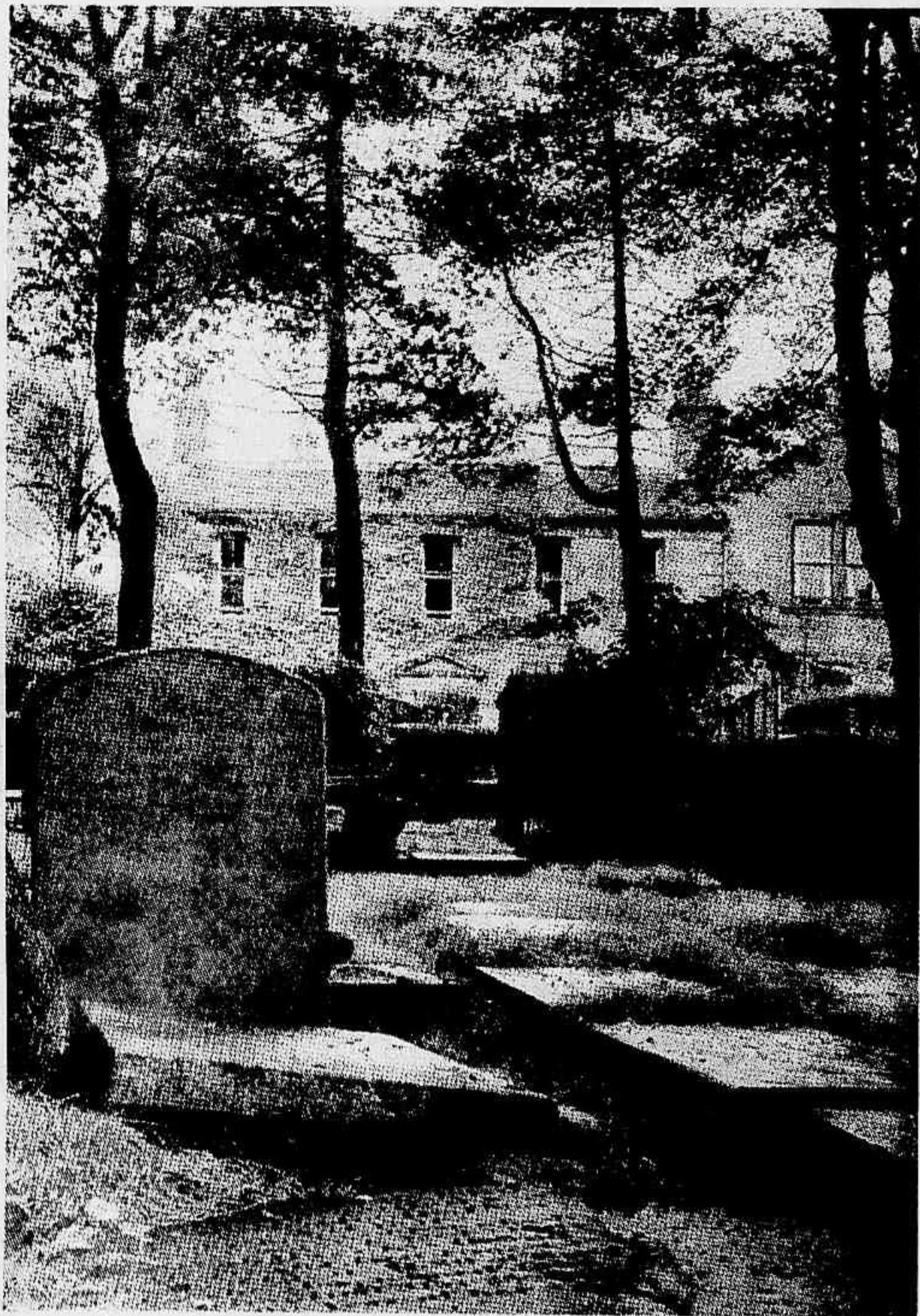
BIO-HEPAX

PACIFICADOR DO FIGADO

PRODUTO DO LABORATÓRIO DA QUARANTINA

O Morro dos ventos uivantes

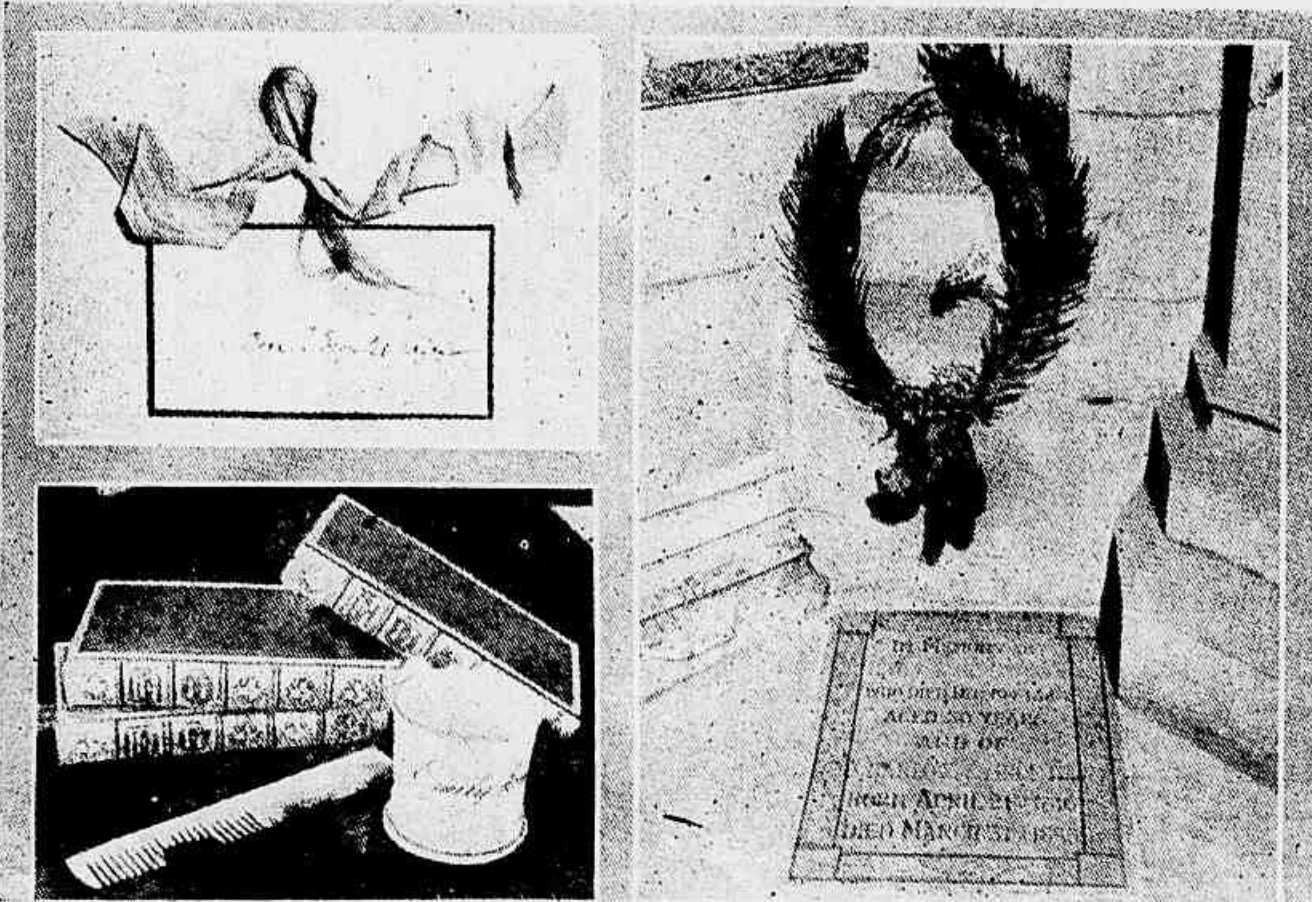
(CONTINUAÇÃO DA PAG. 11)



O presbitério de Haworth aparece no fundo visto por cima de um túmulo. A casa era muito menor e menos ornada quando as irmãs Brontë viviam aqui. As paredes estão cobertas por uma densa parreira e as duas árvores ao centro plantadas por Charlotte e seu marido já estão bastante altas.

dêsse modo, o trabalho do crítico que esmiúça o livro em busca da vida que por trás dele se esconde.

A obra das irmãs Brontë tão característica, podemos mesmo dizer única na literatura inglesa de seu tempo, foi construída, em seus detalhes, pela paisagem que rodeava o lar das escritoras. Seu caráter mais íntimo, porém, a estranheza que emana das páginas de *Jane Eyre* e de *O Morro dos Ventos Uivantes* essa só a podemos explicar pela própria alma singular de Charlotte e Emily.



A mecha de cabelos foi cortada a Charlotte depois de morta por um amigo desconhecido. O copo e o pente pertenceram a Emily. Ela segurava o copo ao morrer. Rolou de suas mãos e foi parar na lareira donde o retiraram meio partido.

O túmulo onde repousam as duas irmãs fica na igreja de que seu pai era pastor.



Tendo comprado *Wuthering Heights* do arruinado irmão de Cathy, depois da morte desta, vinga-se no filho do arruinado Hareton.



Cégo de amor e de desejo de vingança, Heathcliff revolve durante a noite a sepultura de Cathy, procurando o seu corpo adorado. Depois de morto, Cathy e os seus espíritos eram vistos passeando juntos nos desolados pantanos onde se amaram desde crianças.



Mr. Lockwood — faz uma visita a *Wuthering Heights*. Indo visitar Heathcliff de quem arrendara uma propriedade, Heathcliff, homem rude e violento, deixa Lockwood sozinho numa sala onde uma matilha de ferozes mastins o ameaçam!



Isabella — esposa de Heathcliff é maltratada por seu imperioso marido eternamente apaixonado pela memória de Cathy. Heathcliff era um menino cigano quando foi adotado por Mr. Earnshaw, pai de Cathy. Humilhado pelo irmão de sua amada, ganhou o mundo tornando-se rico. Quando voltou, Cathy se havia casado por conveniência mas nunca deixaram de se amar.

Síntese do Ano Literário 42-43

Trabalho completo é a Síntese Literária do ano, que vem publicada no "Almanaque Eu Sei Tudo" para 1944, à venda em toda parte. É uma supervisão perfeita do movimento literário no Brasil no citado período: apreciação minuciosa assinada por um dos nossos melhores críticos.

Além disso, publica o "Almanaque" 14 contos escolhidos e ilustrados, calendários, informações sobre o novo ano, artigos e estudos de interesse para militares, advogados, médicos e agricultores, notas sobre o Brasil e magnífico suplemento bancário a cargo do Sr. Vieira de Alencar.

Páginas coloridas, cinema, turismo, assuntos para a mulher, enchem as 300 páginas da 24.ª edição do "Almanaque Eu Sei Tudo".

Encontra-se em todas as livrarias e bancas de jornais.

Pedidos à Cia. Editora Americana mediante vale do correio ou pelo reembolso postal.

Maranguape, 15 — Rio.

A LOUCURA DE UM SABIO

Conto de VALENTIM MAGALHÃES

Ilustração de GOUTART

Em geral a consternação. Os rapazes, que, ao princípio da preleção, tanto se riam ao ouvirem os disparates do seu velho e sapientíssimo mestre, encaravam-se agora espantadamente, com olhos cheios de lástima e dó.

Não havia dúvida: o Dr. Sebrão enlouquecera. Citado! Quem poderia pensa-lo? Um homem tão grave, tão criterioso, tão lucido! E sobretudo — tão sabio! Ainda na véspera havia discorrido com extraordinária clareza e erudição profunda sobre o cerebello e o bulbo raquidiano.

Ao ouvi-lo, ninguém supoz — quem poderia supô-lo? — que aquele homem, que com tanta proficiência explicava o funcionamento do cerebro humano, estivesse afetado no proprio.

Mas no dia seguinte — naquele em que nos encontramos — quando o ilustre professor, depois de haver escovado o pigarro, agitado os olhos, deposto o enorme lenço de seda sobre a mesa, começou a sua preleção; exclamando com enfase tribunicia,

— Meus amigos! A vida é uma farsa melancolica e o mundo um teatro de bufos tragicos, cujo empresario não se conhece, mas que se pateia de vez em quando, porque não varia os espetáculos; quando o Dr. Sebrão pronunciou estas singulares palavras tão diversas do assunto da preleção, correu, dando volta pelas bancadas em semicirculo, um freio de gargalhada, como essa lufada tremula e friíssima que precede e anuncia a tempestade, que se avizinha terrível.

Mas o Dr. Sebrão passou por sobre todos os rapazes o seu frio olhar percuciente, o seu olhar cirurgico, e a tempestade, prestes a desabar, equilibrou-se no ar, suspensa, ameaçadora. E não rebentou. Fugiu em um marulho confuso de tosses de disfarce, e de curtas frases, rapidas, contidas.

Sim, meus senhores, continuava o doutor, a vida é uma patuscada funebre. *A quoi bon* fatigar, derreter a massa nervosa do cerebello, esgotar as celulas, desmanchar as circunvoluções, a pensar, a calcular, a construir, a destruir ideias e doutrinas, sistemas e utopias? *A quoi bon*? Eu sou pela ignorancia absoluta. E se chegar a ministro de Estado, como espero, farei substituir todas as escolas primarias, secundarias e superiores por outras inteiramente novas em que se ensine uma coisa unica: — o horror à ciencia. Nessas escolas se ensinará aos que sabem muito a desaprender tudo, e a não aprender nada ao que muito querem saber. A ciencia é uma asneira.

Saber é inutil. E' preferivel dormir, dormir, dormir! Se a vida é um sonho, seja igualmente um sono. E que sono mais tranquilo e mais doce que o das bestas? Bestifiquemo-nos.

Os alunos encaravam-se, já sem vontade de rir; e levavam de novo os olhos sobre o ilustre medico, cuja fisionomia se transfigurava de instante a instante. A cabeleira alvissima, caída em juba sobre os hombros largos e ossudos, parecia arrepiar-se por si mesma, sacudindo no ar os cachos em explosões de finissimos fios, como vagas de espuma, que estouram na areia da praia, lançando para todos os lados agudas e delicadissimas setas de agua, que se irisam instantaneamente ao contato de um raio de sol.

O seu grande nariz aquilino e nervoso dilatava as azas palpitantes, sofriego, como faminto, de um perfume brutal, que em vão buscava aspirar no ambiente.

O olhar perdia pouco e pouco a luz do costume, a luz tranquila e límpida, com reflexos levemente azues, que sae das folhas de aço dos bisturis. E enrubescia. Fuzilava elações de força, reflexos de poça de sangue em que se esbata o sol. Parecia que a lâmina do bisturi — que ha pouco, enxuta e limpa, brilhava de um brilho argenteo, sereno e claro — se enterrara em um corpo e, tinta em sangue, voltava á luz do dia. Assim o seu olhar.

As magras mãos, compridas e expertas, tateavam perdidamente em gestos esbaldados, angulosos, imprevistos.

Disse-lhe que naquele homem, tão sensato e ajuizado sempre, em certo momento tudo enlouquecera: — os olhos, a lingua, a cabeleira, as mãos... A sua fisionomia volubreana aguçava-se, tomava um ar penetrante, mas desvairado; aparecia iluminada por clarão fantástico.

— E, todavia, meus senhores, prosseguia o Dr. Sebrão, eu sou um sabio, eu tudo sei. A carcassa humana não tem segredos para mim. Vejo através das vestimentas e da pele o que vae por dentro de um homem.

A ciencia deu-me um poder de vidente. Os corpos adquirem ao meu olhar a transparencia do vidro. Eu ausculto, apalpo e sondo com os olhos. Tudo sei. Tudo vejo...

Ao dizer isto, deteve o olhar febril e chispante sobre o aluno que lhe ficava fronteiro. Crispadas as mãos á beira da mesa, o corpo imóvel, a cabeça inclinada para diante, os olhos fixados sobre o rapaz, quedou-se; e assim conservou-se durante cinco intermináveis minutos, na attitude estranha de um iluminado a perscrutar o invisível.

Foi erguendo lentamente o corpo, sem levantar os olhos nem despegar as mãos da tábua da mesa, até pôr-se de pé, e, então, apantando com um gesto agudo e violento o peito do estudante, exclamou:

— Lá estou vendo tudo: — o fígado, o baço, os pulmões, o coração, o estomago. Aproxime-se, senhor, aproxime-se.

Adeantou-se o estudante até junto da mesa em que preleccionava o Dr. Sebrão.

Era um moço de vinte anos de idade, se tanto. Espadado e forte; fisionomia espessa, revelando pouca intelligencia e muita resolução. Sobre a fronte acanhada e curta caía despenteada a cabeleira negra, insubmissa; aproximavam-se, formando uma linha quasi retila, as sobrancelhas bastas, cerradas, que davam aos olhos, fundos e esmerilhantes, enterrados nas orbitas, um tom de severidade e pertinacia excessivo, quasi feroz. Ergueu-se de má vontade, e aproximou-se do professor lentamente, com evidentes mostras de contrariedade.

Somente ele se não rira ha pouco dos disparates do Dr. Sebrão. Desagradava-lhe muitissimo o ter de servir à loucura do mestre e à diversão dos colegas. Por isso, ao chegar-se áquele, disse-lhe cortezmente, muito sério:

— Peço desculpa a V. Ex. Estou adoentado e necessário retirar-me.

Tanto melhor, tanto melhor. Examiná-lo-ei e explicarei aos meus ilustrados discipulos a natureza e os sintomas patológicos do seu mal. Consinta que o examine.

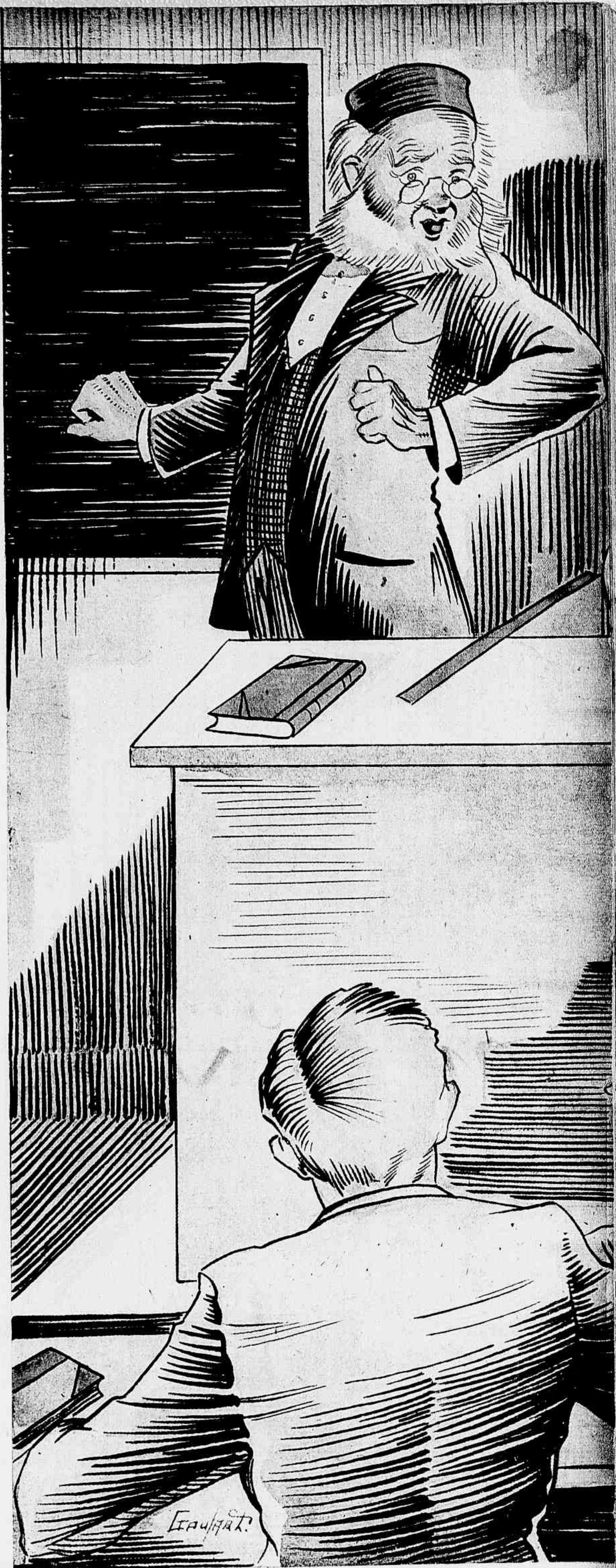
Dizendo isto passou-lhe o olhar demoradamente pelo rosto e depois pelo corpo. A impressão que dava aquele olhar esbraseado e lancinante, percorrendo a face, a cabeça, as mãos do estudante, era de um esilete encandescido, cortando e comburindo, a um tempo, as carnes por onde passava.

Pletorico; pletorico... Pulmões de aço, hematose admirável! murmurava o ilustre professor, continuando o exame. Arterialização estupenda, estupenda! Assimilação perfeita e rapida. Bem; muito bem. Resta agora examinar o seu estado *cenico*.

Gargalhada geral. O respeito ao lente e a compaixão pelo seu estado mental não puderam resistir áquele ultimo destempero científico.

Estado *cenico*? Era demais!... e a aula em peso desatou a rir com uma enorme casquinada sonora.

Deteve-se, ao ouvi-la, o Dr. Sebrão. Empalideceu, ensombrou-se-lhe irosamente o semblante; fagulharam-lhe os olhos, fechou a mão, erguendo o punho em um impetuoso grito. Ia certamente repreender os alunos, furioso com o desrespeito de que lhe deram prova. Mas... desensombrou-se-lhe o rosto, voltou-lhe a cor natural, desfez o





SUZANA FOSTER



ANNE GWYNNE

De Hollywood, New-York etc.

FOTOS
DA
UNIVERSAL

DESFILE IMPONENTE

VAMOS iniciar hoje uma parada de modelos já destinados aos dias do Carnaval que se aproxima; começamos pelos vestidos de baile.
Durante o ano, as elegantes de todo o mundo rebuscam nos figurinos mais famosos qualquer coisa de novo, que não encontram; parece que o esforço de guerra esgotou o poder de criação dos figurinistas mais afamados. Eles se aventuram de vez em quando a uma criação extravagante, que não encontra adeptos, porque a época de



SUZANA FOSTER



MARJORIE REYNOLDS



ANNE GWYNNE



GLORIA JEAN

atordimento deseja antes, simplicidade; nada que choque o ambiente grave e triste. Os vestidos de baile são indispensáveis sempre; as recepções elegantes se multiplicam em qualquer parte onde haja um grupo de veranistas *chics*. As festas em benefício de alguma instituição da guerra se sucedem dia a dia e tem às vezes um caráter de *féerie*. A mulher não perde a oportunidade de pavonear sua beleza ou sua elegância mesmo invocando os mais trágicos motivos.

Os vestidos de noite conservam a mesma linha há anos, com tendência a ampliar sempre mais as saias. O ano passado houve uma tentativa para a linha *colante*, aberta a saia até certa altura como as saias das apachinetes; este ano a linha *colante* não vai além das cadeiras, as rodas são amplas. Contudo o estilo *crenolina* volta a dominar. Talvez os filmes decalcados em temas das guerras de Secessão tenham influído nessa preferência da mulher americana, que é hoje o modelo predileto das elegantes de todas as latitudes. Talvez por seu aspecto juvenil e gracioso esse estilo sedusa aquelas cujas linhas não sejam bastante esbeltas para os vestidos colados. Na verdade é uma moda romântica e sugestiva, e assim sendo não poderia deixar de agradar à mulher.

Ofereço hoje desfile de modelos para baile, no encanto sedutor de algumas das estrelas da Universal.

ANNE GWYNNE — Amplo vestido de organza, sobre um forro de tafetá; é ele franzido ao redor dos seios formando *soutien* e desce em linha ajustada até às cadeiras; a saia muito rodada prende-se ali por um franzido formando cabeça; como nota de originalidade enfeita-o um bando de borboletas de lantejoulas e pedras.

SUZANNA FOSTER — Lindo vestido de filó francês, sobre um forro de setim macau muito ajustado; é franzido ao redor do busto e rodeado com um babado de filó; também este se ajusta até às cadeiras contornando-as com outro babado igual, saia bem ampla, toda salpicada de lantejoulas, e algumas estrelas de pedrarias.

MARJORIE REYNOLDS — Veste um maravilhoso *Styl* em pelúcia preta, grandes laços nos ombros; enfeita-se de perolas que harmonizam com seus cabelos quasi prateados, e assim assemelha-se a uma noite de luar.

Ainda SUZANNA FOSTER: agora o seu modelo é de linhas mais novas, é de espuma branca salpicado de lantejoulas formando pequeninas flores e sobre o ombro direito e a cintura do lado contrário duas grandes aplicações de flores matizadas em lantejoulas e pequenas pedras de cores brilhantes.

Agora novamente Miss GWYNNE, com o corpo ajustado até os quadris, num maravilhoso vestido de lamê, saia em *godets* amplos e blusa franzindo em drapeados, sob os seios, decote bem alto atrás. A riqueza do estofado não lhe permite o uso de joias vistosas, ela usa apenas um broche de ouro com pedras preciosas em variados tons.

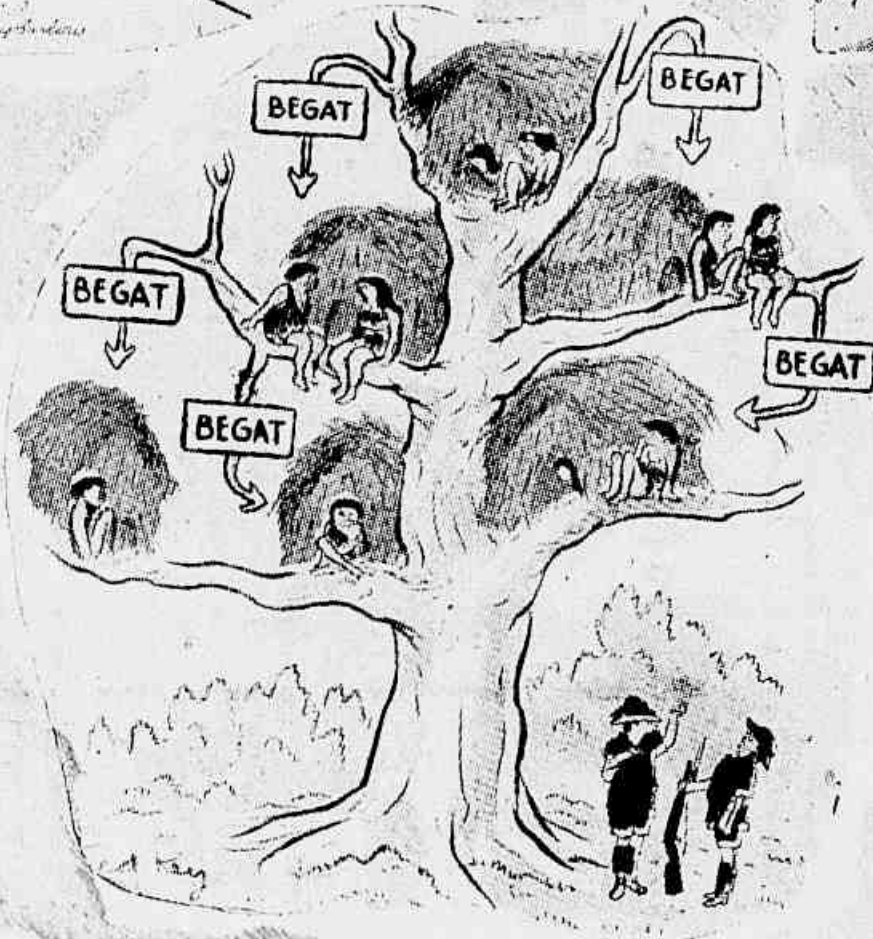
Para o próximo número vamos ter alguns modelos para o Carnaval; sugestões interessantes para os grandes bailes dos Clubs e fantasias bizarras para o corpo. É possível que encontremos, desta vez, algo de mais original e também mais belo.

A bizarra extravagância da imaginação dos figurinistas de cinema têm criado, em fantasias, coisas bem extravagantes, que afinal ajudam a esquecer, por instantes, o atroz cenário universal em que vivemos, alegam a vista e fazem sorrir.

Aí temos, para fechar o desfile, Gloria Jean, com uma interessante estilização camponesa, para os bailes nos clubes.



— Certas horas, dá-se ser
horrible ter uma casa para
onde ir.



— E' ve d de que estamos em guerra?
— Sim, desde Setembro de 1939.
— Ah! Haviam-me falado de 1914.



Rancho!

— Acho que é uma espécie de
árvore genealógica!



Atenção! Silêncio!

OUTROS RIRAM

O REI CINZENTO

Monsieur Hanaud fumava um dos havanas especiais do sr. Ricardo, na sala de jantar da bela casa que este possuía em Grosvenor Square. O julgamento, que o trouxera de Paris, terminara naquela manhã. Fizera um ótimo lance com seu amigo: tirara o guardanapo do colarinho; estava à vontade; e, enquanto fumava, ainda fazia um sermão.

— A sorte, meu amigo, é o melhor aliado do detetive. Uma palavrinha sem importância que você use e a coisa vem a lume — um característico estranho num temperamento é levado a revelar-se — um singular incidente interrompe a rotina do inquérito. E o raciocínio atira-se. "Ping", diz você, si por acaso joga tenis. "Pang", diz você, si joga o majong. E eis você sobre a pista.

— Perdão.

Por enquanto o sr. Ricardo estava no ar.

— Eu disse "você está na pista" — repetiu Hanaud amigavelmente.

O sr. Ricardo sorriu com indulgência. Também ele participara das deliciosas costeletas de carneiro e bebera a metade de uma garrafa do finíssimo "Haut Brion".

— Você quer dizer, sem dúvida, que está prestes a dar o tiro de graça — disse, ele.

— Não, não — protestou Hanaud, inclinando-se para a frente. — Não falo de execuções. Os detetives nunca estão presentes às execuções e, quanto a mim, acho-as repugnantes. Eu digo que você está sobre a pista. É uma expressão de graça. Significa que quando os pratos estão limpos aí está você, o Homem que achou a Dama embaixo do dedal.

O sr. Ricardo não se achava com disposição de acompanhar seu amigo através dos tortuosos labirintos de suas metáforas.

— Estou começando a compreendê-lo — retrucou com resignação.

— Sim. — Hanaud balançou a cabeça complacentemente — Falo com precisão. É sabido.

Após bater de leve na porta, Thomson, o incomparável criado do sr. Ricardo, penetrou na sala.

— Um certo sr. Middleton deseja vê-lo — disse, entregando um cartão de visita sobre uma salva.

Ricardo apartou de si a salva.

— Não recebo visitas logo depois do lance. É uma falta indesculpável procurar-me neste momento. Mande-o embora!

O criado, no entanto, perseverou.

— Tomei a liberdade de ponderar que a hora não era oportuna; mas o sr. Middleton esperava que monsieur Hanaud

Novela de
A. E. W. MASON

(Traduzida
especialmente
para a
REVISTA DA SEMANA)

estivesse com o senhor. Parecia muito agitado.

Ricardo apanhou o cartão com relutância. Leu em voz alta.

— John Middleton, secretário da Companhia Unicórnio de Seguros Contra o Fogo. Eu próprio estou segurado nesta companhia. — Voltou-se para o seu hóspede. — Não há dúvida que ele tem motivos para desculpar-se. Mas seja como você quiser.

O estranho desejo de monsieur Hanaud, naquela tarde, era galgar o Monumento e ver as Joias da Coroa na Torre, mas sua bôa índole venceu e, já que devia achar uma demonstração a mais dos princípios que pregara, não o lamentava.

— Estou de acordo — disse simplesmente.

— Veremos o sr. Middleton na biblioteca — disse o sr. Ricardo; e para aquele espaçoso dormitório de profundas poltronas e nobres volumes foi introduzido o visitante.

Hanaud deliciou-se em analisá-lo. Middleton era um objeto de colecionador, pertencente à era vitoriana. De meia idade, suíças enquadrando a face alhures escrupulosamente barbeada, muito cuidadoso e com um acento antiquado na voz, tinha um risinho saltitante e usava uma comprida sobrecasaca preta e calças listradas. Era profuso em desculpas por sua intromissão.

— Meu bom amigo, o superintendente Holloway, da rua Malborough, cuja pequena propriedade está segurada por nós, pensou que eu pudesse encontrá-lo na casa do sr. Ricardo. Fui de muita sorte.

— Devo voltar amanhã a Paris — retrucou Hanaud. — Por esta tarde estou ao seu inteiro dispor... O senhor fuma?

Hanaud tirou do bolso um maço de cigarros pretos, o Middleton encolheu-se como si tivesse visto repentinamente sobre o tapete uma cobra pronta a atacar.

— Oh! não, não — exclamou assustado. — Só fumo um pequeno charuto fraco ao terminar a tarefa diária. O senhor me desculpará? Tenho uma pequena história a contar.

— Comece! — pediu Hanaud delicadamente.

— Trata-se de um sr. Swallow — começou Middleton. — Pegue-lhe que não se deixe enganar por esse nome. É um cavalheiro sírio de nascimento e inglês por naturalização. Mas torno a pedir-lhe que não se deixe impressionar com isso. Nada existe em sua pessoa da astúcia do Oriente. É uma criatura simples, grande, direita, um camponês que se pode dizer tão honesto como o dia. E deve ser assim. Não faço acusações.

— Tem algum negócio, esse homem honesto? — perguntou Hanaud.

— Negocia em peles.

— O senhor começa a me interessar.

— Há um ano Enoch Swallow arranjou para seu comércio uma casa em Berwick Street, naquela longa e estreita beco perto do fim de Oxford Street. O andar térreo tornou-se sua loja, ele e a mulher com uma cozinheira ocuparam o primeiro andar, e os dois compartimentos em cima foram destinados a seu valioso estoque. Veio procurar-nos, então, para um seguro.

— Ah! — disse Hanaud.

— Hesitamos — continuou Middleton, puxando uma de suas suíças. — Tudo

estava como devia: a licença da casa, o cumprimento das disposições do Condado, o valor do estoque — raposa prateada, zibelinas, lontra — tudo em ordem, e no entanto hesitamos.

— Por quê? — interrogou Hanaud.

— Veja bem, não sugiro coisa alguma. — O sr. Middleton insistia muito em sua completa imparcialidade. — Queriam um seguro para acidente. A Société Universelle pagava o dinheiro do seguro. Mas o sr. Enoch Swallow já sofrera um incêndio em estabelecimento semelhante no Boulevard Haussmann em Paris três anos atrás.

— Enoch Swallow? — O Boulevard Haussmann? — Hanaud mergulhou fundo nas suas recordações, mas voltou à superfície de mãos vazias. — Não, não me recordo. Não houve questão.

— Oh! claro que não — insistiu Middleton. — Nada disso. Incêndios acontecem, de outro modo por que razão se faria um seguro? Por isso enfim — é o nosso negócio, a concorrência é forte e nada podia ser mais honesto do que a conduta do nosso cliente — fizemos-lhe o seguro.

— Por uma grande quantia?

— Por vinte cinco mil libras.

Hanaud assobiou, multiplicou a soma em francos e encontrou milhões.

— Para um cavalheiro sírio, mesmo que agora se tornasse inglês, é uma soma esmagadora.

— E eis que na noite passada tudo acontece de novo — exclamou Middleton dando um puxão e um tapa nas suíças. — O senhor acredita isso?

— Certamente, acredito — retrucou Hanaud. — É sem fazer a menor pressão sobre a minha credulidade.



Usar a pasta S. S. White é saber dar preferencia ao dentifricio mais completo para higiene e conservação dos dentes.

PASTA DENTIFRICIA S.S. WHITE

INDUSTRIA BRASILEIRA

Middleton ergueu a mão à guisa de advertência.

— Mas lembre-se, por favor, de que não há nenhuma acusação. Nem cheiro de petróleo nas ruínas. Nenhum mecanismo. Nada.

— E contudo... — disse Hanaud com um sorriso. — O senhor tem lá suas dúvidas.

O secretário deu um risinho.

— Monsieur Hanaud — disse modestamente — frequentei outrora o Moulin Rouge. Experimentei fumar certa vez um cigarro escuro de um maço azul. Mas os filamentos do tabaco prenderam-se entre os meus dentes e produziram-me grande repulsa. Pois bem: hoje tenho o sr. Enoch Swallow entre os meus dentes.

O sr. Ricardo, que durante todo esse tempo estivera sentado em silêncio, pensou que fosse este o momento azado para um pequeno gracejo, afirmando que si o secretário engulisse o sr. Swallow haveria de sentir-se em piores condições. Mas, embora Middleton emitisse um risinho cortês, Hanaud lançou-lhe um olhar de censura e o sr. Ricardo calou-se.

— Quero ouvir o que aconteceu na noite passada — disse Hanaud.

— Era a noite de saída da cozinheira. Tinha permissão, além disso, para passá-la com amigas em Balham. Ela própria o pedira. Em nada percebera que sua ausência fôsse desejável. Seus amigos haviam-na convidado e pedira essa licença por iniciativa própria.

— Ora, muito bem — continuou Middleton — às seis horas pôs uma coisa fria para os Swallow na sala de jantar e tomou um ônibus para Balham. Os empregados já tinham saído. A loja estava fechada e só Enoch Swallow e sua mulher ficaram em casa. Às sete os dois cearam e, depois de fecharem a porta da frente, foram ao cinema em Oxford Street, onde um filme francês estava sendo exibido. *Toto et fils* era o nome do filme. Chegaram ao cinema poucos minutos depois das oito. Não há dúvida a esse respeito, pois encontraram o gerente da casa com quem tinham relações na sala de espera, e conversaram com ele enquanto aguardavam o fim da primeira sessão e a saída do público. Tinham lugares reservados no *Grande Cercle*, e aí o gerente os encontrou exatamente antes das onze horas quando lhes trouxe a notícia de que seu negócio estava pegando fogo.

— Sim, o incontestável alibi — disse Hanaud. — Eu estava esperando por ele.

— Correram a seu lar — resumiu Middleton, mas Hanaud não lhe perdoou a palavra.

— Lar? Gente como essa tem lar? Um lugar cheio de pequenos tesouros sem valor que ficaríamos doentes se perdêssemos? A história de nossos pequenos triunfos, de nossas grandes dores, de nossas horas felizes? Não, não, atenhamo-nos aos fatos. Tinham uma loja e um depósito voltaram e encontraram tudo em chamas. Muito bem! Continuemos. A que horas foi percebido o incêndio?

— Cerca das nove e meia, um passageiro viu a fumaça saindo da porta. Atravessou a rua e avistou uma labareda a arremessar-se por trás da janela — pensa ele que foi no primeiro andar. Mas é incapaz de jurar que não fôsse no segundo. Demorou alguns minutos para achar um dos sinais de alarme. O verão tem sido seco, todas as prateleiras de pinho nos compartimentos superiores estavam como alcatrão. Ao tempo em que chegaram os bombeiros a casa era uma fogueira. Quando os Swallow foram descobertos no cinema e correram a Berwick Street, os assoalhos estavam desabando. Quando a cozinheira voltou às seis e meia desta manhã havia apenas uma ruína rodeada de muros vacilantes.

— E os Swallow? — indagou Hanaud.

— Perderam tudo. Nada tinham, a não ser as roupas que vestiam. Foram hospedados por aquela noite num pequeno hotel de Percy Street.

— Pobre gente! — disse Hanaud com uma voz de piedade e um rosto impassível. — Como explicam o fogo?

— Não explicam — disse Middleton. — A mulher chora, o homem está desesperado e atônito. Era muito cuidadoso, diz ele. E, já que o fogo só começou pouco tempo depois de terem ele e sua esposa deixando a casa, pensa que a culpa é de algum ladrão. Ah! sim.

E o sr. Middleton debruçou-se em sua cadeira.

— Há um pequeno detalhe. Ele sugere — não é muito galante — que o ladrão devia ser algum amigo da cozinheira. Não possui provas. Não. Costumava julgá-la uma mulher simples, honesta e estúpida e não uma boa cozinheira. Mas agora não tem muita certeza disso. Decididamente não é uma sugestão muito correta.

— Mas devemos lembrar-nos de que era um cavalheiro sírio antes de tornar-se inglês, não é isso? — disse Hanaud. — Sim, tais sugestões deviam ser esperadas com certeza. O senhor já o viu?

— Sem dúvida — exclamou Middleton, e curvou-se tanto em sua cadeira que parecia a ponto de cair. — E consideraria um grande obséquio si o senhor, monsieur Hanaud, e o seu amigo o sr. Ricardo — ele reunia o abandonado Ricardo delicadamente no conselho — também o vissem.

Hanaud ergueu as mãos em sinal de protesto.

— Seria uma grande irregularidade, não ocupo nenhum lugar nesta questão. Sou mero espectador — e, acendendo um dos seus cigarros, concretizou sua posição.

Middleton varreu o epíteto e o argumento. Nunca pensaria em comprometer monsieur Hanaud. Queria dizer "ver", e não examinar, e aqui seu amigo superintendente Holloway viera em seu auxílio. O superintendente também desejava ver o sr. Enoch Swallow. Não tinha nenhuma acusação contra ele. Para Holloway, na sua qualidade de superintendente, Enoch Swallow era vítima do infortúnio, seguido, sem dúvida, mas contudo uma vítima. De qualquer maneira o superintendente desejava lançar-lhe uma olhada. Por esse motivo pedira-lhe que fôsse às cinco horas à delegacia de polícia de Marlborough Street.

— O senhor compreende, o superintendente tem um motivo agradável, generoso para esse convite. O sr. Swallow ficará grato e o superintendente poderá

EXTRACTO Nº 1015 Ccx. Nº 1017 Ccx.

BRILHANTINA Nº 1012

ROUGE Nº 1067-A Nº 1067-C

BATON Nº 1068

LAVANDE Nº 1006 Nº 1008-F

ORYGAM Nº 1010

ORYGAM Nº 1013

COLONIA Nº 1003 Nº 1004

CREME Nº 1014

LOÇÃO Nº 1020 Nº 1021 Nº 1022

EXTRACTO Nº 1016-5/cx. Nº 1016-6/cx. Nº 1016-M

SABONETE Nº 1080 NOS PERFUMES: ORYGAM FOUGERE CHYPRE COLONIA LAVANDE

PO Nº 1050 Nº 1051

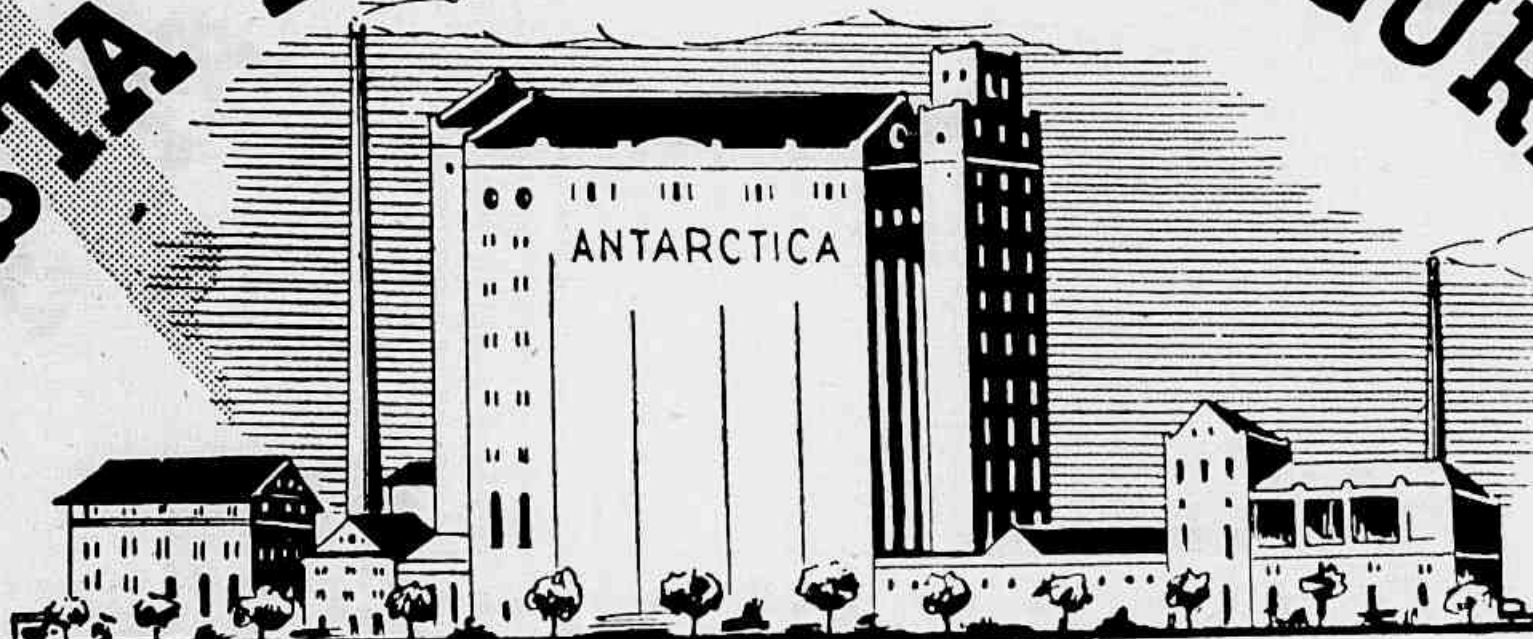
ORYGAM de GALLY

QUALIDADE, LUXO E FINO GOSTO
são as características desta coleção de elite.
PERFUME SUAVE E PERSISTENTE

A VENDA EM TODO O BRASIL

T. TARQUINO

ESTA FÁBRICA ASSEGURA...



HIGIENE ABSOLUTA:

Rigorosa higiene, uma das garantias dos produtos da ANTARTICA. Em todas as fases da fabricação essa higiene é assegurada por processos mecânicos especiais.

MATÉRIA PRIMA:

Toda a matéria prima é submetida a exames de absoluto rigor. Somente os ingredientes da melhor qualidade são utilizados.

PERFEIÇÃO TÉCNICA:

Além da higiene e da seleção de matéria, merece realce a competência dos técnicos que dirigem todas as delicadas operações da fabricação, através de uma experiência de 52 anos de progressista atividade.

CERVEJA ANTARCTICA

Cerveja leve de baixa fermentação. - Não ha nada melhor na época do calor.



MATRIZ: S. PAULO. FILIAIS: RIO, SANTOS, RIBEIRÃO PRETO, B. HORIZONTE E RECIFE



★ Continental

ESTRADA DE FERRO BRASIL



O salão nobre do Club de Engenharia reuniu, no dia 27 do mês último, uma numerosa e seleta assistência, para ouvir a palavra do dr. Luis Alberto Whately, engenheiro chefe da Comissão Mixta Ferroviária Brasileiro-Boliviana, sobre a grande realização que é a Estrada de Ferro Brasil-Bolívia, parte da ferrovia transcontinental que ligará o Atlântico ao Pacífico, de Santos a Arica, no Chile, empreendimento de alto sentido panamericanista que foi, sem dúvida, uma antecipação da política de boa vizinhança hoje tão auspiciosamente posta em prática de Norte a Sul da terra americana, produzindo o maior bloco continental de nações unidas pelo mesmo ideal de liberdade e progresso.

A mesa que presidiu à reunião achavam-se o ministro das Relações Exteriores, sr. Oswaldo Aranha, o secretário geral de Viação e Obras Públicas do Distrito Federal, sr. Edison Passos, presidente do Club de Engenharia, os representantes do sr. Ministro da Viação e do sr. Comandante da Escola Militar, além de outras altas personalidades. O sr. Edison Passos fez a apresentação do conferencista, louvando a sua capacidade profissional, que o coloca entre os vultos mais destacados da engenharia ferroviária nacional.

Dando início à sua palestra, que versou sobre o tema "A Estrada de Ferro Brasil-Bolívia parte integrante da Transcontinental Arica-Santos", o sr. Luiz Alberto Whately estendeu-se, com clareza e autoridade, sobre a execução do plano ferroviário estabelecido pelo Tratado de 25 de Fevereiro de 1938, historiando, com o auxílio de gráficos e projeções cinematográficas, as diversas fases dos trabalhos, desde o seu início. Não se limitou, porém, s. s. ao panorama técnico da grandiosa obra. Abordou, com rara segurança, o seu aspecto político, social e econômico, destacando-a como elemento ponderável de aproximação das Américas, de solidariedade continental e engrandecimento dos povos, concluindo com um verdadeiro hino de fé e entusiasmo nos destinos do Brasil, do qual destacamos este magnífico trecho, que bem merece ser lido e meditado pelos brasileiros de boa vontade:

"A orientação prática do pan-americanismo que caracteriza a política externa do Presidente Getúlio Vargas e do seu grande Chanceler Ministro Oswaldo Aranha, a marcha ascensional do nosso poderio econômico, nossas tradições de honradez e de fraternidade conquistaram afinal o prêmio que merecíamos. Pode-se dizer que depois da Conferência dos Chanceleres, o Rio de Janeiro passou a ser a capital política da América do Sul. O Brasil trabalha. E tudo se explica e consegue pelo trabalho. No momento o pan-americanismo despe sua forma teórica e literária, conservada a partir de Bolívar até à Conferência dos Chanceleres, passando por Monroe, para viver uma existência



AO ALTO — A mesa que presidiu à reunião. EM BAIXO — O engenheiro Luis Alberto Whately lendo a sua conferência. A' DIREITA — Aspecto parcial da grande assistência.

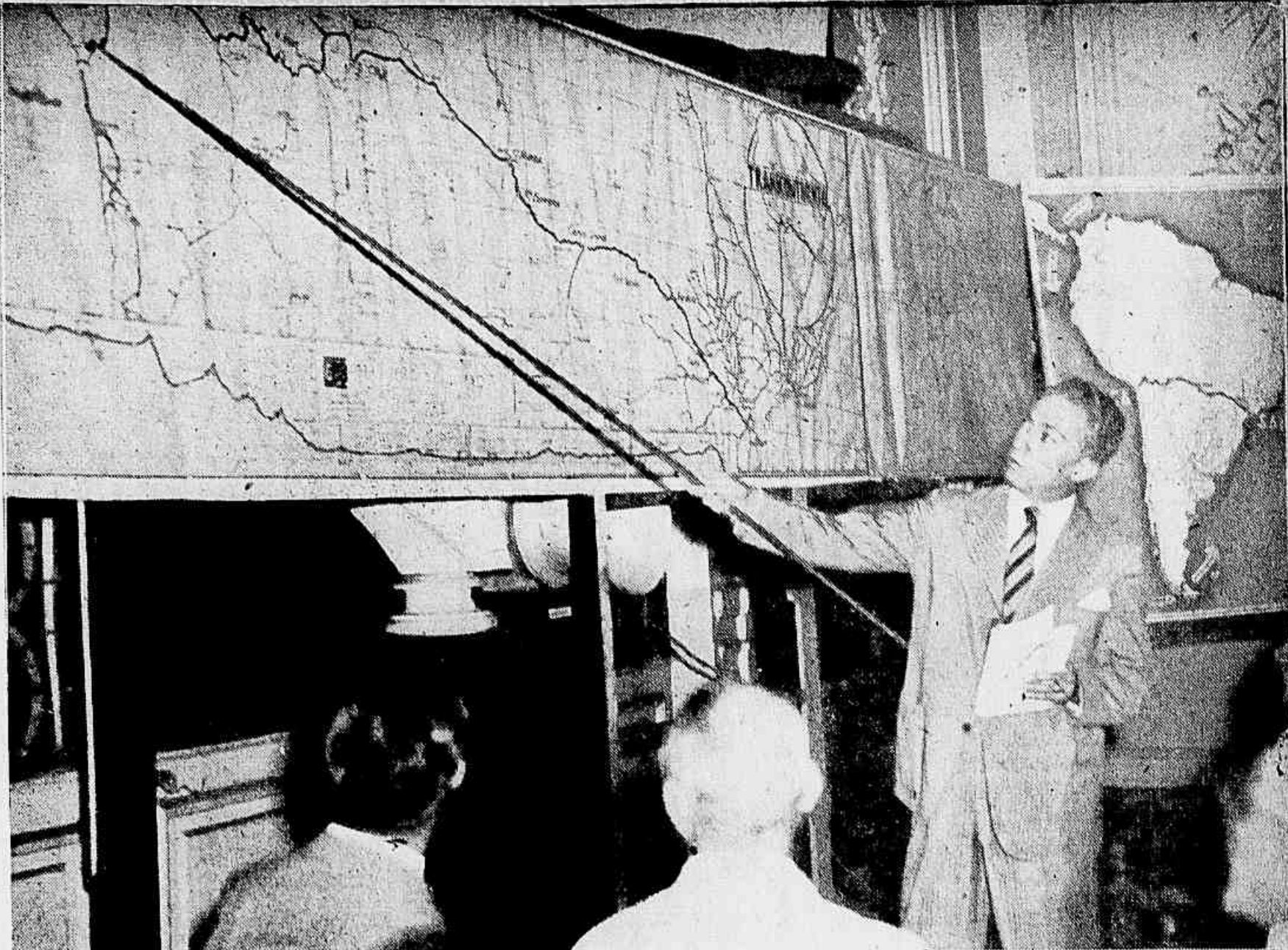
BOLIVIA

de realizações concretas: constrói estradas. Tomando para exemplo o Brasil e a Bolívia, que atualmente somam seus esforços para a integração de um sistema ferroviário transcontinental, ligando Santos, no Atlântico, a Arica, no Pacífico, e a iniciativa dos EE. UU. da América do Norte, lançando a grande rodovia pan-americana, pode-se enfim falar numa política continental de comunicações.

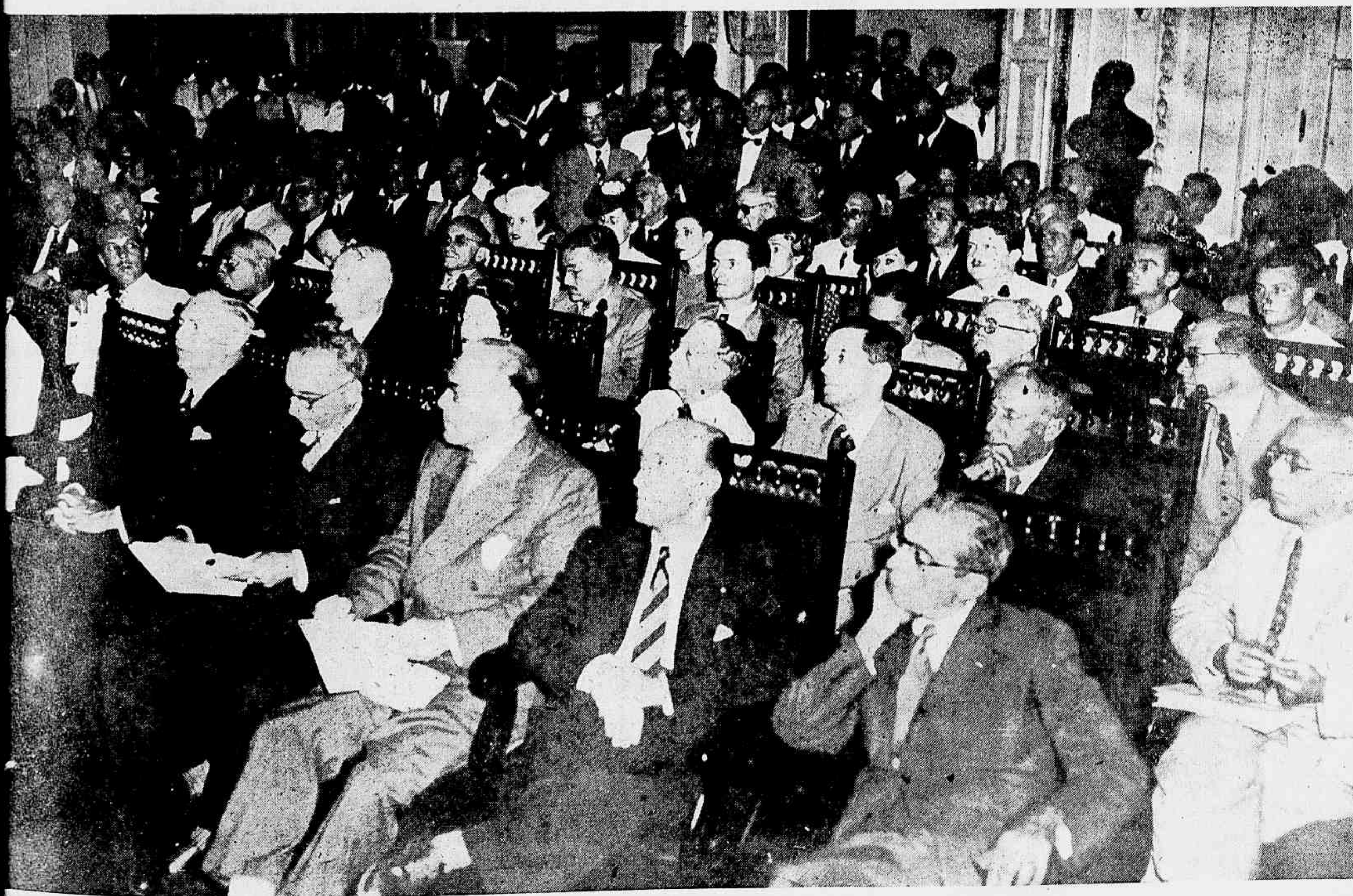
É na intimidade da terra que se formam os engenheiros. — esses modernos bandeirantes do Brasil. Dia virá em que eles sairão das cidades cosmopolitas e das cidades prósperas e das cidades em declínio para conquistar o Brasil esquecido nas selvas. Dia virá em que o moderno bandeirante, o engenheiro do Brasil, encherá de sentimento e de ação os grandes espaços vazios. O Brasil está à sua esquerda, e ele não cederá à tentação do verde inexpressivo dos oceanos quando o verde forte das matas o espera ansiosamente, quando os rios estão à sua porta e só esperam conduzi-lo ao coração da terra. À sua direita o tumulto das aglomerações metropolitanas, onde o homem vive encolhido dentro de si mesmo, oprimido pelas mil e mais combinações de uma vida intensa, agitada pelo efêmero delirante. O Brasil não é nada disso. O Brasil é a alimentação farta que está ao seu alcance em estado de seiva no humus profundo da terra; é o capim dos campos que alimenta o gado; são os maciços onde se escondem o ferro, o ouro, o manganês; são os rios imensos rolando sua força inaproveitada; o ar puro das montanhas tristes pela ausência de paisagem humana; é o trabalho da lavoura; são as arrancadas em massa para o povoamento e para a colonização; é a confraternização com os índios de Anchieta; são os músculos do sertanejo movimentando a enxada, vibrando o machado, empunhando os remos; é o engenho manejando instrumentos, di-

rigindo veículos motorizados, a cegadeira, o trator, o scrapper; a técnica organizando, orientando, dirigindo; são as grandes famílias prósperas de terra e de saúde; desde a fronteira com a Bolívia, às nascentes do Paraná e do São Francisco, da foz do Amazonas ao estuário do Prata. Este, sim, é que é o Brasil que marcha para o Oeste."

Ao encerramento da sessão, falou o Chanceler Oswaldo Aranha, tendo ocasião de destacar, com palavras altamente significativas, a atuação do engenheiro Luis Alberto Whately e dos seus companheiros de trabalho à frente da Brasil-Bolívia, aos quais o orador atribuiu a principal soma do êxito alcançado nos serviços sob a sua direção.



O conferencista mostrando o traçado da Ferrovia Transcontinental Arica-Santos. Do trecho entre Corumbá e Santa Cruz de La Sierra, numa extensão de 660 quilômetros, já foram construídos 170 quilômetros de linha assentada, estando concluídos ainda mais de 100 kms. de leito.





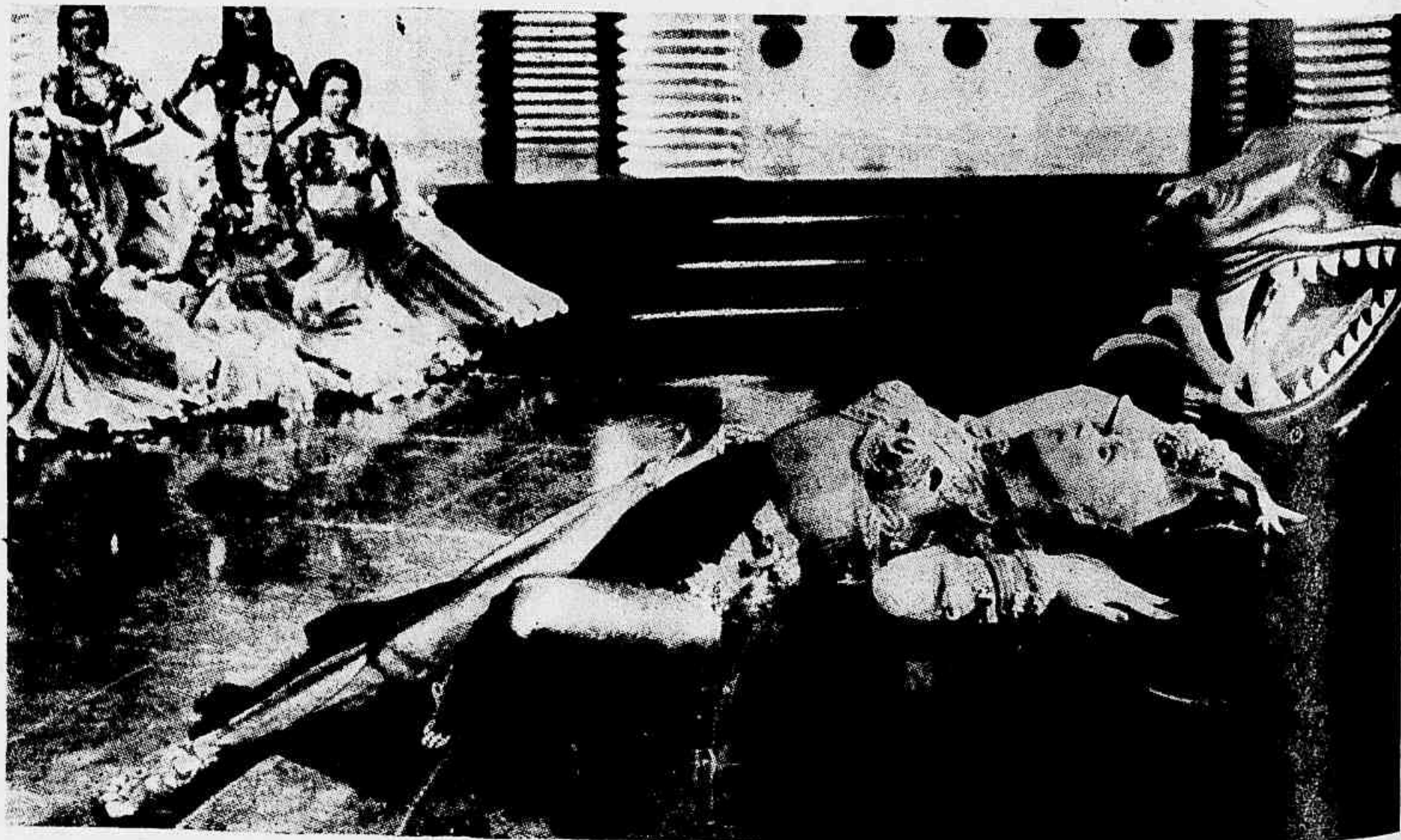
A DONA DE UM DOS MAIS FAMOSOS PARES DE PERNAS DE HOLLYWOOD, APARECERÁ COMO UMA BAILADEIRA ORIENTAL

Nos 13 anos decorridos desde que Mary Magdalene Von Losch, conhecida no cinema como Marlene Dietrich, apareceu pela primeira vez em filmes americanos, suas maravilhosas pernas têm tido excepcional relevo. Estranhamente, porém, Hollywood nunca pensou em explorar a popularidade dessas pernas dando a Marlene um papel de bailarina. Em *Kismet* esta situação foi remediada. Neste filme ela desempenha o papel de *Rainha das bailarinas de Bagdad*. Aí ela aparece como um milagre da técnica de maquiagem de Hollywood. O famoso par de pernas aparece recoberto com quatro camadas de pintura dourada enquanto seus cabelos são polvilhados com ouro.

No seu papel de dançarina, em "*Kismet*", Marlene exhibe sua plástica admirável. Hora e meia foi o tempo gasto no seu penteado.

A MULHER DAS PERNAS DE OURO

Rainha das bailadeiras de Bagdad — é o papel desempenhado por Marlene em "*Kismet*". A censura não permitiu que fosse chamada "*Rainha do Harem*", estipulando ainda que a palavra "*harem*" devia ser substituída por "*Salão das damas*".





São frequentes as cenas como esta em que Marlene aparece em destaque. Nestes últimos anos o sucesso dessa artista tem sido mais de publicidade do que propriamente nos filmes. Em "Kismet" ela faz o papel de uma sedutora dançarina que se apaixona por um mendigo (Ronald Colman) acreditando tratar-se de um príncipe.



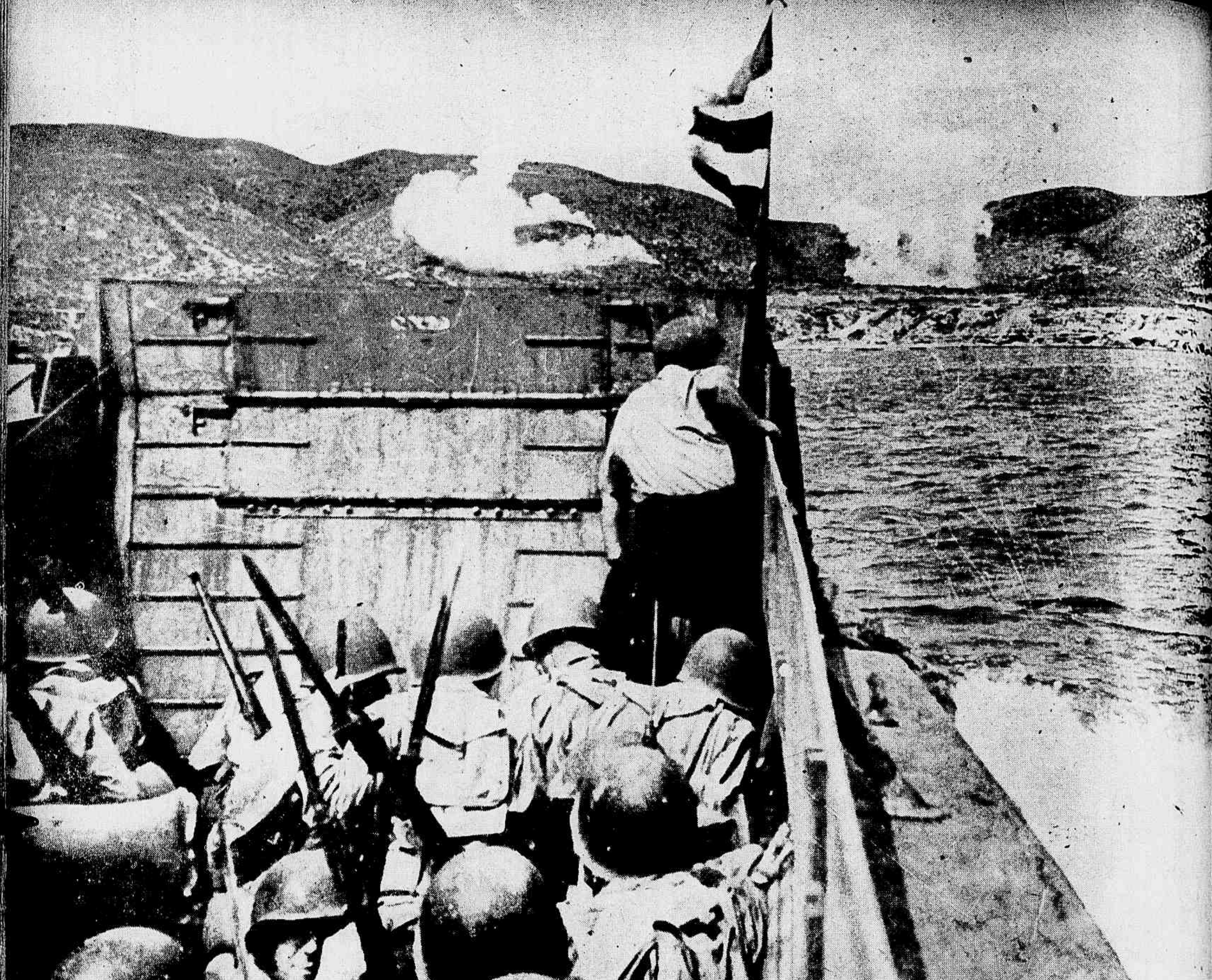
A censura aborreceu-se com a desenvoltura com que Marlene exhibe suas formas nos números de dança.



Esta é a primeira vez que Marlene dança em cena.

Em 1939 ela foi classificada em quarto lugar num concurso destinado a escolher as mais bonitas pernas de Hollywood.

Virginia Gilmore, Ann Sheridan e Linda Darnell foram as três primeiras colocadas nesta ordem.



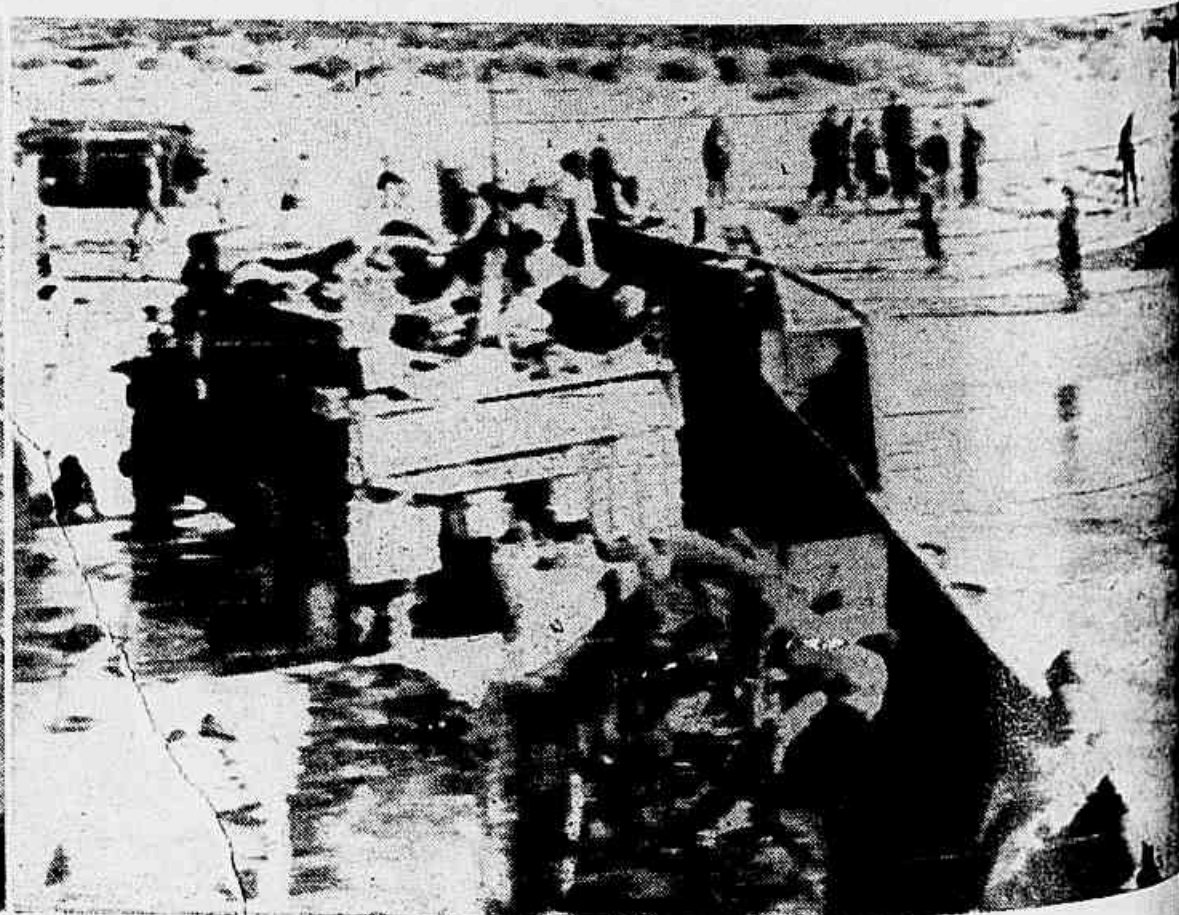
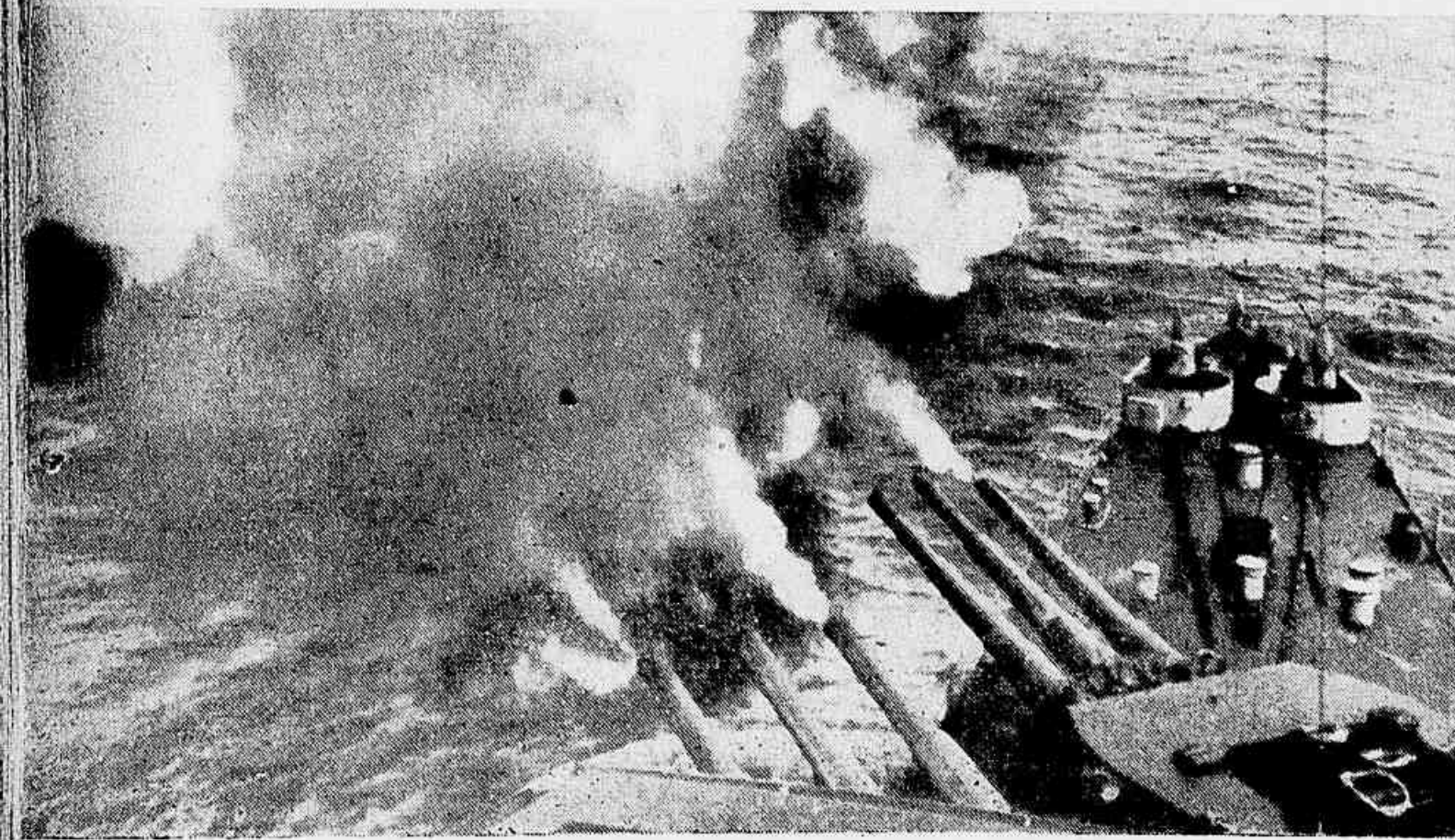
NUNCA houve em toda a história da humanidade uma guerra em que o fator psicológico fosse tão explorado quanto na atual conflagração mundial.

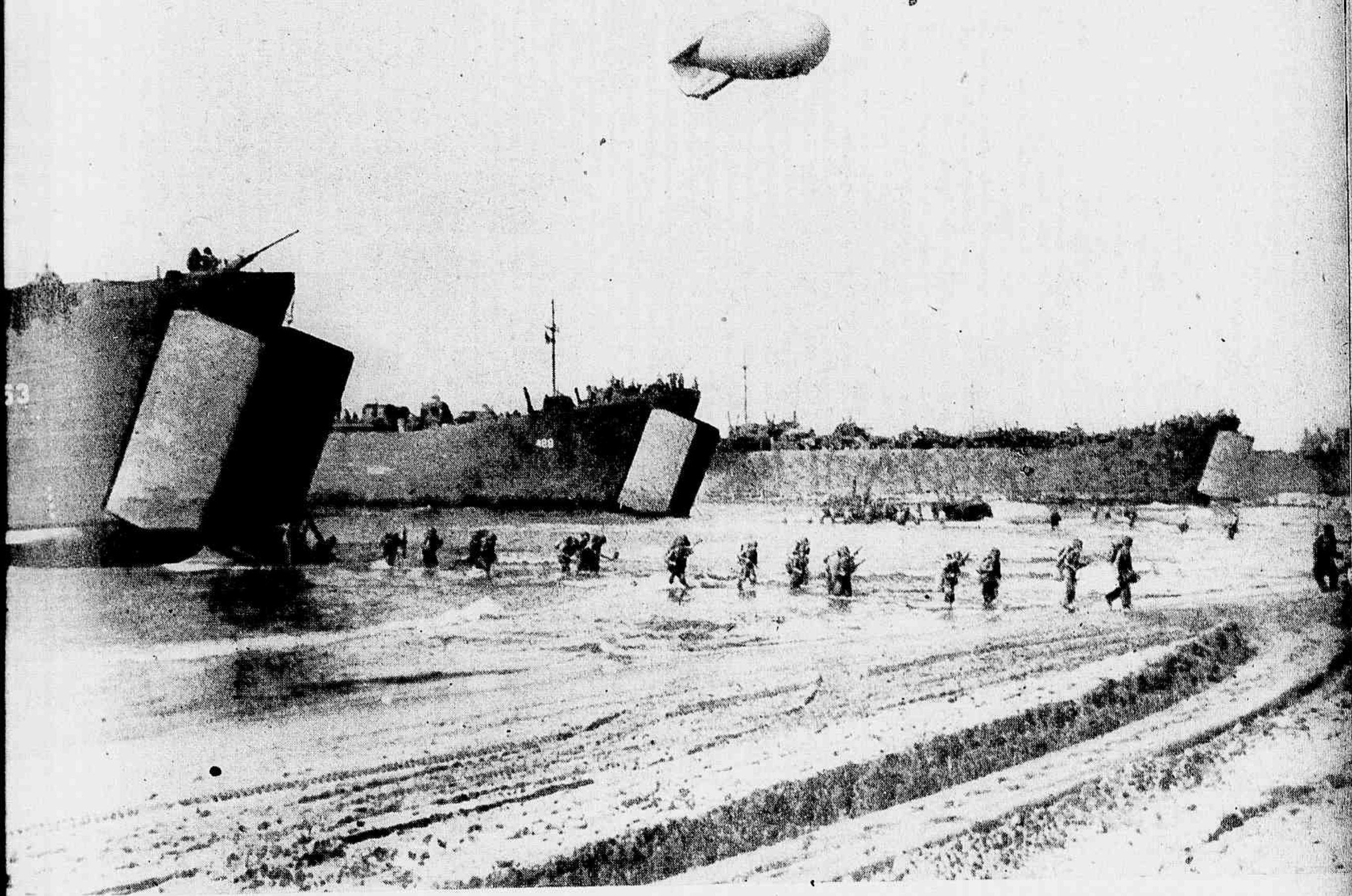
Força é confessar que este processo cruel de aniquilar o sistema nervoso de toda a população de um país, para depois lançar contra ela os exércitos, foi ideado pelos germânicos que primeiro o puseram em prática. Este processo tão minuciosamente estudado e preparado pelos alemães que desceram aos menores detalhes, fazendo a guerra individual a cada cidadão dos países invadidos, foi aperfeiçoado pelos aliados que o usam agora contra seus próprios inventores.

Quando Hitler era o senhor absoluto da guerra, dirigindo-a a seu bel-prazer, explorou fartamente esta arma terrível.

Conta-se que durante a invasão da Polónia, quando os soldados daquele heróico país travavam os primeiros combates com o invasor, agentes secretos de Hitler, em território polonês, correram a todas as agências telegráficas, avisando a milhares de famílias, em nome do governo polonês, que seus filhos ou parentes haviam morrido em combate. E' de se imaginar o efeito que esse expediente devia ter sobre o moral da população.

INVASÃO





Essa espécie de exército da vanguarda se incumbia de abater o moral do adversário antes que sobre ele desabasse a avalanche de ferro e fogo.

No primeiro momento esse processo teve resultados extraordinários. Exércitos bem treinados e com um passado de glórias tradições a defenderem esboroaram-se como castelos de areia ao embate das vagas.

O mundo se alarmava ante o poderio dos agressores. Em relação às anteriores, essa era uma guerra vista com vidros de aumento em que as cidades caíam no espaço de tempo em que até então se rendia uma fortaleza e travavam-se batalhas, não mais de localidades mas de países.

Vimos assim a batalha da França, da Holanda, da Polónia e de um punhado de nações que se entregaram com incrível rapidez.

Aos poucos, os povos dominados começaram a estabelecer suas resistências e os nazistas sentiram as primeiras dores de cabeça. A guerra psicológica já não os atingia de modo tão fulminante. O povo inglês manteve erguida a sua cabeça e forte o seu animo, ante a tremenda ameaça que sobre ele pesava. Gradativamente, a situação foi se transformando, de tal modo que agora a guerra de nervos está sendo feita contra os seus inventores.

Hitler dispõe apressada e nervosamente seus soldados pelas bordas da enorme fortaleza que conquistou e terá de defender.

Invasão é o fantasma que paira sobre toda a Europa Continental. De todos os lados poderá surgir o exército justiceiro das Nações Unidas. Não há um recanto de costa que esteja livre da ameaça. A todo o instante podem surgir os primeiros soldados Aliados firmando pé no território inimigo para iniciar a marcha sobre Berlim.

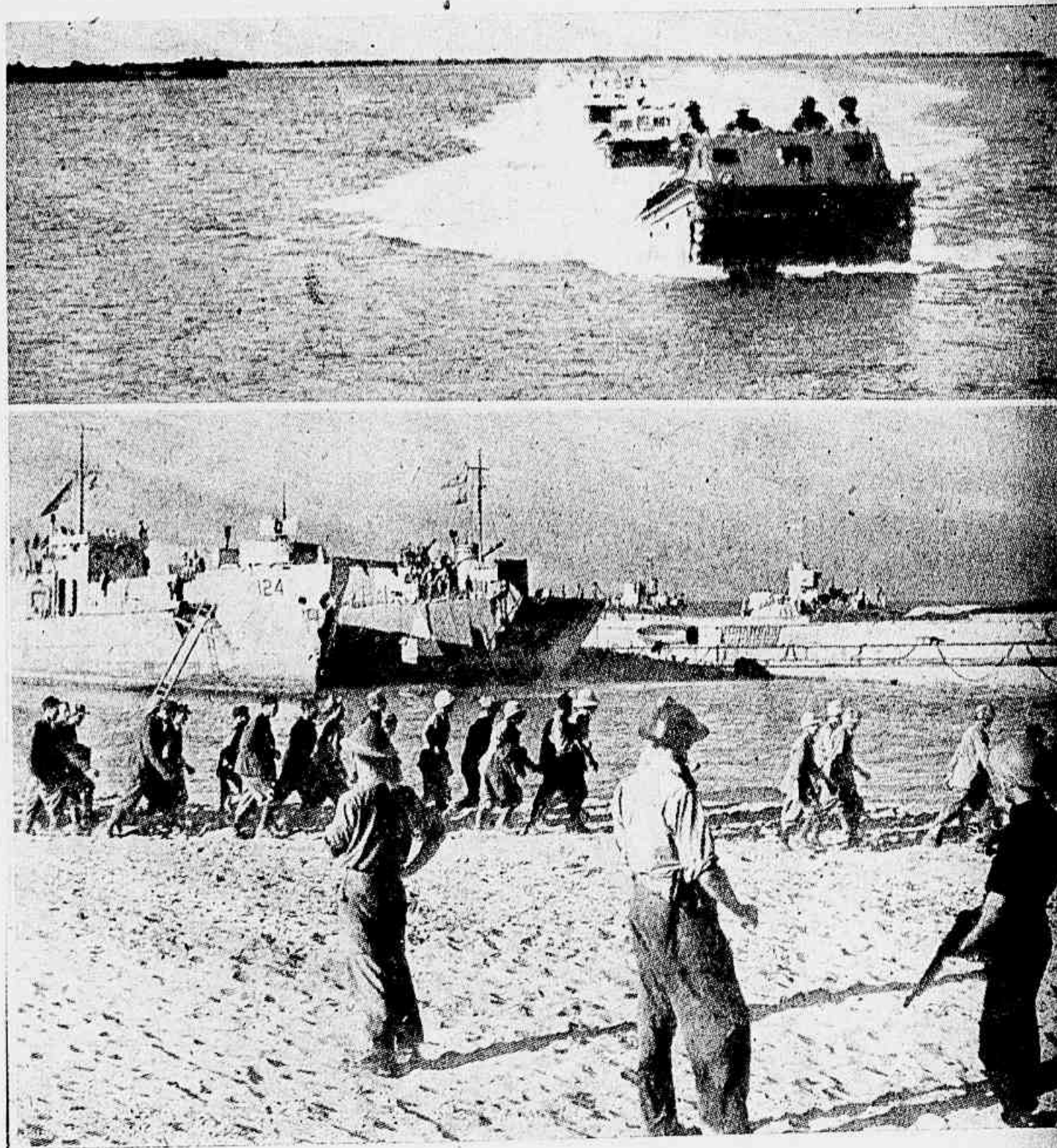
Cada dia que passa vem aumentar a angustia dos nazistas que aguardam a surpresa para a noite seguinte. As balelas do Dr. Goebels não tem mais eficácia para tranquilizar os espíritos dos alemães.

As mais tremendas ameaças podem ser suportadas por aqueles que tem a consciência tranquila, mas deve ser terrível para os que, como os nazistas, tem no seu passado um acervo de crimes e barbaridades cometidos contra a civilização e a cultura, e exprimem o momento da justiça.

Para eles esta ameaça de invasão, deve ter o sabor amargo da guilhotina pendente sobre o pescoço do criminoso, e a expectativa deve ser tão angustiante quanto o momento que precede à queda da lâmina que separará a cabeça do corpo.

Realmente todas as cabeças da hidra serão separadas do imenso corpo que já agora se reparte abundantemente sob os golpes desses cavaleiros do século XX que são os bravos pilotos das esquadrilhas aliadas.

A segurança com que foram realizadas as invasões anteriores de que damos alguns flagrantes, deve aumentar a ansiedade e a angustia dos maiores criminosos da história.



FIGURAS E FATOS



INTERVENTOR MENEZES PIMENTEL — Em avião da "Cruzeiro do Sul", chegou há dias a esta Capital o sr. Menezes Pimentel, Interventor Federal do Ceará, que viajou em companhia de sua família. A fotografia é um aspecto da chegada de s. s., tomado no Aeroporto Santos Dumont.



MAESTRO JOSÉ SIQUEIRA — Por motivo do seu embarque para os Estados Unidos, foi homenageado com um almoço, no Automóvel Club, o maestro José Siqueira, presidente da Orquestra Sinfônica Brasileira.

A homenagem compareceram inúmeras figuras representativas do nosso mundo musical, um grupo das quais se vê na gravura em que está o homenageado tendo à direita sua esposa, a cantora Alice Ribeiro e à esquerda o Maestro Eugen Szenkar.

12 — Sras. Olga de Vasconcellos, Maria dos Anjos Santos Maia, Srs. Dr. Licínio de Almeida, Dr. Alfredo Balthazar da Silveira, R. Magalhães Junior, Lázaro Rodrigues de Sousa, Oswaldo Gomes da Costa Maia, sargento Eufrazio José Soares.

13 — Sra. D. Helena Marques de Azevedo, Sta. Maria Georgina Molinaro, Maria Inaur da Silva Filho, Carmen de Lemoine; Srs. Dr. Carlos Euler, José Gomes Lopes, Gregório Mariano da Fonseca.

ANIVERSARIOS DA SEMANA

14 — Sra. Dulce Aguiar, Sra. Analia Campos Rangel; Srs. Dr. Newton Rocha, General Valentim Benício, Coronel Abilio Herdy Alves, Dr. Indio Paraíba Pimentel Cortes, Dr. Newton Raché, Domingos Giacelli, Capitão José Martins de Oliveira, Francisco Netto, Joaquim Campos.

15 — Sra. Olga Santos, Sta. Ivete Dias Braga, Srs. Dr. Osvaldo Aranha, General Afonso Ferreira, Dr. Adauto de Assiz, José Pinto de Matos.

16 — Sras. Helena Teixeira, Marieta Tavares Matias, Rachel de Souza Leão; Sta. Maria Veloso; Srs. Giulio Starace, Desembargador Adelmar Tavares, Coronel Augusto Maynard Gomes, Dr. Adolfo Konder, Major Joelmir Campos de Araripe Macedo, Hermes Perfeito, Italo de Saldanha da Gama.

17 — Sras. Aida Olimpia Franco Suarez, Lila Rodrigues Alves, Sra. Alita Taumaturgo Mendes de Moraes; Srtas. Meli Tinroteo, Ane-Mery dos Santos Biando, Merly Xavier de Araujo e Helisa Belinelo; Srs. General Eduardo Guedes Alcoforado, Embaixador Luiz de Sousa Dantas, Dr. Mucio Leão, Dr. Carlos Sussekind de Mendonça, Dr. Abelardo Cendurú, Dr. Eurico de Souza Leão, Professor Raul Davi Sanson, Professor Artur Vitor, Eliezer Delva de Oliveira, Francisco Xavier Sobrinho.

18 — Sras. Maria Monteiro de Araujo, Placila Pereira Leitão, Sra. Lucília Teutonia Marques, Srs. Dr. Jerge Dodsworth, Dr. Franklin Sampaio Filho, Dr. Joaquim Bittencourt Fernandes de Sá, Dr. Homero Marins de Oliveira.



PRIMEIRA COMUNHÃO — A' esquerda: Alfredo e Gilda Faccioli; á direita, Mathilde Nunes da Silva, depois de fazerem, em Dezembro passado, sua primeira comunhão.



Flagrante apanhado na igreja da Conceição, em Dezembro p. findo, por ocasião da missa que os medicos de 1923 mandaram rezar em comemoração de sua formatura. Oficiou Frei Angelo, capuchinho, que foi também o oficiante da missa de formatura. Ao lado o ex-interventor Ademir de Barros.

DE SÃO PAULO



O "Pavilhão de Imprensa" interessante realização do Sr. Antonio Anunziato em "Aguas do Prata", estado de S. Paulo. Em cima uma vista geral; em baixo um flagrante tomado no dia de sua inauguração.



OS HOMENS QUE VIRAM A GUERRA DE PERTO



O herói da RAF, Comandante Wellington, falando no programa OS HOMENS QUE VIRAM A GUERRA DE PERTO. Wellington fez importantes declarações, dizendo, entre outras coisas, que a Alemanha possui 18 pontos vitais e 17 foram bombardeados ou destruídos pela RAF. Na fotografia vemos, de branco, o Comandante Wellington, à esquerda o locutor Jair Amorim, à direita o Dr. Daniel Borba, diretor da PRA-3. No outro microfone, entrevistando, o rádio-reporter Edgar Carvalho.

UMA CONTRIBUIÇÃO DA RADIOFONIA À CAUSA DA VITÓRIA

vezes sobre Berlim, atirando as famosas bombas "arrasa-quarteirões".

Pela lista dos entrevistados há de se concluir que se trata de um programa não apenas interessante como útil, real e sobretudo oportuno.

O rádio, moderno e poderoso veículo de publicidade, está, ao lado das rotativas, contribuindo com denodo para a causa da Democracia, em todas as partes do mundo onde a Liberdade e o Direito estejam ameaçados pela máquina belica do totalitarismo. O *broadcasting* brasileiro, justiça se faça, sempre alertou o povo contra o *virus* do "quinta-colunismo" e os erros que vinham no bôjo das velhas doutrinas pan-germanistas. Com raras e condenáveis exceções, a radiofonia nacional prestou um serviço do mais sadio nacionalismo, desde o momento trágico e indeciso, até agora, quando já se esclarecem os horizontes.

O Rádio Club do Brasil, por exemplo, veterana e simpática emissora carioca, sempre esteve na liderança, nesse sentido. Seus comentários fortes, precisos, sem sofisma, estiveram na linha de frente mesmo antes do país declarar guerra aos corsários do Eixo. Agora, a PRA-3 vem apresentando todas as sextas-feiras, às 22 horas, uma sugestiva rádio-reportagem sob o título OS HOMENS QUE VIRAM A GUERRA DE PERTO. Trata-se de uma entrevista com todos os que estiveram nas frentes de batalha, que viram cidades bombardeadas, populações espavoridas, comboios atacados. O referido programa que é de fato uma decidida contribuição da radiofonia brasileira para a causa das Nações Unidas, oferece fatos, cenas as mais reais, conhecendo-se detalhes da barbaridade nazista.

OS ENTREVISTADOS

Em OS HOMENS QUE VIRAM A GUERRA DE PERTO já foram entrevistadas as seguintes pessoas:

S. Excia. Chen Chieh, Embaixador da China junto ao Governo Brasileiro; Alfredo Pessoa, hospede durante seis meses do Governo Inglês; Jean Manzon, reporter do *Paris Soir* que filmou a retirada de Dunquerque; Mario Martins, jornalista brasileiro que esteve em Londres; Hart Preston, redator do *Life* e do *Time* de New York e acompanhou as tropas de Montgomery na Campanha da África; Eugeniusz Gruda, paraquedista polonês que combateu na França; José de Castro Ribeiro, brasileiro que residiu com os alemães em Paris; Hans Peters, ex-marinheiro de de Hitler, que fugiu da Noruega para a Escócia; Silvio da Fonseca, da Agência Nacional, que acompanhou comboios brasileiros; Conrado Wrzos, jornalista polonês que viu Varsóvia em chamas; Jorge Kossowski, combatente polonês, fugitivo de um campo de concentração nazista; S. Excia. Chrysto Diamantopoulos, Ministro da Grécia, que se encontrava na Rússia quando do ataque germânico; Jean Gerard Fleury, correspondente de guerra junto a RAF; Andrée Symboliste, jovem jornalista francesa que viu Dunquerque invadida; Comandante Richard Anthony Wellington, herói da RAF, que voou várias



A única senhorita que falou na série de programas OS HOMENS QUE VIRAM A GUERRA DE PERTO. Trata-se da jornalista francesa Andrée Symboliste, redatora do *Paris Soir*, e que recentemente escreveu um livro sobre as mulheres na guerra, publicado nos Estados Unidos. Andrée Symboliste passou perto de Dunquerque quando da famosa retirada, tendo ocasião de presenciar cenas da ferocidade prussiana. Seu automóvel foi o último a deixar Paris quando os boches ali chegaram.



Fugiu de um campo de concentração nazista... A fotografia acima apresenta o Sr. Jorge Kossowski (de escuro) falando ao rádio-reporter Edgar Carvalho, no programa OS HOMENS QUE VIRAM A GUERRA DE PERTO. O Sr. Kossowski, capitão da artilharia polonesa, foi ferido em combate e feito prisioneiro por soldados austríacos. Depois de mil peripeçias conseguiu fugir do campo de concentração nazista. Suas declarações foram das mais interessantes feitas no sugestivo programa da PRA-3.



A SEGUNDA FRENTE

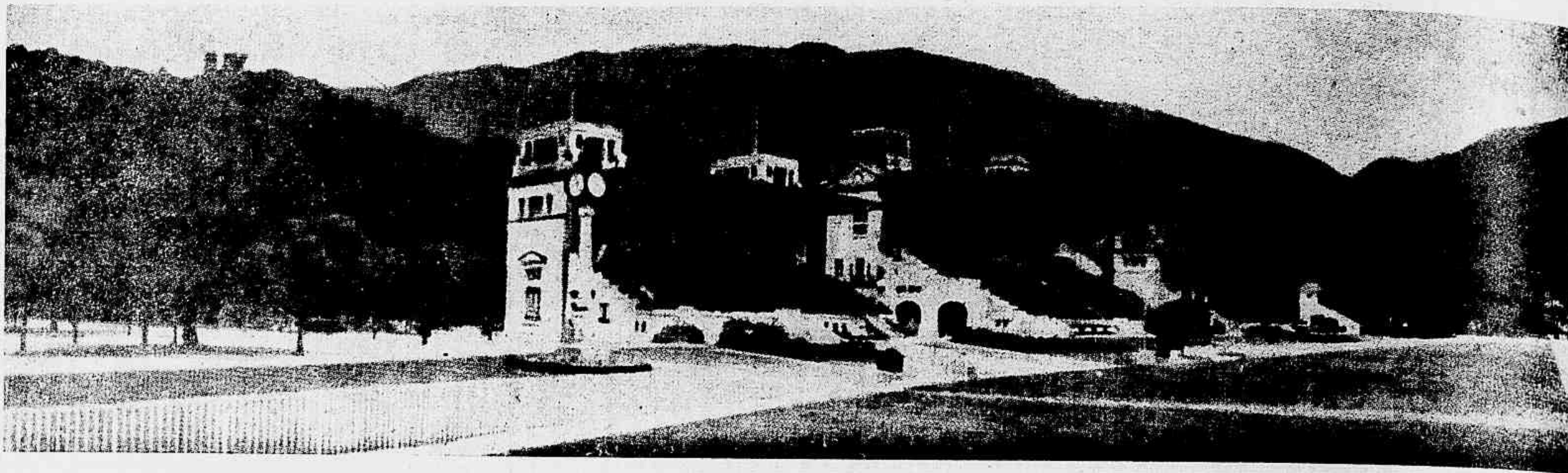


ESTES FLAGRANTES DOCUMENTAM QUANTO TEM SIDO DIFÍCIL E PENOSA A ABERTURA DA 2.ª FRENTE. OS TERRITÓRIOS ITALIANOS, ASSIM NO CONTINENTE COMO NAS ILHAS, VEEM SENDO APROVEITADOS PELOS ALEMÃES PARA TRINCHEIRAS EM QUE A RESISTÊNCIA SE FAZ OBSTINADA. POR ISSO A DESTRUÇÃO É INEVITÁVEL; ABROQUELADOS, A PRINCÍPIO, NA SITUAÇÃO INSULAR DOS CAMPOS DE BATALHA E, DEPOIS, NAS MONTANHAS QUE ERIGEM O TERRITÓRIO DA PENÍNSULA, OS ALEMÃES

DESAFIAM A BRAVURA E A TÉCNICA DOS INVASORES. EIS, POIS, COMO VAI FICANDO A TERRA QUE MUSSOLINI LANÇOU A GUERRA PENSANDO QUE A VITÓRIA ESTAVA AO ALCANCE DA MÃO! É INTERESSANTE NOTAR QUE, NA FACE DAS POPULAÇÕES CIVIS, EGRESSAS DOS ESCOMBROS, NÃO RARO AFLORA UM VAGO SORRISO. CONFORMAÇÃO? ALÍVIO? OU AUTO-DETERMINAÇÃO DE RECONSTRUIR O SEU MUNDO MATERIAL EM BASES MORAIS MAIS SÓLIDAS, PORQUE MAIS HUMANAS E MAIS DURADOURAS?



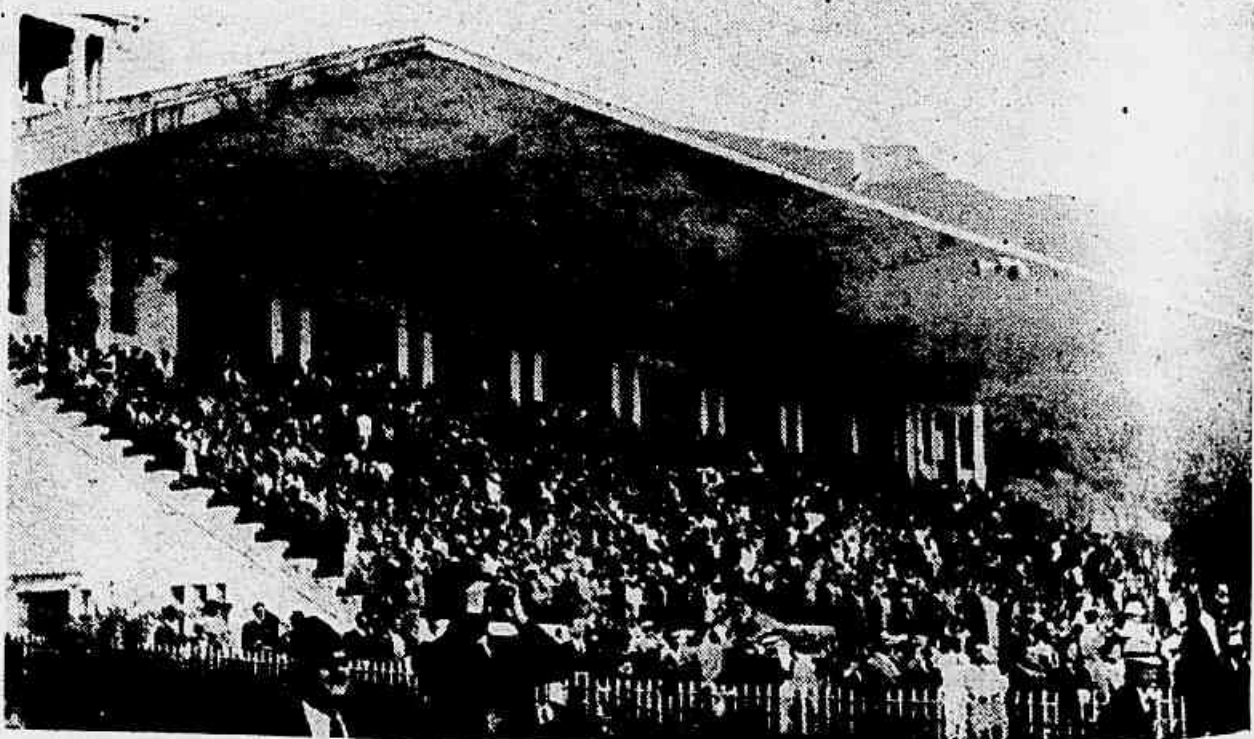
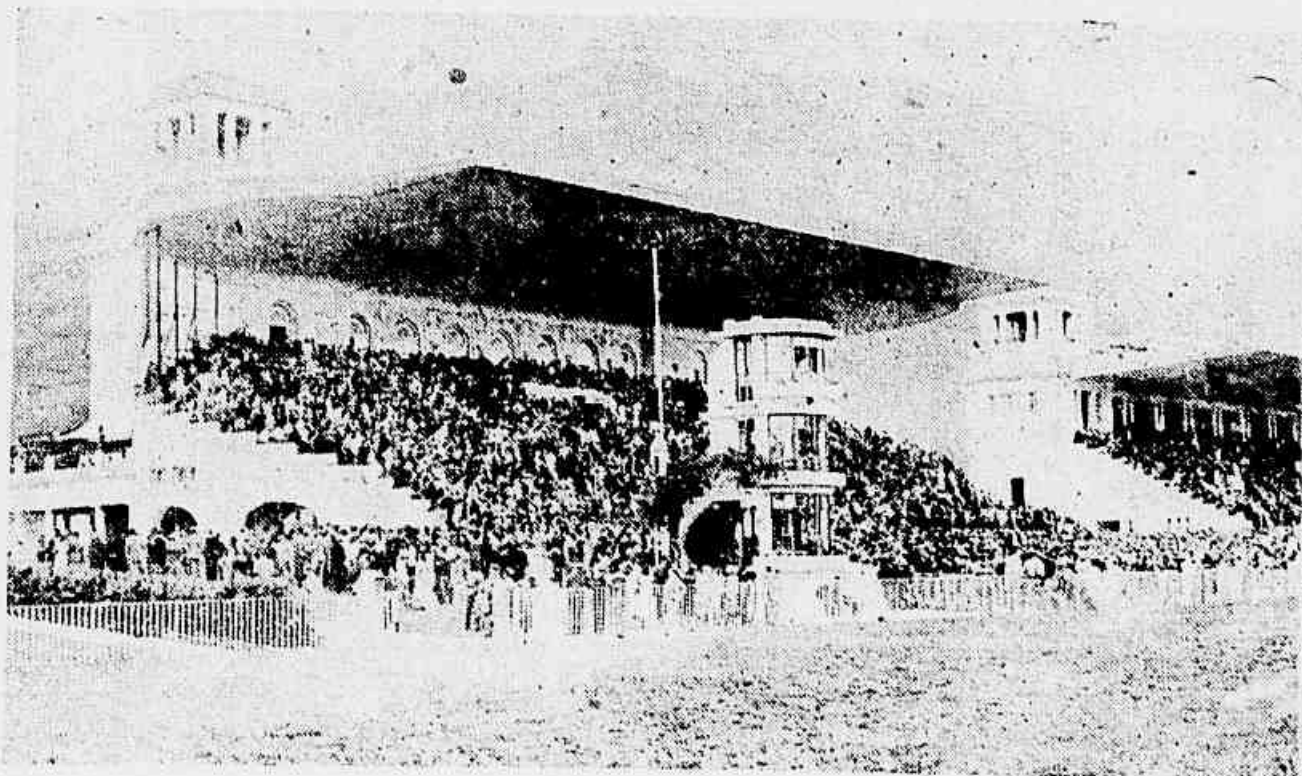
Jockey Club mundano



Não fôra o interesse sempre novo apresentado pelas sensacionais carreiras programadas pelo Jockey Club Brasileiro para as suas reuniões turfísticas, e o carioca ainda acorria ao Hipódromo da Gávea, atraído pelo encanto de uma tarde passada num ambiente magnífico de elegância e distinção, cercado pelo maravilhoso cenário do mais belo prado de corridas do mundo, podendo apreciar de perto o desfile gracioso e gentil

das aficionadas do nobre esporte. Para atestar a verdade do que acabamos de afirmar, reproduzimos nesta página aspectos do Hipódromo da Gávea, vendo-se a assistência que todos os domingos lota as dependências do prado.

Estampamos aqui ainda um flagrante tomado na tribuna durante o último meeting do Jockey Club Brasileiro.



A ÚLTIMA VISITA DO

Ninguém soube jamais o verdadeiro nome daquele que todos chamavam o Gentilhomem doente. Dele restaram, apenas, após o seu desaparecimento súbito, a recordação de seus inesquecíveis sorrisos e um retrato, por Sebastiano del Piombo, que o representa oculto na sombra doce de uma pelica, com a mão enluvada, flácida e em abandono como a de um adormecido. Aqueles que o amaram — e pertencem a seu diácono número — também se lembram de sua estranha carnção de um amarelo pálido e transparente, da leveza quasi feminina de seu passo e da habitual turbacão de seus olhos. Falava de bom grado e muito, mas ninguém compreendia tudo o que queria dizer e de muitos eu sei que não o quiseram compreender; o que ele dizia era por demais horrível.

Era na verdade, um *semeador de espanto*. Sua presença dava às coisas mais comuns uma cor fantástica — o menor objeto que sua mão tocava parecia logo fazer parte do mundo dos sonhos. Seus olhos não refletiam a realidade atual e próxima, mas aparências ignotas e distantes que ninguém, à sua volta, percebia. Nunca houve quem lhe indagasse o mal e porque se descuidava de tratá-lo. Viviu numa perpétua viagem, andava sem repouso, de dia e de noite. Ninguém soube onde era sua casa, ninguém lhe conheceu os pais e os irmãos. Apareceu, um dia, na cidade e, alguns anos mais tarde, desapareceu.

Na véspera desse desaparecimento, muito cedo, — o céu começava apenas a embranquecer — veio acordar-me em meu quarto. Senti a leve carícia de sua luva sobre meu rosto e o vi, diante de mim, envolto na sua pelica; seus lábios conservavam a eterna lembrança de um sorriso e os olhos pareciam mais desvairados que de costume. Compreendi, pela vermelhidão de suas pálpebras, que permanecera acordado toda a noite; e, sem dúvida, esperara a aurora angustiado, porque as mãos lhe tremiam e a febre parecia sacudir-lhe todo o corpo.

— Que tendes? perguntei-lhe. Vosso mal vos atormenta mais que de costume? — Meu mal? — respondeu — meu mal? Acredita então, como outros, que tenho um mal. Que existe um mal que seja meu. Por que não dizer que sou eu próprio um mal. Nada existe que seja meu, compreende? nada que me pertença! Mas sou de alguém e alguém existe a quem pertença.

Tão habituado estava a seus discursos estranhos que não lhe respondi. Continuei a olhá-lo e meu olhar devia ser muito doce pois tornou a aproximar-se de meu leito e tocou-me de novo a fronte com a luva macia.

— Não existe em si nenhum sinal de febre, continuou, sua saúde é perfeita e está calma. Seu sangue circula sem agitação nas veias. Posso, portanto, revelar-lhe algo que talvez o aterrorize: posso revelar-lhe quem sou eu. Escute-me, peço-lhe, com atenção porque não me será dado talvez repetir o que lhe vou dizer, e, contudo, é necessário que o diga, pelo menos uma vez.

A essas palavras, lançou-se sobre uma grande poltrona violeta perto de minha cama e continuou com uma voz mais forte:

— Não sou um homem real. Não sou um homem como os outros, feito de ossos e músculos, um homem engendrado pelos homens. Não nasci como você e seus irmãos; ninguém me embalou em seus braços, ninguém vigiou meus primeiros passos; não conheci as inquietações da adolescência, nem a doçura dos laços de sangue. Não sou — faço questão de lho dizer mesmo ao risco de achá-lo incrédulo — não sou senão a figura de um sonho. Uma imagem de William Shakespeare tornou-se para mim literalmente, tragicamente exata: *sou da mesma substância de que são feitos os sonhos*. Existo porque há um homem que me sonha; um homem que dorme e sonha e me vê agir, viver, mover-me — e que sonha neste instante que lhe falo como o faço. Quando começou a sonhar-me comecei a existir; quando despertar cessarei de ser. Sou um brinquedo de sua imaginação, uma criatura de seu espírito, um hóspede de suas longas fantasias noturnas. O sonho desse alguém possui tanta consistência e duração que tornei-me visível mesmo aqueles que estão acordados. Mas o mundo da vigília, o mundo da realidade concreta não é o meu. Como me sinto mal na organização vulgar da existência de vocês! Minha vida é a que lentamente decorre na alma de meu criador adormecido...

— Não creia que lhe falo por enigmas, nem por símbolos. O que lhe digo é a verdade, a verdade simples e terrível. Renuncie, pois, ao espanto que dilata suas pupilas! Cesse de me olhar com essa cara de temor apiedado!

Ser ator de um sonho, não é o que mais me atormenta. Os poetas disseram que a vida humana era apenas a sombra de um sonho e encontraram-se filósofos para sugerir que todo o real é uma alucinação. Ao contrário outra ideia me persegue, a saber: *quem é que me sonha?* Quem é ele, esse ser ignorado, desconhecido de mim, de que sou o objeto, que me fez surgir, a súbita, da sombra de seu cérebro cansado e cujo despertar, num ápice, como um sopro imprevisível sobre uma chama, me aniquilará? Quantos dias pensei nesse senhor que dorme, nesse criador absorto pelo fluxo de sua vida efêmera! Por certo, ele deve ser forte e poderoso; para ele nossos anos são minutos; pode viver toda a vida de um homem numa de suas horas e a história da humanidade numa de suas noites. Seus sonhos devem ser tão vivos, tão fortes e profundos que projetem no exterior suas imagens, conferindo-lhes, desse modo, uma aparência de realidade. E o mundo inteiro talvez seja apenas o produto perpétuamente variável de sonhos entrelaçados que povoam o sono de seres semelhantes a ele. Mas não quero fazer generalizações demasiadas. Deixemos a metafísica aos imprudentes! Quanto a mim, contento-me com a terrível certeza de ser eu mesmo o filho imaginário de sonhador monstruoso.

— Quem será ele então? Tal é o problema que me agita, há muito tempo, desde o dia em que descobri de que maneira sou feito. Compreende a importância que tem para mim esta questão: meu destino depende da resposta. As personagens dos sonhos gozam de uma liberdade bastante larga, de modo que meus atos não eram completamente determinados por minha origem mas entregues, em grande parte, a meu livre arbítrio. Entretanto, era-me preciso saber quem era meu sonhador para escolher o estilo de minha vida. Nos primeiros tempos empolgava-me o terror ao pensar que a menor coisa podia bastar a acordá-lo, isto é a fazer-me morrer. O menor ruído, uma palavra, um sopro, podiam repentinamente precipitar-me no nada. Eu amava a vida, a esse tempo, e eis porque me torturava em vão para adivinhar quais eram os gostos e as paixões de meu possuidor desconhecido, afim de dar à minha existência as atitudes e as formas que lhe poderiam ser caras. A toda hora tremia com a ideia de cometer uma ação que me ofendesse, que lhe fizesse medo e, por consequência, que o despertasse. Imaginei-o o algum tempo como uma espécie de divindade paternal e evangélica, de modo que me apliquei em levar a vida mais santa e virtuosa do mundo. Houve uma época em que eu entoava hinos báquicos e dançava nas clareiras com as frescas ninfas dos bosques.

— Acreditei mesmo um dia fazer parte do sonho de algum sábio eterno e sublime que houvesse conseguido viver num mundo espiritual superior; por isso passei longas noites meditando sobre o número das estrelas, as dimensões do mundo e a composição dos seres.

Mas, finalmente, cansei-me e senti-me humilhado ao pensar que servia de espetáculo a esse senhor desconhecido e incognoscível; percebi que esta vida fictícia não valia tanta baixa e tanta covardia bajuladora. Cheguei então a desejar ardentemente o que dantes me parecera o mais horrível, isto é seu despertar. Esforcei-me por encher minha vida de espetáculos assustadores, capases de sacudi-lo de pavor. Tudo tentei para atingir o repouso do aniquilamento; tudo puz em ação para interromper esta triste comédia de minha aparência de existência, para destruir o ridículo fantasma de vida que me faz semelhante aos outros homens.

Nenhum crime me foi estranho, nenhuma canalhice desconhecida. Fiz morrer, no meio de requintados suplícios, a inocentes anciãos; envenenei a água de cidades inteiras; incendeiei, num momento, a cabeleira de uma multidão de mulheres; com os dentes, que a vontade de destruir-me tornava selvagens, espadeiei todas as crianças que

GENTILHOMEM DOENTE

Conto de GIOVANNI PAPINI

encontrei em meu caminho. À noite, buscava a companhia de monstros gigantes, negros e berrantes, que os homens não conhecem mais; participei de façanhas inacreditáveis de gnomos, de fantasmas, de incubos e cobolds; precipitei-me do alto de um monte no caos de um vale deserto, cinto de cavernas onde alvejavam ossadas; e as feiticeiras ensinaram-me vivos lamentáveis de animais ferozes que fazem estremecer, à noite, até os mais fortes. Mas o que me sonha não teme, ao que parece, nada do que vos faz tremer, a vós outros, homens. Ele se compraz com os espetáculos mais terríveis, ou talvez permaneça diante deles calmo e distraído. Até hoje, não o pude despertar e tenho de arrastar ainda este corpo irreal, esta vida ignóbil e escrava.

— Quem, então, virá libertar-me do meu sonhador? Quando despertará a aurora que o chamará à sua obra? Quando soar o sino, quando cantará o galo, quando estrugirá a voz que o arrancará do sono? Há tanto tempo que aguardo minha libertação! Há tanto que anseio pelo fim desse sonho estúpido e do papel tão monótono que nele desempenho!

— O que faço neste momento é minha última tentativa. Digo a meu sonhador que sou um sonho; quero fazê-lo sonhar que sonha. Isto também acontece aos homens, não é verdade? Eis porque vim procurá-lo, eis porque lhe disse tudo isso, na esperança de que o que me criou, descobrindo, súbito, que não tenho existência real, por fim imediatamente à minha existência de fantasma. Acredita que terei resultado? Não creio que a força de lho repetir, despertarei num sobressalto o meu senhor invisível?

— Ao pronunciar estas palavras, o gentilhomem doente se agitava na poltrona, tirava e tornava a pôr sua luva direita e me fixava com olhos cada vez mais perdidos. Parecia esperar de um momento para outro, um acontecimento maravilhoso e temível. Seu rosto assumia expressões de agonizante. A cada minuto contemplava seu corpo como se esperasse vê-lo dissolver-se e atariciava nervosamente a fronte húmida.

— Você acredita tudo que lhe conto, não é? — continuou — você sente bem que não são mentiras? Mas porque não poderia desaparecer? Porque não tenho a liberdade de morrer? Farei parte, então, de um sonho destinado a nunca acabar? O sonho de um dormiente eterno, de um eterno sonhador? Afaste de mim este temeroso pensamento! Console-me um pouco, sugira-me algum estratagemas, alguma manobra hábil, alguma fraude capaz de me suprimir! De toda a minha alma, eu lhe peço. Não terá piedade do profundo tédio de um espectro?

Como eu continuasse calado, contemplou-me uma vez ainda e levantou-se. Parecia-me então muito maior que de ordinário e observei mais uma vez que sua pele era quasi diáfana. Via-se que sofria muito. Seu corpo era mais agitado que o de um animal apinhado em armadilha e que procura escapar. A doce mão enluvada comprimiu a minha e foi essa a última vez. Saí de meu quarto murmurando algumas palavras em voz baixa — e desde essa hora só uma pessoa tornou a vê-lo.

Pauli Poli

UNIDOS PARA VENCER!

QUALIDADE E CHEQUES

Homenagem "Sudan" aos Estudantes do Brasil

TIPO AMERICANO MAÇO - Crs 1,50

"PAULI POLI" O MELHOR CIGARRO DA AMERICA

VARIZES EM SENHORAS

Novo Tratamento sem Operação

Após longos estudos foi descoberto um medicamento vegetal para o tratamento com ótimos resultados de varizes, que prejudicam a circulação venosa. Esta medicação, na dose de três colheres das de chá ao dia, em água açucarada, restitui as pernas a seu estado normal e a beleza estética. Em idêntica dose debela os males causados pelos mamilos hemorroidários internos e externos, inclusive os que sangram. Não encontrando nas farmácias ou drogarias, peça diretamente ao depositário: CX. POSTAL 1874 (um-oito-sete-quatro) São Paulo.

HEMO-VIRTUS (Líquido)

CABELOS BRANCOS? LOÇÃO Brilhante

PRISÃO do VENTRE? Pilulas ALOICAS

REGULAM OS INTERIORES SEM TORTURA-LOS

COMO FAZER A CAMA

Não cometa esse erro

Dr.^a SILVIA ROGER

O ciúme

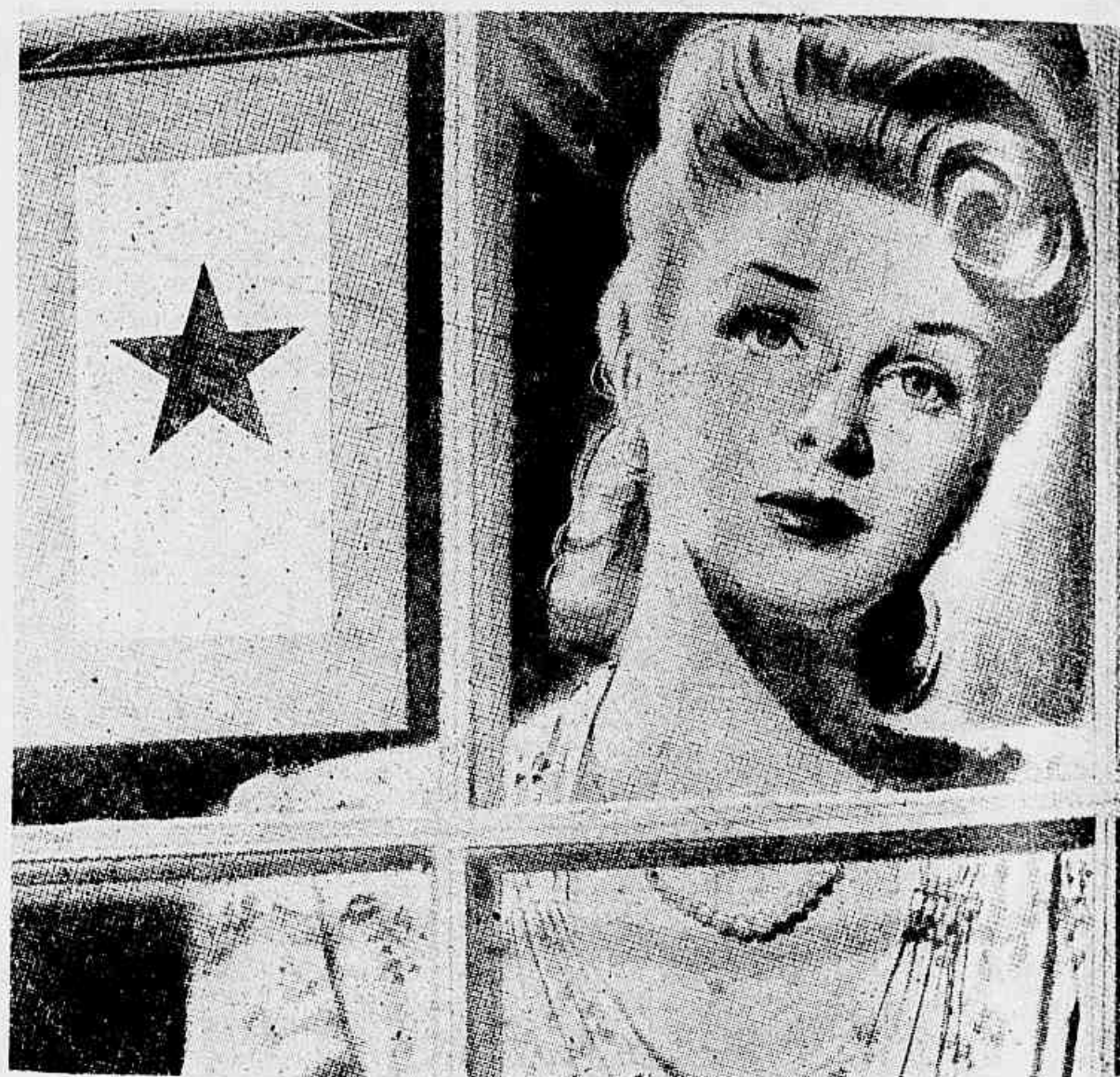
Caríssima JENY:

O ciúme é um dos capítulos mais interessantes da patologia do amor. É um complexo de inferioridade, diria um discípulo de Freud. Contudo não é realmente este o complexo que podemos ver em certos casais; é antes um complexo de amor próprio mal dirigido e assim se explica o seu caso, minha amiga. Você confessa que não ama seu marido, tem por ele apenas uma amizade que se cristalizou nos longos anos de convivência, e no entanto tem um ciúme que lhe descontrola os nervos. Esse ciúme mórbido lhe sugere visões que não são de certo causadas senão pelo amor próprio exagerado: "Que pensarão minhas amigas? — Que dirão as pessoas de nossas relações? Que dirão meus parentes?"

Não admito que exista mulher alguma melhor do que eu! É isto o que a preocupa. O fato exterior, o respeito humano, a verdade ofendida. Nada além do seu amor-próprio, nada que fira sua sensibilidade amorosa, seu carinho ou mesmo essa amizade conjugal. Ciúme que flutua numa esfera convencional. Para se vingar de seu marido, você pretende fazer-lhe ciúmes. O ciúme pode ser provocado por atos, ou apenas intenções. Aquele que é provocado por atos, não acredito que dê bom resultado, quando o marido é um homem de brio e carácter. O ciúme que é apenas uma vaga desconfiança, incerteza, receio, esse às vezes, despertando o amor-próprio masculino, faz com que ele se ocupe mais, se desvele melhor em prender a mulher que ele teme lhe possa fugir. Tudo isso, minha amiga, depende de circunstâncias, de temperamentos e caracteres, o que quer dizer que a tática ou a estratégia, nos diversos casos, depende da inteligência e sagacidade da mulher.

Vou contar-lhe um caso muito interessante que li há dias e que servirá de ilustração ao que digo.

O fato situava-se em uma casa de campo nos arredores de X. O dono da propriedade tinha algumas leguas além de sortido armazem para atender aos fazendeiros da



zona e moradores de uma vila próxima. O gerente do armazem conseguiu licença para negociar em pequeno botequim longe da casa. Tornou-se aquilo, dentro de pouco um ponto de reunião, a tábua redonda dos estancieiros mais próximos. Como era natural, o dono fez-se o mais assíduo parceiro de poker, esquecendo a sua formosa mulherzinha.

Noite após noite, suportou a linda abandonada as ausências do marido. A paisagem maravilhosa que a cercava; altas e verdejantes serras, o lago de límidas águas onde a lua mais exacerbava-lhe os nervos. Por fim explodiu a tormenta. Uma noite, ela chamou o cocheiro mandou que atrelasse os cavalos à "charrette" e puzesse na frente um grande cesto para compras. Vestiu-se com suas melhores galas, fez-se mais linda, e arrebatada pelo despeito lá se foi ao botequim do marido. Lá chegando, alta hora da noite, entrou com passo de rainha e, sem olhar para ninguém, dirigiu-se ao gerente do armazem, mandando-lhe que lhe puzesse no cesto o que havia de melhor em conservas e vinhos; e, alteando a voz de modo a ser ouvida pelo marido, que ali estava a dois passos cercado de amigos, todos assombrados com a inesperada visão, disse:

— Depressa, pois espero uns amigos, para passar o resto da noite! E saiu altaneira, como havia entrado, seguida pelo cocheiro. Fez-se um silêncio de expectativa; por fim, mal a "charrette" se perdera na noite, o marido levantara-se num ímpeto e montara em direção a casa. Ali entrou como um pé de vento e, sacudindo a mulher pelos ombros, perguntou furioso:

— Onde estão esses amigos com quem a senhora vai passar a noite?

Ela olhou-o demoradamente e, com calma e decisão, respondeu:

— Não chegaram ainda, mas chegarão um dia, se o senhor continua deixando sosinha sua mulher, para ir todas as noites atrás desses casados sem deveres.

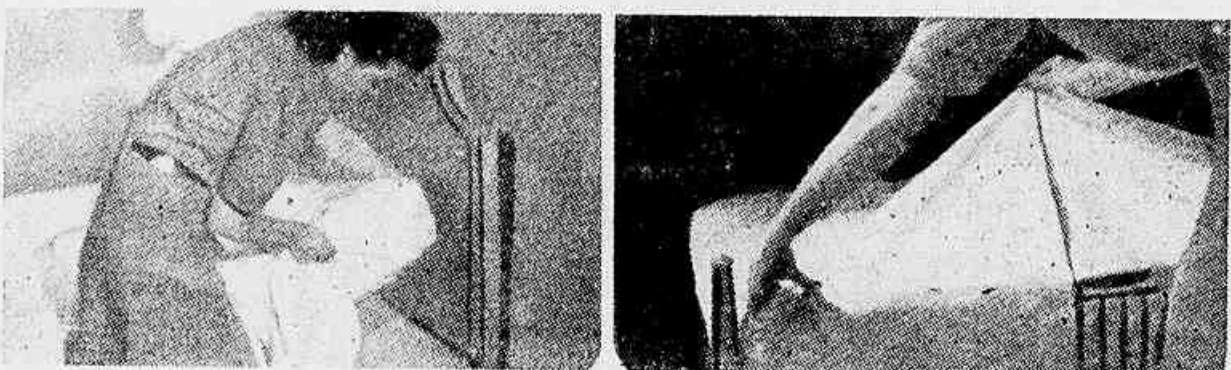
Para este a lição foi eficaz: ele compreendeu que nada vale o lar onde uma esposa fiel e carinhosa vela pela felicidade de todos. É ali o refúgio constante e consolador.

Mas, minha amiga, você acredita que todos os homens reagiriam da mesma forma nas mesmas circunstâncias? De certo que não; este homem era bom e compreensivo, soube penetrar o sentimento de natural revolta de sua mulher e compreender também qual o seu quinhão nos deveres e direitos. Espero que o fato, aqui relatado, lhe sirva para alguma resolução que venha a tomar. O que lhe posso aconselhar é que aja com prudência, com cuidado, como alguém que vai tirar das chamas um objeto precioso. A labareda é o ciúme e o objeto precioso a sua felicidade conjugal.



Pronta para começar.

Comece estendendo o lençol, jogando-o para o lado da cabeceira; agite primeiro o lado que vai ficar aos pés.



Depois suspenda o colchão na cabeceira, pondo um bom pedaço do lençol debaixo para não enrolar quando se deitar.

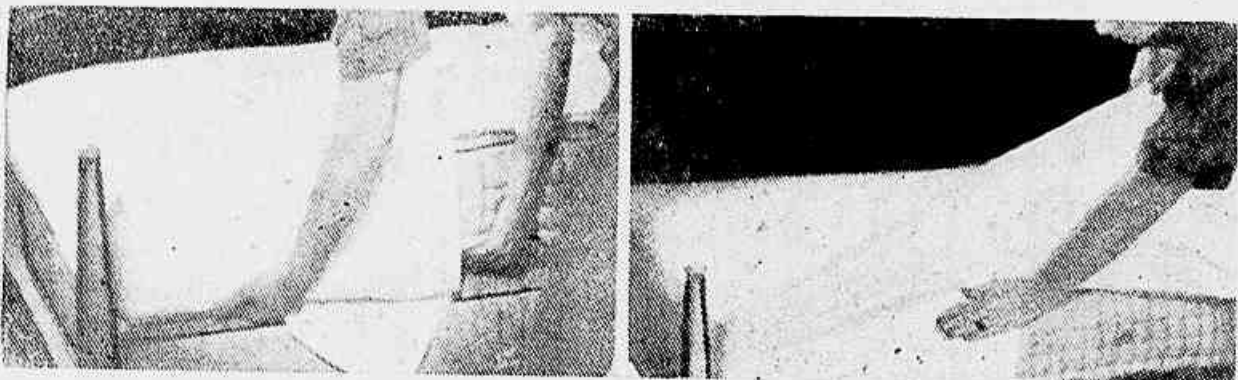
O lençol é agitado como se fizesse um dobrado num triângulo envelope por cima do outro pedaço; enfie sob o colchão.

FLORENCE PAINE acha que nenhuma mulher, digna do nome que tantos títulos confere, deve ignorar os primordiais princípios que tornam o lar uma habitação para gente civilizada; o conforto não se pôde separar da arrumação. Há muitas mulheres capazes de preparar os mais complicados "drinks" ou os mais difíceis confeitados, que sabem dar retoque a um arranjo para recepção etc., e não sabem fazer coisas rudimentares como sejam: fazer uma camisola para o baby, ou o que é mais simples ainda, fazer uma cama. Isto até parece que é mesmo muito simples mas na realidade não o é. Florence Paine nos mostra aqui em 9 lições, como a coisa requer capacidade.

Há um método para tudo, até para fazer a cama.

É preciso aprendê-lo, diz Mrs. Paine, para poder dormir confortavelmente, sem que, com os movimentos inerentes ao sono, ela se desfaça, o que nos incomodaria. É realmente agradável uma cama de alvos lençóis bem esticados e bem presos sob o colchão.

É difícil termos pesadelo dormindo numa cama assim.



Aqui está ensinando como se enfia a parte de baixo do triângulo.

Depois é a vez do triângulo e do resto, esticando sempre bem, para que não fique nenhuma ruga a incomodar, quando se deitar.



O de baixo já foi posto; faça o mesmo ao outro, mas não dobre na cabeceira.

Estenda a colcha ou cobertor e cuidadosamente dobre sobre ele o lençol. Estique bem. Ponha a fronha no travesseiro.



Agora arrume o travesseiro, o último alisado. Confere!



GEORGE CARROLL, RAY ALDRIDGE E RED CHELTON (METRO)

CARNAVAL

N^o teatro da Moda, bem à frente, no proscênio iluminado, surge para nós a velha e conhecida figura do Zé Pereira. Caricatura da alegria, ele chega, impetuosamente, todos os anos empurrando a onda de barulho, a algazarra infernal, a poeira selvagem do povo que parece enlouquecido por um mistério caim. Vestem-no os modernos de Rei Momo, mas ele não é mais que um *bravetti* do velho Zé Pereira, aquele mesmo que veio de Portugal, farejando as mulatas do Brasil, jogando água e vinho, nos entrudos, rica e água-florida, tanto na mucama sapeca como na Sinhá-Moça dengosa. Ele vem de longe no tempo e no espaço; como a trinca da farça, ele conserva sua lenda, a trinca é ainda *Pierrot*, *Colombina* e *Arlequim*; havia também *Pantalone* com as enormes calças bonbichas, o colete escorregando pelas coxas, a gravata descomunal, todo ele um ridículo fantoche feito para provocar o riso das multidões; um boneco de trapos, com choculhos, no lugar do coração. A cena, em nossos dias, continua com a mesma significação da farça do teatro italiano: *Ela — Ele — o Outro*. *Pantalone* procura distrair a platéia em quanto o melodrama se desenvolve, mas ele, o ridículo fantoche, é, na realidade, o único ser que tem coração e que, no silêncio da realidade, sabe compreender, e chora sobre a desventura alheia.

O Carnaval de Veneza, desfilando ao redor das lagunas, nas ruas apinhadas, ou nas gondolas pelo grande canal, à sombra dos palácios dos Dóges, teve a sua celebridade, representando no mundo antigo, e atraindo à poetica rainha do Adriático todos os magnatas da terra. Era, então, um cortejo deslumbrante de mascarados, arrastando rouletagens simbólicas, recamadas de ouro e pedrarias. *Dominó*, o misterioso embaçado, semelhando um Klu-Klux-Clan insolite, era uma figura clássica dos antigos carnavais, que tanto podia ser inocente, como maliciosa e até perversa, pois era o disfarce predileto dos que precisavam ocultar sua verdadeira identidade para fins criminosos.

O Carnaval de Nice, também figura na história; exibia carros alegóricos com fantásticos bonecos de olhos bascoianos e bocas enormes, abertos num riso alvar, ou maravilhosas *caracollas* de flores com borboletas tatalantes, passaros e formosas napeias e diademas de roupas leves como flôres de nuvens. O Carnaval e rica é hoje quem dita o programa; com ele apareceram ternos e figuras novas. *A Puzarea*, substituiu a antiga

Orgia; o tamborim e o réco-réco tomaram o lugar dos tambores e cornetas; a bendura de *Pierrot*, toda enfeitada de fitas, transformou-se no chapéu de palha do malandro que vem do *Morro*; a fanfarra perdura e anuncia marcialmente os cortejos iminentes, os carros alegóricos e os blocos mais famosos. A b-hiana, o Zé-carrioca, o Tupi, o caboclinho, são personagens que só os de Norte conhecem; sendo que a nossa multicolorida b-hiana, aparatosa e bonita, tornou-se uma figura universalmente divulgada, depois que Carmen Miranda embasbacou os yankees com o seu *ilê* e o malabarismo incrível de sua mimica. O Carnaval Carioca! Quem te viu e quem te vê! Há um esforço inaudito para fazer dele um motivo nacionalista de turismo; há uma alavanca de propaganda para impô-lo como coisa fora do comum; mas a verdade é que ele perdeu a alma, perdeu o espírito. E, apenas, um corpo mais ou menos bem fantasiado e mais ou menos bem manobrado como as *marionettes*.

Porque? Perguntariamos com todas as letras maiúsculas, si houvesse alguém capaz de responder. A guerra seria hoje o melhor motivo e o mais justo, si muito antes dela já não faltasse ao povo carioca a flama de entusiasmo que espoeira, como champanhe, na alma livre de Arlequim ou do Zé Carioca. A alma do Brasil está de joelhos diante do holocausto que o *Dice Irac* levantou na Europa e cujo fogo se alastra pelo mundo, e é de esperar que, purificada pelo batismo de fogo do qual ela participa tão hercicamente, saiba sobrepor-se a todas as contingências afim de obter para o Brasil uma Vitória real.

WALLY



FANTASIAS

A Columbia e a Metro Goldwyn-Mayer por intermédio dos seus agentes de publicidade e com a maior boa vontade e gentileza, atenderam ao nosso apelo para que as nossas queridas leitoras, não ficassem sem os modelos de Hollywood. Também o diretor de publicidade da Universal e o da Paramount teem tido a amabilidade de nos ajudar na tarefa, cada vez mais difícil de compor esta secção.

Os heroicos comboios que sulcam os mares não podem atender sinão a contingências da Guerra.

Nada mais compreensível do que isso, naturalmente.

A despeito de todas as ponderações e contratempos, não ficaremos sem o desfile maravilhoso das estrelas da fantasmagórica cidade do cinema. Teremos fantasias para todos os gostos. Ricas e feéricas como nos contos das Mil e Uma Noites, românticas como as da Renascença ou de 1830; campestres, frescas como os lindos trajes típicos de ciganas e holandesas, as havaianas, até o "cow-boy", das lindas "farm-girls".

Brenda e Cobina, duas pequenas do radio comico, atualmente numa comedia-revista da Columbia, apresentam-se numa alegre atitude de quem diz: Alô! cariocas, somos as sereias da frota de Tio Sam, mas o barco... virou. A fantasia é, naturalmente, vermelha, azul e branca, mas vocês podem fazer um bloco azul marinho e branco e apresentarem-se na Escola Naval. Aguentem o Leme, que a cousa vai!

Que tal essa da Rita Hayworth? E' do seculo passado; puro 1830! Não acreditam? E' possível, pois até o olho de pau do cavallinho está escandalizado. Mas ponham as pernas sob os fôlhos e terão uma linda fantasia de rendas negras e brancas, do maior recato e do mais nobre estilo!

Era assim o tempo dos madrigaes? Por que não?! No segredo de algum "boudoir" perfumado.

O amor em todos os tempos foi o mesmo malandro, sempre andou fantasiado de qualquer cousa ou mesmo de nada, só de... tanga. Foi ele quem inventou o "camouflage", diz Lucille Bell a Red Skelton, fingindo de Mme. Du Barry, com toda a graça de uma verdadeira "Mme. Sans Cêne". Alma de pluma, coração de arminho, sorriso de uva madura, a uva que é a promessa de capote vinho.

Anne Sothern, numa pose de princesa de historias encantadas, nos mostra um bellissimo modelo em fina organza de seda, com barras de arminho largo, e laços de veludinho estreito; o corpete em ponta é de veludo com ombreiras de organza preta e branca, a organza branca enfeita também o decote, duas rosas arrematam as ombreiras dos dois lados e um cacho delas, preso a veludinho negro, desce da cintura ao longo da saia. E' um modelo verdadeiramente lindo para um baile de gala.

Virginia O'Brien, é a vendedora de... ilusões numa caixa de setim e pedras; é uma formosa pitonisa da corte do Sah' da Persia, "camouflada" em "vendeuse". Vende amor, ilusão, ópio do sonho e até bonus de guerra, para ajudar a vitória. Sua fantasia consta de um amplo calção de lã com a pala bordada a ouro e pedrarias multicores, o corpete é de tela metálica lamê branco com os mesmos motivos bordados, o turbante é de lã branco.

Agora voltando ao nosso mundo apresentamos a admirável Eleanor Powell com uma estilização de "cow-boy" em camurça beije rosado com aplicações de couro avermelhado havaiana; a blusa é de camurça havaiana, as luvas também, com aplicações de camurça beije; botas bejes com enfeites de couro havaiana. Apesar do racionamento na saia não acredito que esta fantasia seja fresca, enfim como também o nosso sol anda racionado...



por Janet Mackenzie

Judy Garland nos apresenta outra sugestão de "farm-girl" moderna; esta é branca com bordados de couro branco, as mangas são longas e com franjas, na cintura tem uma série de borlas; pôde ser confeccionada em camurça ou brim que é mais leve, mas para o nosso clima. Mickey Rooney disse que ela... abafou. Pudera!

O nosso vaqueiro no norte também veste roupa de couro e usa reiuna...

E aqui fechamos o desfile da semana; se as nossas amiguinhas desejam alguma sugestão para os bailes carnavalescos, ou blocos, algo que possamos apresentar-lhes nestas paginas, é só pedir, que serão atendidas na medida de nossas possibilidades.

Divirtam-se com a fantasia do seu gosto, é o que desejo alegremente a todas.

1 — Craça, alegria e beleza (Ane Sottern, Metro). 2 — E' uma vendedora de ilusões (Virginia O'Brien e Red Skelton, Metro). 3 — Em 1830? Que escandalo! (Rita Hayworth, Columbia). 4 — No tempo dos madrigaes, Lucille Ball (Metro). 5 — Dance como eu para esquecer a guerra, (Eleanor Powell, Metro). 6 — Viva o Carnaval!



C. I. I. C.

COMPANHIA IMOBILIÁRIA INDUSTRIAL E CONSTRUTORA S.A.
INCORPORAÇÕES - CONSTRUÇÕES

LOTEAMENTO "GAVEA PARQUE"

ESTRADA DA GAVEA, 142

AV. NILO PEÇANHA, 155 - 4.º ANDAR, S/401 A 406

TELEF. 22-9971 (REDE INTERNA)

O REI CINZENTO

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 20)

vê-lo. O senhor também, monsieur Hanaud, do Gabinete do superintendente poderá vê-lo, e talvez — quem sabe? — uma recordação poderá vir-lhe à memória?

Middleton puxou uma suíça e sorriu de modo calvinista.

— Além disso, vinte e cinco mil libras! É uma quantia.

— E' toda a táboa de multiplicar — concordou Hanaud.

Hesitou por um instante. Havia o Monumento, havia as Joias da Corôa. Por outro lado, apreciava os modos polidos de Middleton, assim como suas suíças e sua casaca. Também ele, por certo, gostaria de ver o cavalheiro sírio. Pois...

— Ou ele é um homem muito honesto e infeliz, ou possui uma fórmula para incêndios. — Hanaud olhou para o relógio. Eram quatro horas.

— Temos uma hora. Faça-lhe uma proposta. Iremos a Berwick Street, e veremos aquelas ruínas, embora a sua bela casaca possa ficar estragada.

Middleton ficou radiante. — Ver monsieur Hanaud trabalhando vale muitas ca-

sacas! — exclamou, e nesse momento Ricardo emitiu com certa timidez — pois sem dúvida fora desprezado — sua única contribuição efetiva para esta história.

— Mas a casaca não sofrerá, sr. Middleton. Pergunte a Hanaud! Ele estará de escôva em punho.

Ao norte e ao sul da casa, Berwick Street fora protegida contra o perigo daqueles muros vacilantes. A Companhia de Seguros pusera-se em ação desde manhã, removendo os escombros, mas ainda havia traves perigosamente oscilantes em cima, e o chão estava cheio de detritos de peles. O passo de Middleton deu-lhes entrada na ruína do edifício. Hanaud olhou em redor com a admiração complacente de um conhecedor.

— Ah! — disse. — Receio que os senhores da Unicórnio paguem vinte e cinco mil libras. Esse incêndio foi um serviço completo. Não sei si diga "que desgraça!" ou "que fórmula!"

Avançou precavendo-se contra as traves que se balançavam sobre sua cabeça.

— Não me sigam, por favor — disse ele a Ricardo e Middleton. — Não é pela sua segurança. Mas, como meu amigo Ricardo sabe, muitos cozinheiros estragam uma iguaria.

Andou de um lado para outro, delineando, pelos fragmentos dos muros internos, a situação dos quartos. Num momento deteve-se e voltou para os dois visitantes.

— Havia sem dúvida luz elétrica — afirmou mais do que perguntou. — Posso ver seus vestígios.

— Nada havia que não fosse luz e energia elétricas — replicou Middleton firmemente. — A cozinha era feita num fogão elétrico e os fios passavam dentro de tubos de aço. Já que a loja e o estoque eram inflamáveis, cuidamos particularmente que esses detalhes fossem observados.

Hanaud voltou ao seu passeio. Em certo lugar uma pesada banheira de ferro tinha se precipitado do primeiro andar ao chão, com a sua pintura branca inteiramente queimada e as torneiras torcidas pelo calor. Nesta banheira ele tornou a parar, levantou a cabeça para o ar e fez menção de cheirar algo, depois curvou-se para o chão e tornou a cheirar. Ergueu-se com um olhar de perplexidade em seu rosto, como um homem que tentasse recordar-se de alguma coisa sem o conseguir.

Afastava-se desse centro em várias direções como si andasse ao longo dos raios de uma roda, mas sempre tornava a voltar para ele. Finalmente parou e começou a examinar alguns estilhaços de vidro que estavam espalhados no chão e na banheira. Pareceu aos observadores, que ele apanhava um destes pedaços, revirava-o nas mãos, levava-o ao nariz e finalmente colocava-o num de seus bolsos. Voltou para os seus companheiros.

— Devemos estar em Marlborough Street às cinco — disse ele. — Partamos!

Ricardo chamou um taxi, entraram e sentaram-se apertados, tanto Middleton como Ricardo, observando Hanaud ansiosamente, enquanto este, entre ambos, não aparentava mais expressão do que a imagem de um rei egípcio. Por fim falou:

— Conto-lhes alguma coisa. — Um suspiro de alívio partiu de Middleton.

Ricardo sorriu e pareceu orgulhoso. Seu amigo era por certo o Homem que descobria a Dama sob o dedal.

— Sim, conto-lhes. — O cavalheiro sírio tornou-se um cavalheiro inglês. — Ele possui uma banheira.

Middleton resmungou. Ricardo ergueu os ombros. Era deplorável que Hanaud nunca soubesse quando devia agradecer.

— Mas o senhor cheirou alguma coisa — disse Middleton em tom de censura.

— Por certo que você cheirou — disse Ricardo.

— Duas vezes — insistiu Middleton.

— Três vezes — retrucou Hanaud.

— Ah! — exclamou Ricardo. — Já sei. Era petróleo.

— Sim — exclamou nervosamente Middleton. — Petróleo num depósito secreto na banheira.

Hanaud balançou a cabeça.

— Não é bem isso — disse. — Não, mas talvez eu tenha cheirado — e pôs a mão sobre o braço de cada um de seus companheiros — uma fórmula. Mas aqui estamos, não é? Vejo um polícia na porta.

Tinham de fato chegado à delegacia de polícia de Marlborough Street. Um polícia abriu a porta e entraram numa grande sala. Outra abriu-se, e o superintendente Holloway apareceu no limiar, um

RUGÔL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

homem alto de cabelos grisalhos, fisionomia inteligente e atável.

— Monsieur Hanaud! — disse ele avançando com a mão espalmada. — Eis um agradável momento para mim.

— O mesmo digo eu — respondeu Hanaud no seu melhor inglês. — Estaremos mais à vontade no meu gabinete — continuou o superintendente. — O sr. Swallow ainda não chegou.

Conduziu seus visitantes a um confortável gabinete, e, fechando a porta, convidou-os a sentarem-se. Um grande e magnífico gato côr cinza, de belos olhos de puro âmbar estava numa outra cadeira, as patas sobre o peito, e olhava os visitantes com a indiferença de um deus.

— O senhor compreende, monsieur Hanaud — disse o superintendente — que eu nada tenho contra o sr. Swallow. Mas penso que gostaria de vê-lo e tenho uma excelente desculpa para mandar chamá-lo. Gosto de ver as pessoas.

— Também eu — respondeu cortemente Hanaud. — Sou muito sociável.

— O senhor terá sobre mim a vantagem de ver sem ser visto — disse o su-

LOTES DE LINHO, MIXTOS E DE CRETONE

Guarnições de mesa — Linhos avulsos — Cambraias, etc. Vendas por atacado e a varejo — Grande facilidade nos pagamentos — Solicitem demonstrações sem compromisso a JULIO HIRSCH.

AV. BRIGADEIRO LUIZ ANTONIO, 350
FONE 7-7669 — S. PAULO

perintendente, e interrompeu-se com uma exclamação.

O gato cinzento erguera-se da cadeira e saltara para o assoalho. Al esticou uma pata e depois a outra, deliberadamente, como si tivesse o dia inteiro para isso e nada mais a fazer. Daí avançou lentamente para Hanaud, lambeu como um cachorro a mão com que este ia acariciá-lo, e depois saltou para seus joelhos onde se aninhou. Aninhou, contudo, não é bem a palavra. Mantinha a cabeça erigida e olhava em redor, numa curiosa excitação enquanto seus olhos cinzentos brilhavam como joias.

— Dou-lhe minha palavra — disse o superintendente. — E' a primeira vez que reconhece a existência de alguém na delegacia. Mas aí está. Todos os gatos são gran-finos.

Era um belo cumprimento, e sem dúvida monsieur Hanaud teria encontrado uma resposta apropriada si o polícia na outra sala não tivesse erguido a voz.

— Queira entrar e sentar-se enquanto vou chamar o superintendente — ouviu-o dizer, e Holloway ergueu-se.

— Deixarei a porta entreaberta — disse ele em voz baixa e saiu.

Através da fenda da porta, Hanaud e Ricardo viram Enoch Swallow levantar-se da cadeira. Era um homem alto, forte, quase tão alto e forte como o próprio su-

Rotenol

A base de óleos balsâmicos e plantas germicidas da Amazonia, contém os elementos naturais de que a epiderme necessita para a conservação de sua beleza.

NÃO HA MELHOR SABONETE SEJA QUAL FÔR O PREÇO

MAU HALITO

"Mata" a Beleza do sorriso...

Não deixe que o mau hálito prejudique seus encantos! Evite esta afronta à sua beleza, bochechando e gargarejando com Odorans — o dentífrico medicinal, recomendado pela ciência! Odorans impede a fermentação, purifica o hálito e combate as infecções bucais como piorréa, gengivites, etc.

ODORANS

O DENTÍFRICO MEDICINAL

peritente, com o cabelo escuro e curto e uma fisionomia aberta de camponês.

— O senhor queria ver-me? — perguntou. Tinha uma voz áspera e metálica, mas a pergunta em si era comum e velada. O homem não estava nem assustado, nem arrogante, nem sequer curioso.

— Sim — respondeu o superintendente. — Devo desculpar-me por tê-lo chamado numa hora que lhe deve ser muito inconveniente. Mas temos um objecto sério.

— Algo meu? — perguntou Swallow, talvez um pouco mais lentamente do que era natural.

— Sim — disse o superintendente com vivacidade — imagino que o senhor gostará provavelmente de reavê-lo já.

— Sem dúvida. Muito lhe agradeço. Pensei que tivéssemos perdido tudo. Que é? — perguntou Swallow.

— Um gato — respondeu o superintendente. Swallow abriu a boca e seu rosto tornou-se pálido. Era surpreendente a mudança que nele se operava. Um momento antes, estava à vontade, confiante, um pouco curioso; agora era um homem fora de si; olhava o superintendente com olhos arregalados, engolia em seco e seu rosto era da cor do pergaminho.

— Sim, um grande gato cinzento — prosseguiu Holloway — que tem a superioridade de um imperador. Mas o pobre animal parecia tão desdenhoso a noite passada, posso lhe garantir. Logo que a porta foi arrombada — o senhor tinha uma sala, sr. Swallow e uma ótima fechadura — os ladrões não existiam para o senhor, não? — e o superintendente ria amavelmente. — Bem logo que foi arrombada, o gato saiu correndo e agarrou-se às pernas de um dos meus policiais miando e tremendo num grande pavor. E não me admira. Andou perto de ter uma morte horrível.

— E o senhor o tem aqui?

— Sim, trouxe-o para cá, dei-lhe um pouco de leite, e desde então tomou conta de meu gabinete.

Enoch Swallow tornou a sentar-se na cadeira, e um tanto subitamente, pois suas pernas tremiam. Relanceou um olhar furtivo em torno da sala e ao teto. Depois disse:

— Fico-lhe muito agradecido — Compreendeu, porém, ao pronunciar estas palavras, que sua emoção exigia uma desculpa maior. — Explico-lhe — disse-lhe estendendo as mãos. — Para mim os gatos não têm tanta importância. Mas minha pobre mulher adora-os. A noite passada, e durante o dia inteiro ela muito se lamentou pela perda de nosso gato.

Na sua imaginação via-o queimado, com sua pele transformada em chamas, horrível! — E Enoch Swallow fechou os olhos. — Agora que foi encontrado são e salvo, ficará contente. Minha loja, meu estoque, tudo destruído, puff! de nenhuma importância. Mas com o **Rei Cinzento** de volta, tudo está bem — e num largo sorriso Enoch parecia convidar toda a delegacia a apreciar suas considerações humorísticas sobre a esquisitice de sua mulher.

— Certo! — exclamou o superintendente. — Vou buscar-lhe o **Rei Cinzento**. — E ao mesmo tempo todos os músculos de Swallow contrairam-se e ele ergueu as mãos para o ar.

— Espere, por favor! — exclamou. — Há uma loja em Regent Street onde vendem de tudo. Corro lá e compro um cesto para o **Rei Cinzento**. Então o senhor poderá apanhá-lo, eu o levarei para minha mulher e assim não haverá aborrecimentos esta noite. Um momentinho!

O sr. Enoch Swallow retirou-se. O superintendente Holloway voltou ao seu gabinete com toda a amabilidade ausente de seu rosto. Carregava os sobrolhos.

— O senhor já viu este homem antes, monsieur Hanaud? — perguntou Holloway.

— Nunca — disse Hanaud com segurança.

O superintendente abanou a cabeça.

— Engraçado! Eis o que eu lhe chamo. Sim, engraçado.

O sr. Ricardo riu de um modo superior. Não havia problemas para ele.

— Os que enlouquecem quando vêem um gato — citou ele. — De fato, nosso Shakespeare sabia tudo.

Monsieur Hanaud interrompeu rapidamente:

— Sim, este Enoch Swallow detesta os gatos. Tem o complexo do gato. Tornou-se verde à simples ideia de que possa transportá-lo numa cesta. E no entanto tem um gato em casa, submete-se a ter um gato que não pode suportar sem ficar doente, só porque sua mulher os aprecia! O senhor acha isso verossímil? Torno a dizer: "não é bem isso".

Um ruído na outra sala anunciou a volta de Enoch Swallow.

O superintendente agarrou o **Rei Cinzento** e dirigiu-se aonde o esperava Enoch. O sr. Ricardo, olhando pela porta entreaberta, viu o rosto moreno de Swallow tornar-se verde. O sargento, que estava sentado à parte, pensou que ele fosse desmaiar e levantou-se. Enoch Swallow conseguiu dominar-se, porém. Estendeu a cesta ao superintendente.

— Si o senhor quiser ter a bondade de colocá-lo dentro da cesta e amarrá-la, ficará tudo bem. Eu estou me tornando

ridículo — disse numa fraca tentativa de sorriso. — Um camarada forte cujo estômago se aperta vende um gato. Mas o fato é este.

O **Rei Cinzento** ressentia-se da indignidade de se ver prisioneiro numa cesta; debatia-se, arranhava e mordia como, si fôsse o mais comunista dos gatos, mas o superintendente e o sargento juntos conseguiram metê-lo por fim dentro da cesta.

— Já lhe digo o que vou fazer, meu caro — disse Holloway. — Vou mandar o animal por um dos meus homens ao seu hotel — Percy Street, não é? — e assim, o senhor não terá que se aborrecer com ele.

Mas Enoch não queria incomodar de tal maneira a delegacia.

— Oh, não, não! O senhor é a bondade em pessoa, sr. superintendente. Mas uma vez na cesta não me preocupa. Le-

vá-lo-ei para casa imediatamente, e minha mulher há-de conservá-lo longe de mim. Está tudo arranjado. Veja, eu o carrego.

Enoch Swallow, de fato, carregava-o mas com a cesta bem afastada corpo.

— Não haveria incômodo em mandá-lo ao motel — insistiu o superintendente, mas o sr. Swallow tornou a recusar e com a mesma veemência de antes. O polícia tinha seu trabalho a fazer. Seria humilhá-lo interferir com o homem por uma razão tão pequena.

— Além disso, não tenho que ir muito longe — e, com protestos de gratidão ainda mais efusivos, retirou-se da delegacia.

O superintendente voltou a seu gabinete.

— Ele não consentiu que o enviasse

(Continua na pag. 46)

GRIPES RESFRIADOS NEURALGIAS



DÔRES
de CABEÇA

TRANSPIROL



"CAMPING" NA SERRA



Para as nossas leitoras que pretendem fugir do carnaval "homisiando-se" nas altitudes tranquilas, oferecemos estes modelos.

1 — Modelo juvenil apresentado por Agnes Barret, em crepe branco com aplicações nos bolsos e no decote.

2 — Marjorie Montgomery apresenta-nos este modelo de calças e blusa. E' um conjunto em algodão de cor verde muito apropriado para o campo.

3 — Calça e jaqueta de lã preta contrastando com uma blusa de seda de cor clara.

4 — O motivo inspirou-se evidentemente nos trajes peruvianos. E' em algodão vermelho vivo. Os enfeites dos ombros são de feltro.

5 — Conjunto pitoresco de crepe vermelho com uma blusa verde. Os bolsos são caprichosamente bordados.

6 — Marjorie apresenta-nos este modelo de feltro com flores bordadas na barra e blusa de crepe branco.



TAPEÇARIAS
CORTINAS
DECORAÇÕES

TAPEÇARIA
A Noiva
22
RUA DA CONSTITUIÇÃO
TEL. 22-0133
MARCA REGISTRADA

J. LEITE & ABREU LTDA.

Rio de Janeiro

NUMEROS ATRASADOS DESTA

REVISTA NA BAHIA

Pedir a ALFREDO J. SOUSA

Rua do Colegio, 8 — Salvador

AGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
LIMPA E FECHA OS POROS
A VENDA EM TODA A PARTE

Instituto Roentgen

Radioterapia Superficial e Profunda
DRS. ÁLVARO FORTES — FERNANDO AZZI
RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 139

Salas 10, 11, 12 e 14—Fone: 4-0394 — São Paulo

ESPORTE ILUSTRADO

É A ÚNICA
REVISTA
ESSENCIALMENTE
ESPORTIVA QUE
SE PUBLICA NO
BRASIL

A LOUCURA DE UM SÁBIO

(Continuação da pág. 15)

murro preparado, e um sorriso indescritível pairou-lhe nos lábios, varrendo as últimas nuvens que ameaçavam borrasca. Sorriso amargurado e irônico, ferino como uma seta, e triste, triste como um dobre a finados.

— Riem-se!... Compreendo... e perdão. A ignorância justifica a inselência. Depois que eu lhes houver explicado a minha teoria, não se hão de rir mais, asseguro-lhes. "Estado cênico" chamo eu à situação moral dos órgãos. Cada órgão representa o seu papel; bem o sabem. O Coração é — o galã; o Estômago — o centro; o Fígado é quase sempre o — tirano; o Esôfago — o vegetal; a Cabeça — a ingénua. Sómente ao Baço não foi ainda distribuído papel nenhum pela ciência. Esses atores, que eu chamarei fisiológicos, representam continuamente, ininterruptamente — salvo o caso de suspensão do espetáculo, por ordem da morte — ora a comédia, ora o drama, ora a tragédia. Vejamos primeiramente a comédia. E' o caso aqui deste senhor.

— Ah! é então uma comédia o que se está representando agora em mim?... Está bem; — murmurou e estudante com certa ironia compassiva.

— Uma comédia, sim; porque todos os seus órgãos estão perfeitos e satisfeitos. E' a comédia da saúde. Consinta que eu o ausculte por um momento.

Isto dizendo, colou o ouvido ao peito do moço, auscultando-o.

— Perfeitamente, perfeitamente. O Coração pediu a Cabeça em casamento ao Fígado e ao Estômago, da qual este é pai e padrinho aquele. O casamento foi julgado conveniente. O Coração, além de ser incansável e honrado trabalhador, tem muito e magnífico sangue, rico de fibrina. Desde que o Estômago consente, vai tudo bem, porque como os senhores sabem, o Estômago é o centro, é ele que sustenta toda a companhia. E' ele que por meio do quimo prepara as substâncias alimentares, que depois, pela absorção, se introduzem no sangue e, pela assimilação, vão refazer os órgãos, reparar-lhes as perdas. Sem papel Estômago nada se pôde fazer em casa. E' ele o cozinheiro, o dispensário, o copíro, o caixa. No dia em que ele se recusa a trabalhar, tudo sofre e a comédia passa a drama. Casados Coração e Cabeça, está feita a felicidade de todo o organismo; pois que da harmonia do diretor da circulação com a diretora geral do corpo, da Força e da Inteligência, resultam a ordem e o progresso da existência. Imaginem agora que o Fígado, por qualquer motivo, zanga-se um belo dia. Zangado o Fígado começa a segregar bilis em demasia e a mandá-la para o Estômago. O Estômago, ao receber tanta bilis, azeda-se, enche-se, digere mal, distribue pior. Há uma revolta na casa. O sangue, subindo e descendo pelo Coração, girando por toda parte, não leva aos órgãos a razão do costume. O Cerebro reclama — fôsforo, fôsforo! — furioso, revolvendo tudo lá para cima; um daqui pede — fibrina; outro dali — albumina; aquele acolá — sais cálcicos. E' uma revolução! Os músculos, os nervos, as cartilagens, os ossos, não recebendo a tempo e bastante o seu alimento quotidiano, e obrigados, apesar disso, a trabalhar, desequilibram-se, enfraquecem-se, definham. Eis o drama! Muitas vezes faz-se a reconciliação geral no quinto ato e continua a comédia. Mas outras, infelizmente, o caso complica-se, agrava-se, e surge a tragédia. Papai Estômago, exaltado! sempre ativo e bondoso, procura remediar tudo e evitar a catástrofe, mandando alimentos e remédios ao galã ou ao tirano, se é do Coração eu do Fígado que vem o mal; mas ele mesmo está fraco e acabrunhado pela dôr, e cede também, afinal. Então... catapuz! — cae o tirano apunhalado; o galã, horrorizado, suspende a circulação, o sangue foge e coagula-se. O Cerebro gela-se, imobiliza-se, e... desce o pano. Quer dizer... Acabou-se a peça... e o teatro.

Calou-se então, suarento, lívido, trémulo. E enquanto os rapazes se entrecalhavam com um grande espanto, ele, absorto, o olhar pasmado, levou uma das mãos ao peito e a outra à cabeça, como que procurando auscultar-se e apalpar-se a si próprio, e entrou a murmurar desvairadamente:

— Sim... Sim... Uma tragédia... Sinto-a, ouço-a... o Cerebro delira... Foi o excesso do fôsforo e do estudo... A ciência... é o oceano: afoga e submerge. A ciência é o fogo: ilumina, abraça, devora e destrói. A ciência é a noite! Sou um sábio e estou doido! Já não é mais a tragédia. Agora é a farsa... Que alegria! Tudo ri, tudo gargalha dentro em mim!

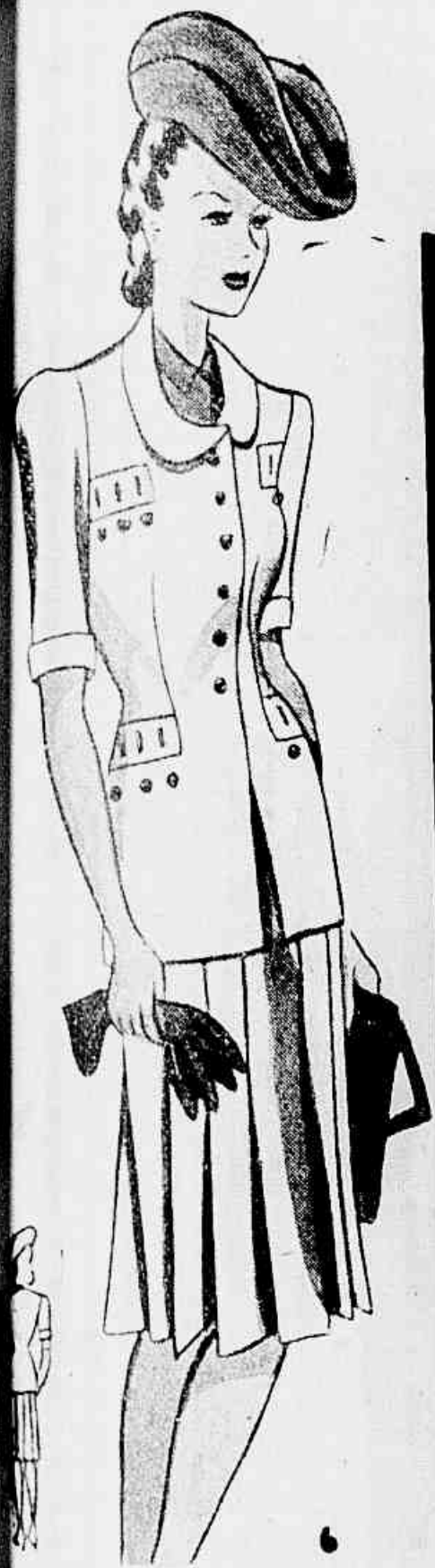
Soltou uma imensa gargalhada nervosa e acrescentou, saltando sobre a mesa:

— Eu sou o Pâncreas! o sábio Dr. Pâncreas!

MODELOS DA SEMANA



1 — Costume de shantung, recortes e vieses do mesmo. 2 — Bolero com bolsos de fantasia e enfeites nos punhos da fazenda da blusa. 3 — Interessante costume com bolsos embutidos no fecho da pala. 4 — Casaco liso com bolsos fantasia sobre uma saia escocesa alegre e blusa quadriculada no tom da saia. 5 — Vestido simples de shantung, gola com laço, pregas presas na saia e casaco quadriculado; os bolsos originais, são enfeitados com uma presilha. 6 — Costume em shantung, talho original da gola e bolsos aplicados, sobre a beira dos quaes são abertas as casas; os botões figuram como enfeite logo abaixo. 7, 8, 9, 10 e 11 — Cinco costumes para os dias quentes. Linho, shantung, fazendas de algodão escocesas ou quadriculadas, podem ser empregadas na confecção. As tiras em forma de seta estão em voga e dão um toque original nos vestidos de verão, assim como tiras de cores diferentes e de fantasia.



Continuamos indecisas com as bruscas mudanças de temperatura. Não mais se sucedem os dias de sol, de calor. Ao sopro abafador do bochorno, saem as leves *toilettes* de verão; de repente o tempo muda e nos surpreende completamente desprevenidas. Que fazer para harmonizar a moda com o tempo?

A brasileira sempre se atrapalhou com a moda.

Acostumada a ser vestida por Paris, pela Austria, que camouflava os figurinos com títulos em francez, e agora pela America, cujas estações estão sempre desencontradas com as nossas, a mulher brasileira fica perplexa ante os problemas criados pelo Tempo.

Lembro, a propósito, um caso bastante significativo: casava-se a filha de um ministro e o mez escolhido era de verão, isto é sempre fôra de verão, porém este ao qual me refiro continuava firme e teimosamente frio. E' claro que as *toilettes* teriam de ser escuras; pesadas, peles e plumas, mas o diabo é que já se chamava ao tempo *verão* e, embora ele teimasse em continuar frio, era *verão*. Na logica das damas elegantes as *toilettes* deviam ser de *verão*, mesmo que batessem os dentes de frio, ou apanhassem um resfriado!

A questão esteve séria, mas a rotina venceu.

Atualmente, por exemplo, os vestidos de verão, muito léves e sem mangas, são peças quasi inúteis no nosso guarda-roupa: dois ou tres, no estilo, são suficientes. O mais pratico será adotarmos os vestidos de meia estação, mais abrigados sem serem quentes; para isso o ideal são costumes de *faille* seda ou panamá (que nada tem de muito fresco), e usa-los com blusas, pois se o calor se tornar insuportavel poderemos perfeitamente tirar o casaco e leva-lo no braço.

Embora não vejamos isso nos figu-

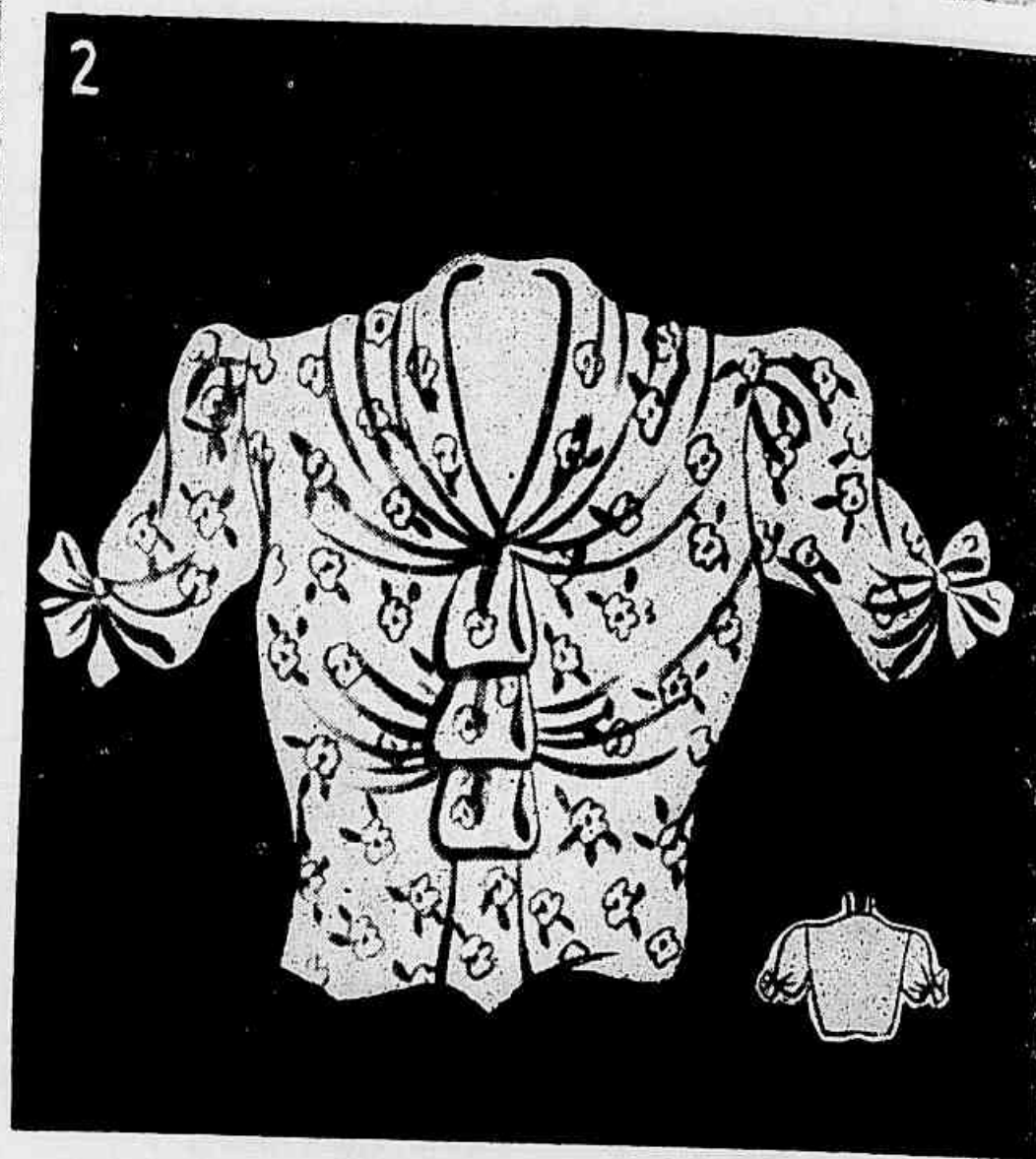
ros, é um sistema pratico para uso *interno*, em nosso país. Muita gente andava por ai feito cabide, de chapéu na mão, simplesmente porque era moda — uma moda aliás bem tola e bem incomoda afinal. Fazia-se um bonito penteado, como para uma recepção e, para *exibir* o penteado, carregava-se o chapéu, este apenas para que ninguém fosse pensar que "ela" não tinha chapéus.

E assim é a Senhora Moda, cheia de tolos caprichos, e contrariada agora, constantemente, pelo Senhor Tempo.

LUCIA MARY



Blusas

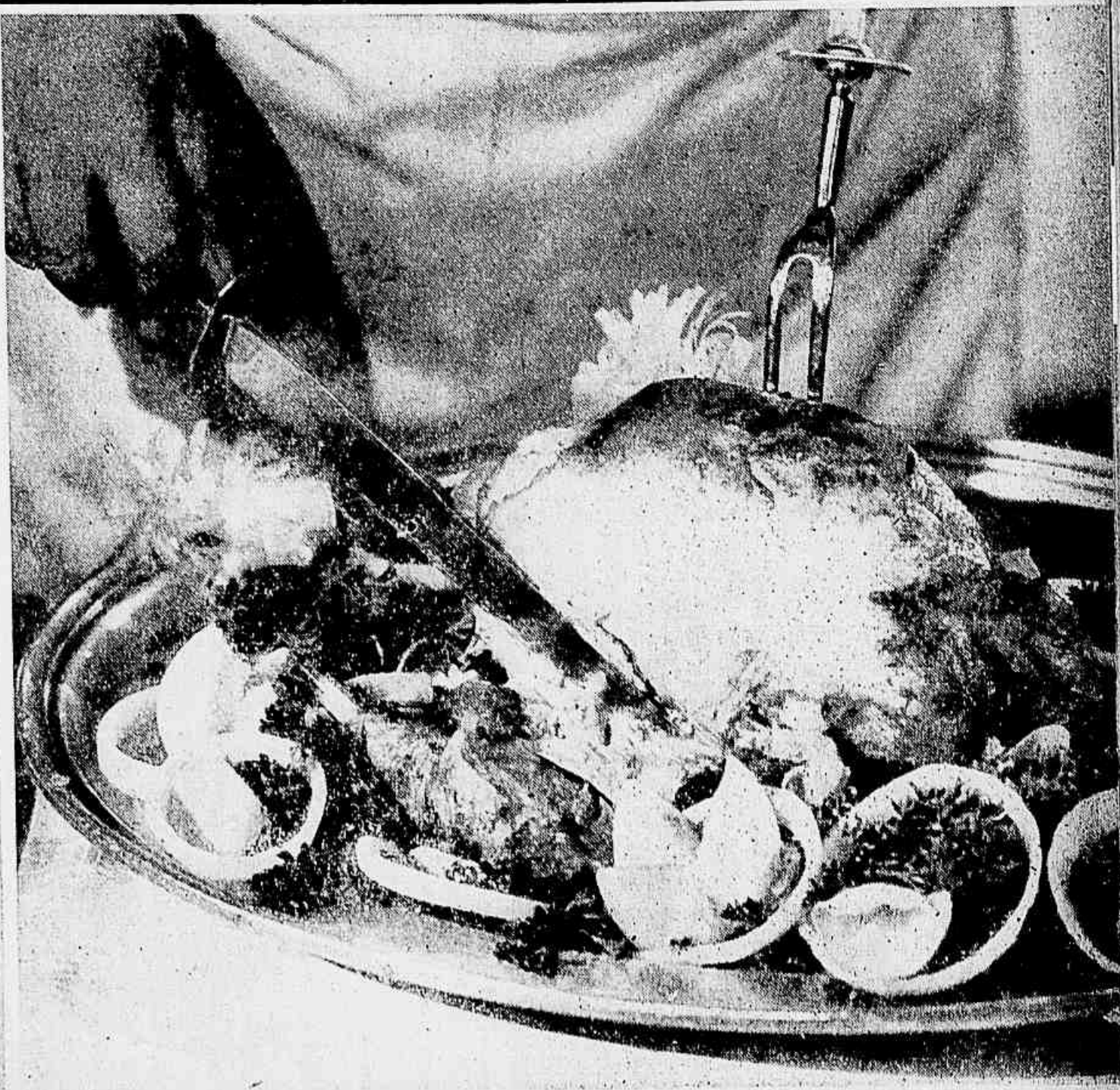


1 — Gola redonda com gravata enfeitada de piqué. 2 — Blusa estampada, cortada enviesada com apanhados sob dobras da gravata. 3 — Gola alta com o laço; pala lisa prendendo o franzido. Entre-meios de renda, mangas longas e amplas presas com um punho justo. 4 — Colarinho fechado, botões de madreperola e monograma no bolso. 5 — Blusa em linho ou cambraia, pregas de um lado e outro da prega macho, presilhas como enfeite, com botões da fazenda.

Como trincar um peru



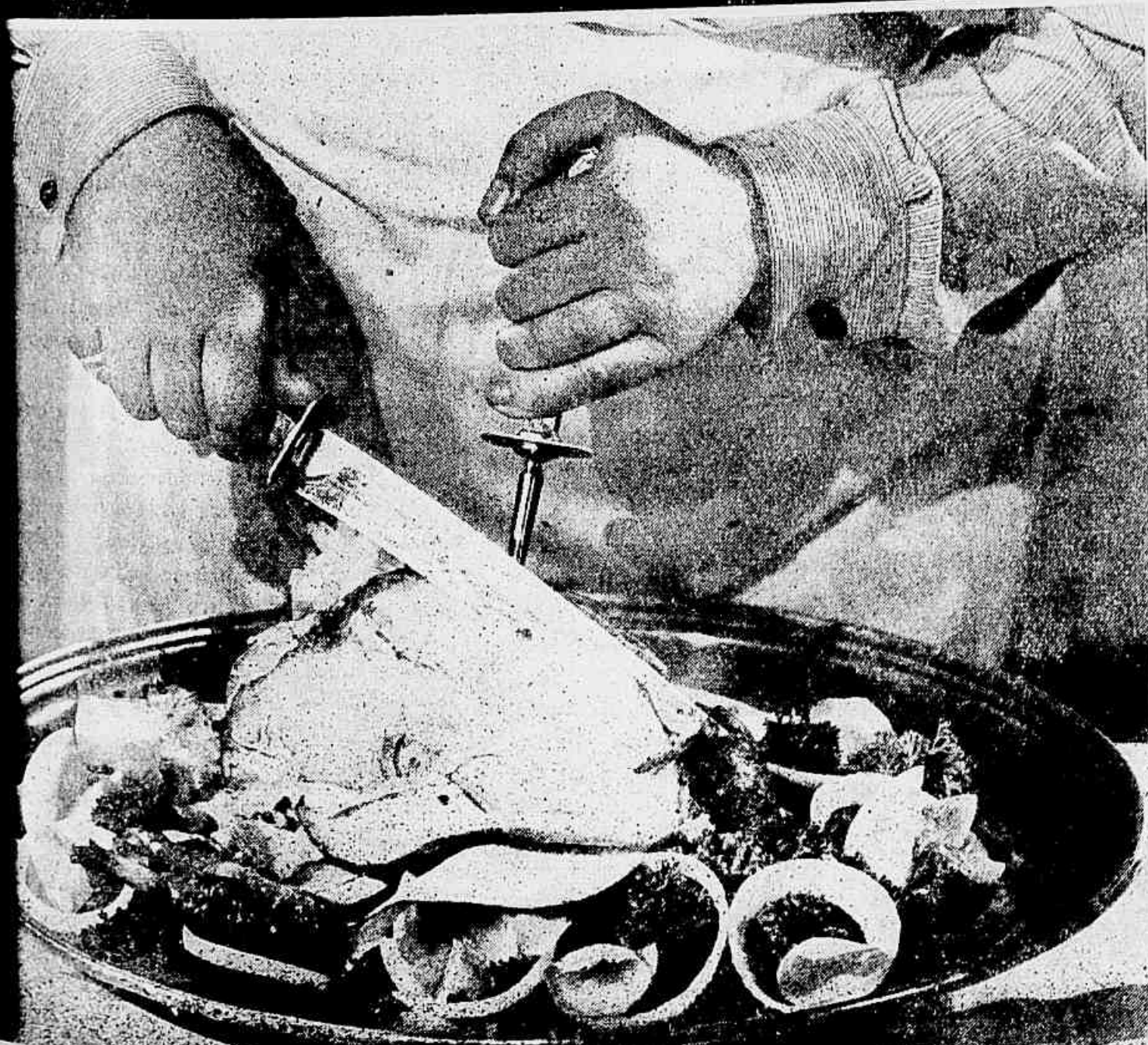
1 Aqui está Miss Maria observando Mestre Milani cortar a perna de um peru. O garfo deve ser inserido no osso do peito. As pernas devem ficar na direção da direita do trinchador.



2 Com uma faca afiada, a segunda junta é separada do corpo. Mestre Milani mantém o garfo firmemente enterrado no osso do peito de modo a não mexer o garfo durante a operação.

EMBORA OS PERUS TENHAM SUAS VIDAS AMEAÇADAS DE PREFERÊNCIA NAS VESPERAS DE NATAL, NUNCA É DEMAIS ENSINAR O MODO CORRETO DE TRINCHAR ESSAS AVES, SOBRETUDO AGORA QUE CUSTAM MUITO CARO. MARIA PALMER, DA R.K.O. RADIO, LAMENTA O TEMPO QUE PERDERA ATÉ ENTÃO POR NÃO CONHECER A TÉCNICA DO TRINCHAMENTO DE UM PERU. AS FOTOS MOSTRAM ESSA COMPLICADA ARTE ENSINADA POR MESTRE MILANI.

3 Cortar fatias finas do peito não é tão fácil quanto parece. O garfo profundamente enterrado no peito mantém firme o peru enquanto fatias delgadas de carne clara são cortadas.



4 Uma vez separadas as diversas partes, convém usar um segundo prato, onde são colocadas.



O REI CINZENTO

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 39)

ao hotel — disse. — Parecia um homem mistificado. Engraçado! Eis como lhe chamo. Sim, engraçado. — Relanceou os olhos em torno e súbito exclamou: — Ué! Aonde foi monsieur Hanaud?

Tanto Middleton como Ricardo tinham estado observando através da fenda da porta a cena que se passava na outra sala. Nenhum deles tinha visto ou ouvido a partida de Hanaud. Havia uma segunda porta que dava para a rua, e por ela Hanaud tinha escapulado.

— E' pena — disse o superintendente um pouco contrafeito. — Teria gostado de despedir-me dele.

O superintendente estava chocado e o sr. Ricardo apressou-se em tranquilizá-lo.

— Não se trata de descortesia — afirmou resolutamente. — Hanaud tem seus hábitos. Há alguma razão.

Middleton e Ricardo voltaram para a casa deste último, em Grosvenor Square, e aí, pouco mais de uma hora depois, Hanaud veio reunir-se a eles. Com grande espanto de ambos, vinha trazendo a cesta do Enoch Swallow, e desta retirou um delirante e roncante **Rei Cinzento**.

— Um pouco de leite, ein? — sugeriu Hanaud. E, depois de lambe-lo, o gato subiu à cadeira, dobrou as patas sob o peito e mais uma vez observou o mundo com olhos indiferentes.

Hanaud explicou sua partida repentina.

— Eu não compreendia como este homem, que não podia conviver com um gato, não permitia que o superintendente o enviasse ao hotel. Não, por mais que tremesse, tinha de levá-lo ele próprio. Eu tinha cá uma idéia que ele não ia levá-lo para casa de jeito nenhum. Por isso, saí à rua, esperei-o e segui-o. Nunca me viu. Foi fácil como o alfabeto. Andava com muita pressa por Charing Cross Road, passou Trafalgar Square e a Avenida de Northumberland. Ao fim desta há — o quê? — Sim, vocês já o perceberam. O Tamisa. "Ah! disse com meus botões", meu amigo Enoch, você vai afogar o **Rei Cinzento**! Mas eu, Hanaud, não o peço milrei. Pois si você está tão ansioso para livrar-se dele é que ele tem alguma coisa a dizer-nos.

"Assim, apertei o passo e aproximei-me. Atravessou a rua, debruçou-se sobre o parapeito, balançando a cesta descuidadamente em sua mão, como si estivesse pensando em qualquer assunto importante e não no **Rei Cinzento**. Olhou para um e outro lado, e então eu pús a mão embaixo da cesta por trás dele e disse em seu ouvido:

"— Cavalheiro, o senhor vai deixar cair essa cesta si não tomar cuidado.

"Enoch deu um grande pulo e soltou a cesta, dessa vez acidentalmente. Mas a minha mão estava por baixo dela. Então, tomei-a pelo laço, fiz uma curvatura e devolvi-a a ele, dizendo-lhe: — Dr. Livingstone, penso eu? — E, levantando o chapéu, passei adiante. Mas não muito longe. Olhando para trás, vejo-o com o rosto escuro de ódio. Mas não ousa experimentar de novo o rio. Pensa um momento. Então atravessa a rua e penetra na Estação Subterrânea. Segui-o como antes. Conhece meu rosto, agora. Por isso conservo-me para trás, mas não o perco de vista. Ele entra numa rua. A meio caminho dobra à direita.

— John Street — disse o sr. Ricardo.

"— A meio caminho de John Street há um desvio para a esquerda sob um edifício. E' um túnel e escuro. Enoch correu para o túnel. Sigo-o e, logo que chego à sua entrada, o **Rei Cinzento** aparece correndo como um relâmpago. Vocês compreendem. Ele não pôde afogá-lo, por isso resolveu soltá-lo no túnel escuro, sem dúvida com um pontapé para fazê-lo andar mais depressa. O animal não é mais, caso o fôra em algum tempo, o preferido da triste senhora Swallow. E' apenas um gato extraviado. Os cães não de perseguí-lo, ninguém o achará, todo o tempo terá de correr e em breve estará morto.

"Mas desta vez ele não precisa correr. Ele vê ou fareja amigo; Hanaud, da Sureté, aquele engraçado, aquele cômico — ein, amigo?" — enterrou o polegar no ventre de Ricardo, o que fez aquele cavalheiro curvar-se como uma árvore ao vento. — "Ah, você não gosta de familiaridades. Mas o **Rei Cinzento** ao contrário. Ele pára, mia, arqueia as costas, esfrega o corpo contra a perna de Hanaud. Assim eu o agarro e entro no túnel. Venta muito, e no ponto em que acaba encontro a cesta. E' lógico. Enoch despediu o **Rei Cinzento**. Portanto, nada precisa que o recorde do mesmo. Joga fora a cesta. Torno a colocá-lo dentro dela. Amarro a tampa. Ele confia em mim, não se debate. Saio do túnel. Eis-me no Strand. Olho para a direita e esquerda e em toda parte. Nada de Enoch. Chamo um taxi".

— E veio aqui — disse Ricardo, que pensou estar sendo a história prolongada mais do que o suficiente. Mas Hanaud balançou a cabeça.

— Não, ainda não estou aqui. Há coisas importantes de permeio.

— Muito bem — disse Ricardo languidamente. — Continue.

E Hanaud continuou.

— Ponho a cesta no assento e digo ao chofer: "quero" — imaginem o que? Mas vocês não imaginam. — "Quero o químico mais próximo". Aí chegamos e nele encontro a informação de que preciso; e agora, amigo Ricardo, eis-me aqui com o **Rei Cinzento**, que olha para nós com uma fisionomia chinesa e nada nos contará do que sabe.

Mas era injusto. Porque mais tarde, naquela mesma noite, a seu tempo, o gato contou-lhes muita coisa.

Estavam sentados ao jantar numa pequena mesa de madeira que cintilava com os talheres e os cálices finos: o sr. Ricardo entre Hanaud e Middleton, e, em face de Ricardo, com a cabeça erguida pouco acima da mesa, o **Rei Cinzento**. Repentinamente um desses pequenos fatos ocasionais, sobre os quais Hanaud pregara seu sermão, aconteceu. A luz elétrica apagou-se. Permaneceram nas trevas em silêncio. Do lado de fora o ruído do tráfego cresceu, adquirindo súbita importância. Uma pausa imotivada pairou sobre os três homens, e permaneceram sentados muito quietos conscientes de que cada um respirava tão de leve quanto podia. Talvez por três minutos durou esta estranha tensão até que o precioso Thomson entrou na sala carregando uma lâmpada acesa. Era uma lâmpada de querosene antiquada, com um globo opaco em cujo centro brilhava uma chama vermelha.

— Um fuzível queimou, senhor — disse ele.

— Num momento bastante inoportuno — retrucou o sr. Ricardo. — Estava no meio de uma história e não ficara satisfeito.

— Vou substituí-la já.

— Faça-o, Thomson.

Thomson colocou a lâmpada acesa no meio da mesa e retirou-se. Middleton curvou-se para Ricardo.

— O senhor estava no ponto em que descia as escadas pé ante pé.

— Não, não — interrompeu Ricardo. — A cadeia partiu-se. Foi-se o sabor da história. De qualquer modo era uma pobre história.

— Você não deve dizer isso — exclamou Hanaud. — A história era emocionante.

— Oh! bem, bem, si você de fato pensa isso — disse Ricardo sorrindo modestamente; e os três rostos sorriam satisfeitos à luz da lâmpada, quando súbito Hanaud soltou um grito.

— Olhem! Olhem!

Era um grito tão agudo que os outros dois homens levaram um choque e tiveram de olhar na mesma direção de Hanaud. O **Rei Cinzento** estava fitando a lâmpada, seus olhos de âmbar tão vermelhos quanto a chama no globo, seu corpo tremendo. Viram-no erguer-se nas patas e saltar para a beira da mesa, onde encolheu-se e tornou a levantar-se enquanto seus olhos não mudavam de direção. Com muita delicadeza insinuou-se entre os objetos de prata que estavam sobre a mesa. Então sentou sobre os quadris e, erguendo suas patas dianteiras, deu um golpe violento no globo da lâmpada. A pancada foi tão rápida, tão selvagem que os três homens estremeceram. A lâmpada caiu em pedaços sobre a mesa com um barulho de vidros partidos, e o querosene incandescente correu por todos os lados tombando em grandes gotas de fogo sobre o tapete.

Middleton e Ricardo levantaram-se de um salto; uma cadeira caiu.

— Teremos toda a casa em fogo! — gritou Ricardo enquanto tocava a campainha em pânico; e Hanaud teve apenas tempo de segurar o gato quando esse pulava para o tapete, antes que as chamas o apanhassem; e ele lutava, se debatia e arranhava como um louco. Para fugir? Não, mas para voltar à lâmpada derrubada.

Já havia um cheiro de objetos queimados no quarto. O fogo comunicara-se ao papel da parede. Thomson chegou com todos os panos que pôde reunir às pressas afim de abafar o fogo. Baldes d'água foram trazidos, mas muitos minutos se passaram antes que o incêndio fosse extinto, e os quatro homens, com as roupas em desalinho e as mãos e rostos escurecidos, puderam enfim contemplar a ruína da sala.

— Eu devia ter tomado precauções — disse Hanaud com remorso. — A Companhia do Unicórnio salva suas vinte e cinco mil libras. Sim, mas a bela sala de jantar do sr. Ricardo vai precisar de uma boa restauração.

Mais tarde, naquela noite, numa sala menor, quando a luz elétrica tornou a se acender, e os três homens já se tinham lavado, Hanaud contou sua história.

— Eu lhe perguntei, sr. Middleton, dentro dos muros incendiados da casa de Berwick Street si era iluminada com luz elétrica. E o senhor respondeu "Com isso e nada mais". Mas eu vi uma lâmpada de querosene quebrada entre as ruínas. Desconfiei daquela lâmpada, mas a casa estava vazia cerca de hora e meia antes

do incêndio irromper. Não podia compreender esse fato. Foi então que senti cheiro de algo, algo acre — um resquício. Vinha de uma garrafa partida perto da banheira junto de outras garrafas e de uma prateleira de vidro em pedaços, tal como as que se usam num banheiro para sustentar os remédios, a pasta de dentes e o sabão de barba. Pôs o caro da garrafa no meu bolso e um pouco daquele cheiro ativo ficou nos meus dedos.

"Na delegacia de polícia num instante o gato tornou-se meu amigo. Por quê? Não observei. De fato fiquei um pouco lisonjeado. Disse "Hanaud, os animais gostam de você". Mas não era isso. O **Rei Cinzento** gostava do cheiro dos meus dedos, eis tudo. Foi então que observei o estranho comportamento de Enoch Swallow. Os gatos faziam-no fisicamente desentoe. Contudo devia afastar este antes que pudesse traí-lo. Não podia carregá-lo sob seu casaco — não, isso era demais. Mas podia sair e comprar uma cesta — e sem medo. Lembra-se como ele olhou astuciosamente em torno do gabinete e para o fôro, e como ficou satisfeito em deixar o gato conosco? Por quê? Observei-o olhar, mas não pude compreendê-lo. Era porque todas as luzes no quarto eram lâmpadas presas no teto. Não havia uma só lâmpada de pé. Depois apanhei o gato. Vou ao químico, deixando o animal dentro da cesta, no taxi.

"Tiro a garrafa partida e pergunto ao químico: "Que há nesta garrafa?"

"Ele cheira e me diz imediatamente: "Valeriana".

"Pergunto: "Que é valeriana?"

"Ele responde: "A valeriana tem um óleo volátil que quando exposto ao ar desenvolve um cheiro ativo e desagradável. E' usado para histeria, insônia e perturbações nervosas.

"Isso não me ajudava, mas antequê. Perguntei-lhe: "Tem isso alguma coisa a ver com os gatos?"

"O químico olhou-me como si eu estivesse fora de meu juízo e disse: "Ela os põe malucos, eis tudo", e imediatamente eu digo:

"Arranje-me um pouco", e Hanaud tirou de seu bolso um frasco de tintura de valeriana.

— Sim, tenho-a aqui. Mas ainda sou um pouco estúpido: não relaciono a lâmpada partida, a valeriana e o **Rei Cinzento** — não, até que o vi com olhos desviados e em brasas sobre a mesa de madeira e então foi tarde.

"Vocês compreendem, o bom Enoch antes praticou um pouco. Ele derrama valeriana na base da lâmpada e ensina o gato a derrubá-la afim de conseguir a tintura. Então, uma noite fecha o gato em algum saco de linho através do qual possa sair com facilidade. Unta a base da lâmpada com a valeriana, acende-a e vai para o cinema.

"A casa está vazia, sim. Mas o gato lá ficou no saco, a lâmpada está acesa e cada minuto a valeriana ressoa mais fortemente. Cada vez mais o gato fica louco. Hoje não havia valeriana na lâmpada, mas o **Rei Cinzento** sabe que é ali que ela se encontra. Quando voltar a Paris tratarei de saber si não havia nenhum sinal de gato queimado no incêndio do boulevard Haussmann.

"Mas — e ele voltou-se para Middleton, — o senhor guardará o **Rei Cinzento** afim de que ele possa repetir esse exercício no tribunal, e não terá de pagar nem um vintém àquela "honesto" companhia da Síria".

Para casamento



Apresentamos aqui um original vestido de noiva com bandas plissadas que se unem para formar a frente da saia; a cauda também é plissada. Véu com a beira de renda. A madrinha. Veste um costume-toilette, preto com bordados em prata também é plissada. Véu com a beira de renda. A madrinha. Veste um costume-toilette, preto com bordados em prata também é plissada. Véu com a beira de renda. A dama. Vestido de organza trabalhado na pala e ancas, e pedras, chapéu grande de setim preto com véu branco caindo atrás. Cinto bordado em prata, chapéu de organza, bordado na saia com "paradis" em fio prateado.

CREME DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
BRANQUEIA E AVELUDA A PELE
A VENDA EM TODA A PARTE

MOBILIÁRIOS FINOS EXPOSTOS EM GRANDES MOSTRUÁRIOS

Convidam-se as distintas famílias a visitarem os mostruários junto à fábrica de Moveis "Lamas", nos quais estão expostas as mais recentes criações de mobiliários nos diversos estilos, dotados de todos os requisitos para satisfazer quem pretende adquirir moveis de qualidade e de bom desenho.

As exposições que a fábrica "Lamas" mantém no Flamengo, Urca e Copacabana são de simples propaganda, sendo os moveis "Lamas" vendidos exclusivamente nos mostruários anexos à fábrica com facilidade em certos casos de pagamento.

Novo Tratamento Para Eczema

Si V. sentir que a sua pele está se tornando áspera, com tumescências esbranquiçadas, si sentir ardor constante, coceiras, dor de eczema, si V. não puder dormir bem e se sentir nervoso e irritado, V. deve procurar imediatamente um alívio seguro e eficaz: o novo e moderno tratamento científico com BELZEMA, uma nova forma de pomada, que penetra instantaneamente na pele para combater as erupções.

BELZEMA já tem aliviado alguns casos das mais obstinadas erupções da eczema em pouco tempo, mesmo quando o mal já era muito antigo. BELZEMA foi aplicada e as coceiras cessaram imediatamente, ficando em poucos dias a pele outra vez nova e limpa.

BELZEMA não é visível quando aplicada, não mancha a roupa e não requer ataduras.

Use BELZEMA hoje e sentirá alívio. Continue a usar BELZEMA até sua pele tornar-se macia e limpa.

BELZEMA



MALTOGENO

"Granado"

Medicação
tônico - nutritiva
útil às MÃES e
AMAS DE LEITE



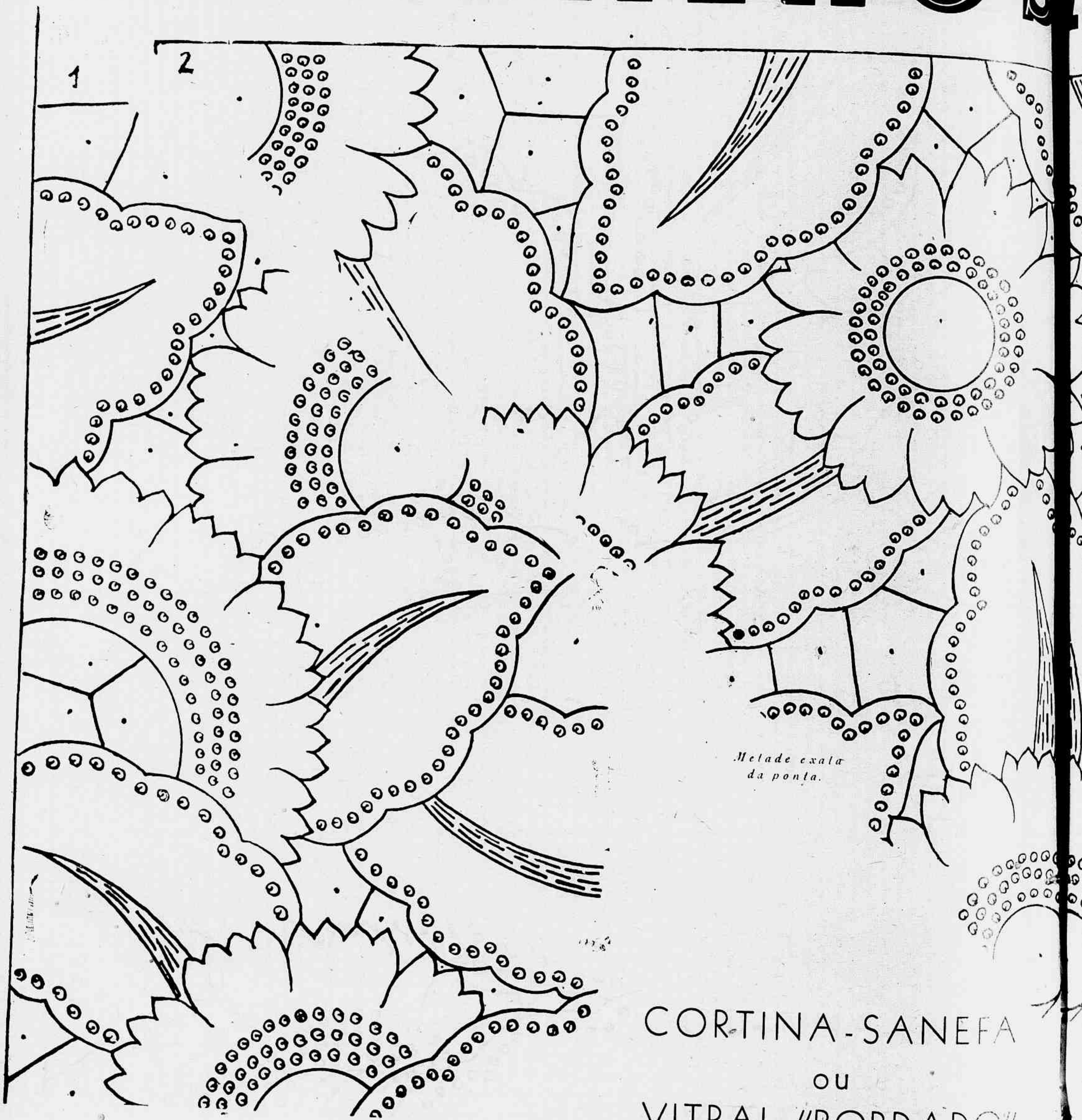
T. TARQUINO

iencarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO

TRABALHOS



Um pedaço do centro.

CORTINA-SANEFA OU VITRAL "BORDADO"

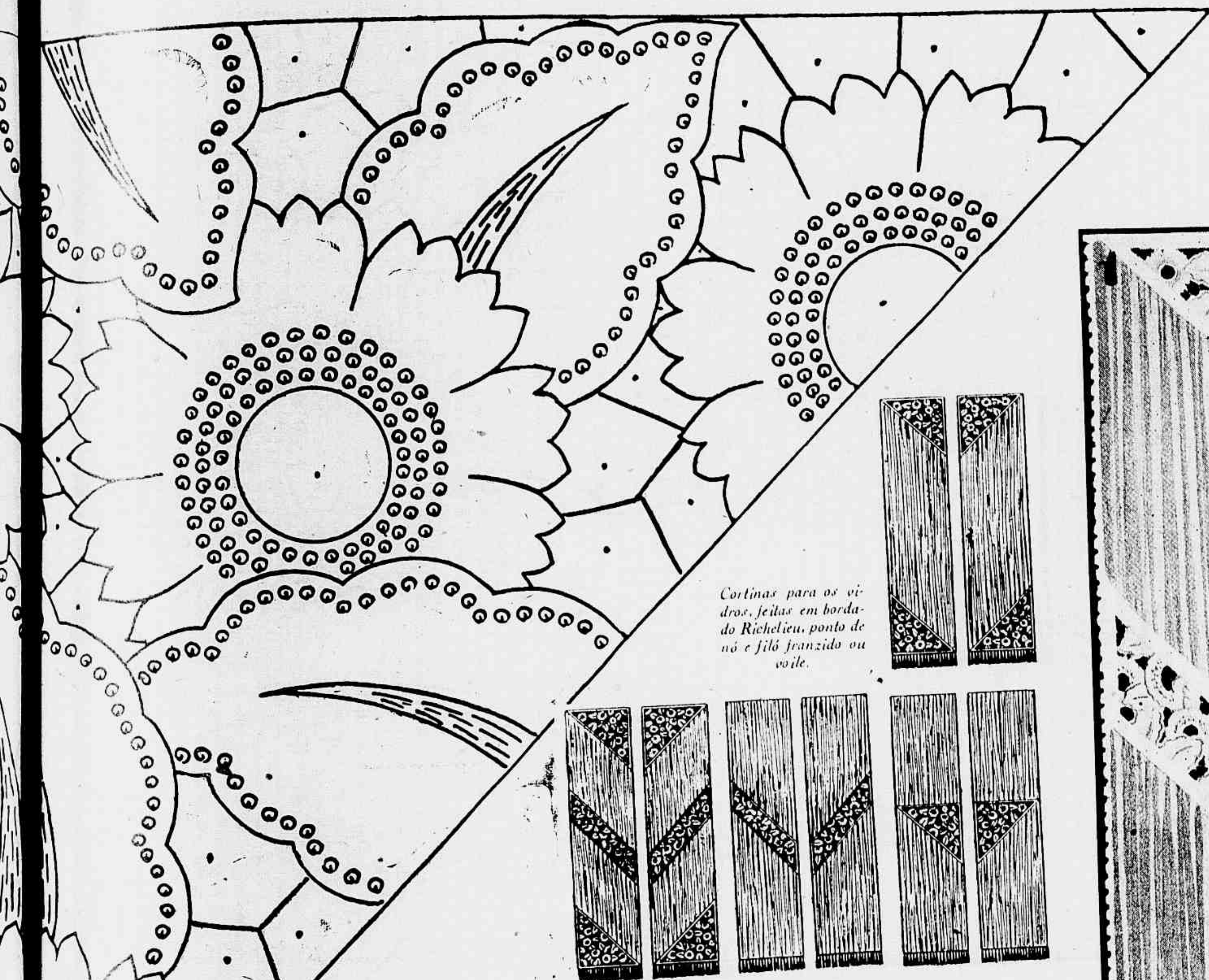
É usual cobrir os vidros internamente com fazendas leves franzidas; portanto o trabalho que hoje estampamos é não só de verdadeira utilidade como também muito bonito e fácil. Em vez de pôr sobre os vidros um pedaço de pano franzido, pôde-se colocar estas cortinas bordadas, que darão ao ambiente um aspecto mais elegante e bem cuidado.

O bordado pôde ser feito em linho, brim ou cretone liso; é ponto "Richelieu", com o centro das flores e beira das folhas em pontos de nó; o filó ou voile é empregado para

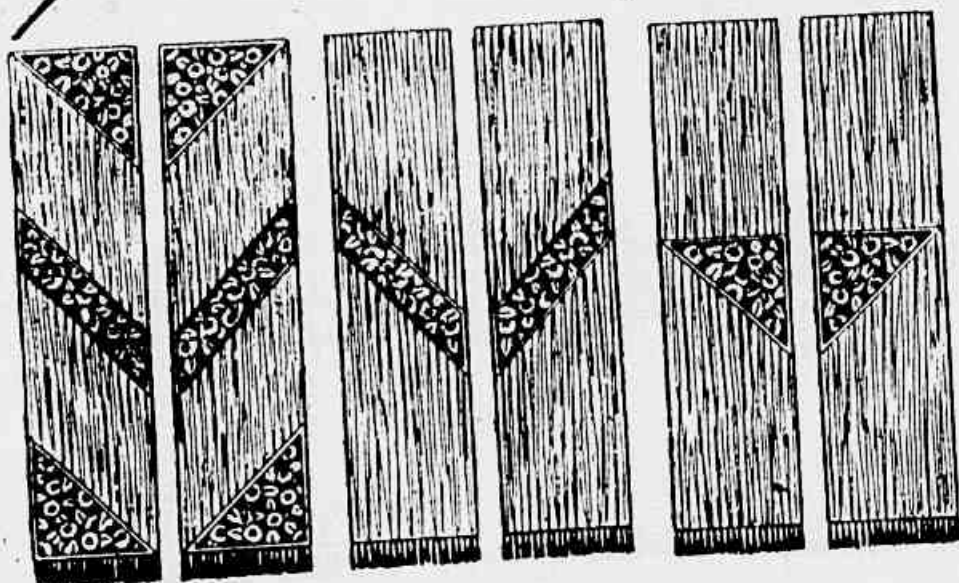
os franzidos. Nas figuras acima damos a metade da ponta e uma parte do centro que pôde ser facilmente ampliado. Daremos qualquer explicação a quem não entender; as nossas leitoras pôdem dirigir-se a esta seção da REVISTA para obter quanto desejarem referente a trabalhos manuaes.

Os enfeites de bordado pôdem ser substituídos por crochet, pois um modello serve de sugestões a variantes de acordo com o gosto ou possibilidade do executante.

MANUAES



Cortinas para os vidros, feitas em bordado Richelieu, ponto de nó e filô franzido ou voilé.



LIÇÃO DE TRICOT

PONTO DE JERSEY

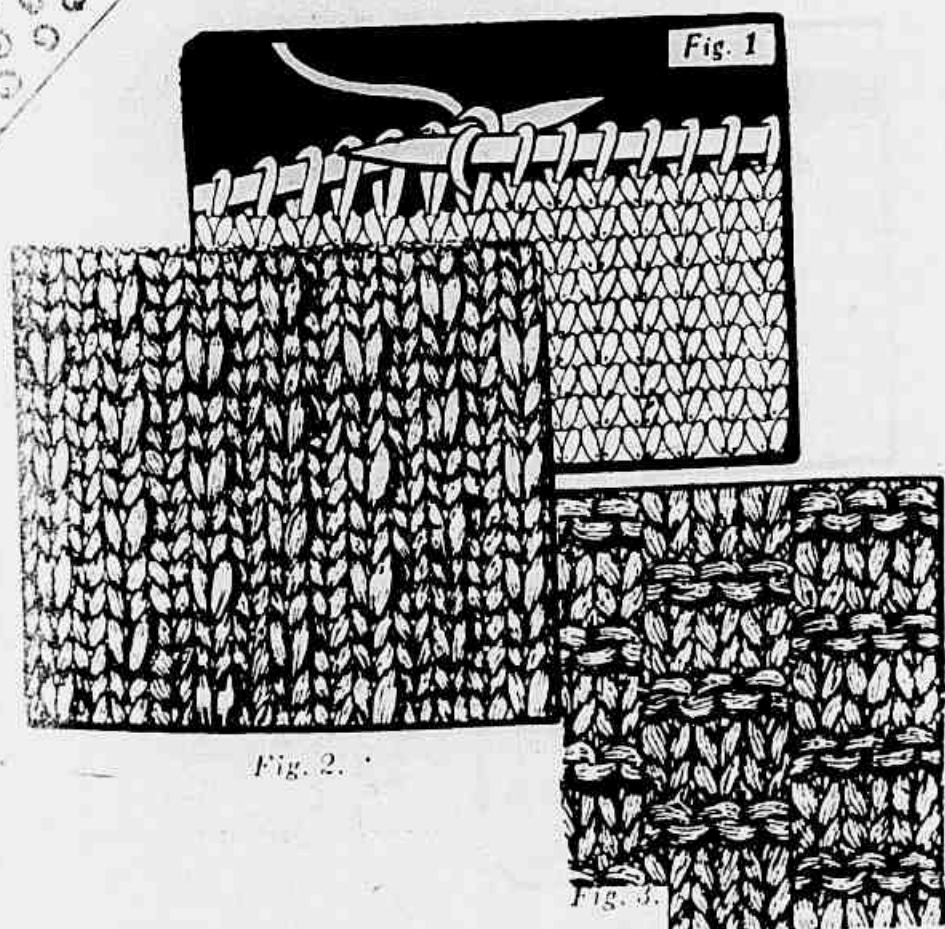


Fig. 2.

Fig. 3.

É este o ponto mais empregado, e o mais simples de todos; é o primeiro ensinado, forma um tecido unido e muito flexível.

É feito em duas carreiras: 1.ª carreira de malhas pelo direito e 2.ª carreira de malhas pelo avesso.

Para executá-lo, tomar a agulha na mão direita, metê-la na malha que está na agulha da mão esquerda, passar o fio sobre a agulha da direita, puxar a malha da agulha, meter a agulha da direita na malha seguinte da agulha da esquerda, e formar uma segunda malha. Continuar assim até obter o número de malhas que se deseja ter.

Para a carreira pelo avesso: passar o fio pelo avesso do trabalho, meter a agulha da direita na malha da agulha da esquerda, passar em seguida o fio de baixo para cima, em volta da agulha da direita, puxar o fio de maneira a formar uma alça sobre a agulha da direita e retirar a malha da agulha da esquerda fig. 1.

Nota — Quando o ponto de jersey é executado em redondo, sobre uma agulha circular, ou sobre 4 agulhas, trabalha-se sempre pelo direito.

O ponto de jersey de fantasia, fig. 2.

Este ponto é empregado com sucesso para confeccionar tricots simples. Para executá-lo, fazer uma primeira carreira: 3 malhas pelo direito, 1 malha escorregada sobre a agulha sem a tricotar, e assim ir alternando até o fim da carreira.

Segunda carreira: tricotar todas as malhas pelo avesso.

Terceira carreira: 1 malha pelo direito, 1 malha escorregada sem a tricotar, 3 malhas pelo direito, etc. É a repetição da primeira carreira, mas contrariando a colocação das malhas escorregadas.

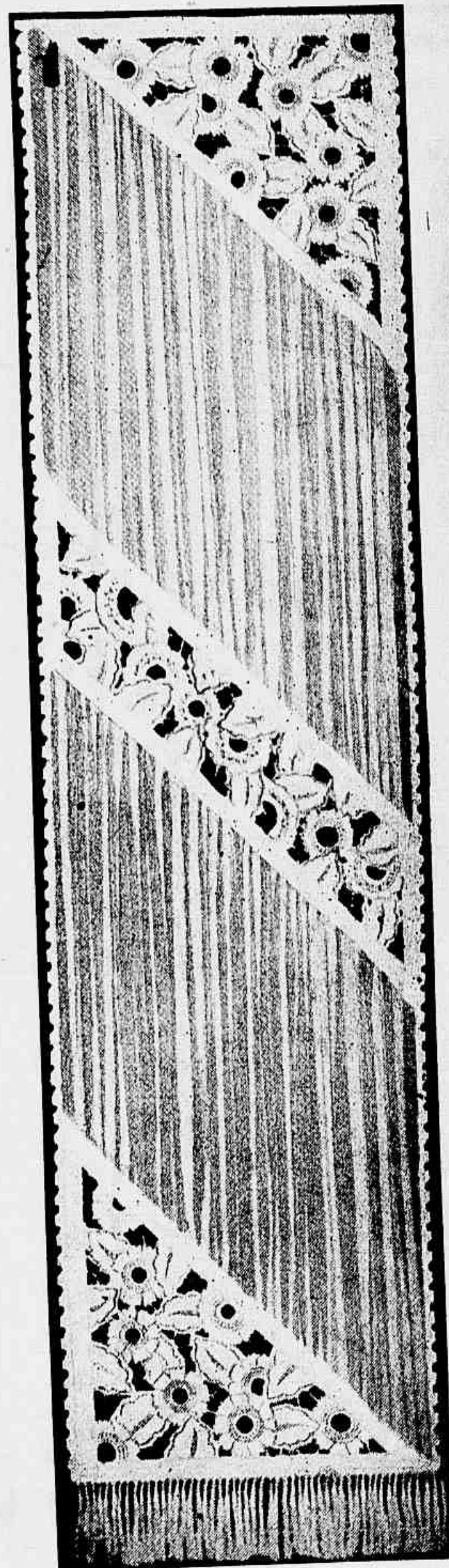
A quarta carreira como a segunda. Repetir sempre essas quatro carreiras.

Ponto de jersey com interrupções, fig. 3.

Este ponto forma um desenho interessante, e é feito da seguinte maneira.

Primeira carreira: toda pelo direito.

Segunda carreira: 3 malhas pelo direito, 3 malhas pelo avesso.



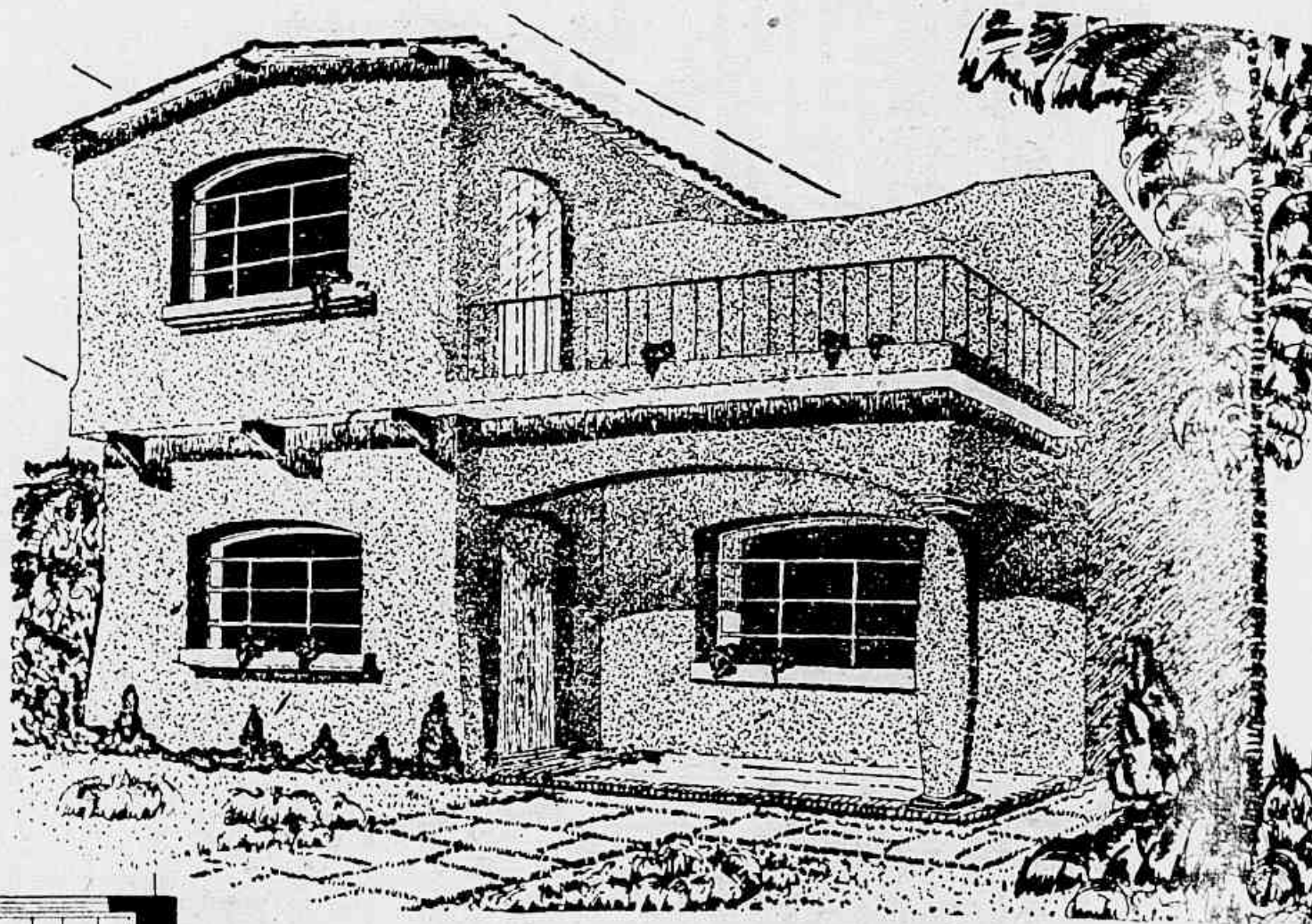
Tamanho natural do bordado.

Terceira carreira: toda pelo direito.

Quarta carreira: como a segunda, mas colocando 3 malhas pelo avesso acima das 3 malhas pelo direito, para intercalar os desenhos.

O Lar

PLANTA



FACHADA

PLANTA DA CASA

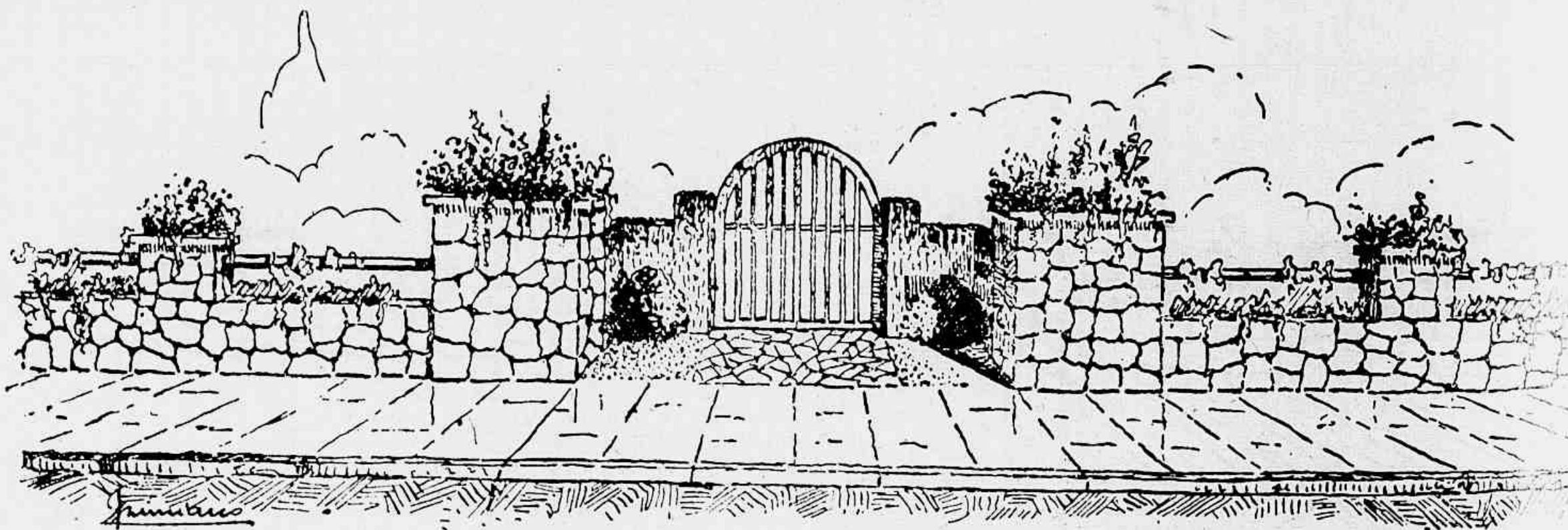
ANDAR TERREO — Ampla entrada de lado, lho, coberta; living, — sala de jantar, quarto, sala de banho, cosinha, pequeno espedor para o serviço com a escada do andar superior.

CASA PARA PEQUENO TERRENO — 8,66 DE FRENTE, ESTILO MODERNO COM PERFIL ARQUITETÓNICO CALIFORNIANO

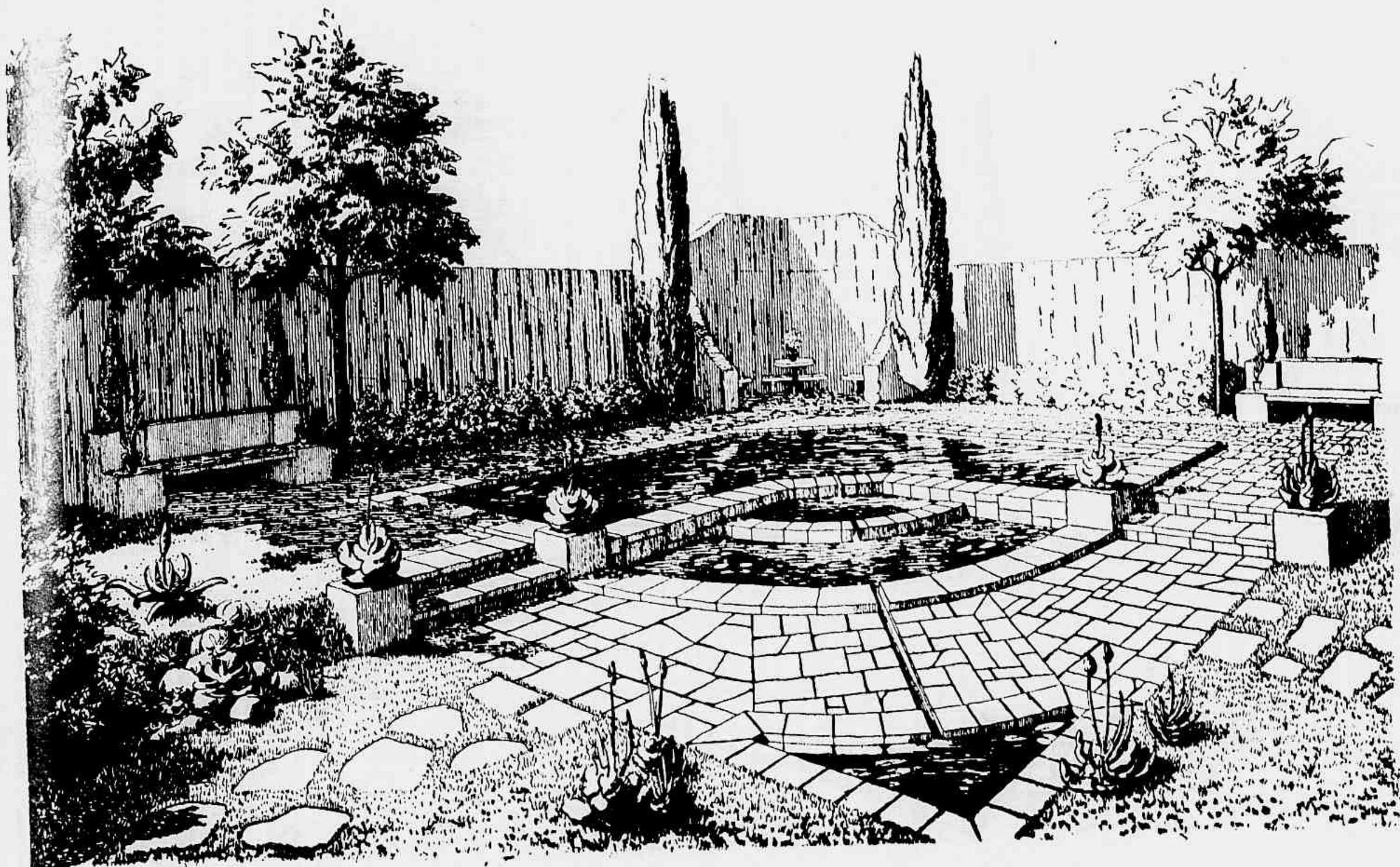


PAVIMENTO SUPERIOR — Uma grande sala dando para o terço.

Muro de pedra com cantos e alças plantados.
— Portão de madeira.



PLANTA



CASA DE CAMPO E JARDIM

É hoje um desejo geral no homem da cidade ter casa própria mesmo no subúrbio ou longe ainda dos arrabaldes; sítios onde possa ir passar uns dias de repouso ou as suas férias de verão. Os terrenos são, porém, cada vez mais caros e o padrão de vida, apesar da maior bonança dos coordenadores, continua em completo desequilíbrio. Toda gente, por isso mesmo, procura garantir o futuro do melhor modo, e o melhor modo é por certo a propriedade.

Damos hoje aos nossos leitores dois projetos para casa de campo e magnífico jardim, com seu respectivo muro.

A casa é em estilo moderno com perfis arquitetônicos californianos, para um terreno de 10 metros de frente.

A entrada e chão do terraço de ladrilho vermelho e o jardim é rente ao terraço de acesso, dando que lhe dá mais amplitude; é de gramíneas e flores de variadas cores plantadas em "macetas" ao redor do caminho empedrado. O andar tem um quarto amplo que tan-

Angulo de um belo jardim com pequenos lagos nos vários platôs, e bancos de cimento, junto de canteiros floridos e árvores que dão sombra.



FONTE — detalhe de fonte que pode ser adaptada a um recanto de jardim, no estilo da que damos junto.

to pode servir de dormitório como gabinete de trabalho; fica isolado dando para o terraço. Esta casa, para pequeno espaço, pode ser ampliada na parte alta.

Esse jardim forma um recanto de sonho, com diversos platôs, onde os reservatórios, pequenos tanques de água, grama entre pedras, renques de plantas exóticas como cactos, arbustos de flores multicores, dão um aspecto encantador. Os bancos de pedra entre canteiros rentes ao muro têm de cada lado uma árvore para dar-lhes sombra. A parte onde se encontra a fonte e pequenos lagos é de ladrilhos vermelhos podendo ser substituído o ladrilho por pedras de granito.

MURO. Este projeto de muro é muito bonito e decorativo com canteiros altos em toda sua extensão. Vêmo-lo pronto com seu portão, que pode ser de madeira, e junto à planta do projeto, de muito fácil interpretação.

E aqui continuamos atendendo às necessidades dos nossos leitores, fornecendo-lhes nestas páginas do Lar as sugestões pedidas sobretudo quando se relacione com a casa, seu interior, decorações, objetos de arte, etc.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67
NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

Jôgo LADY SHEAFFER
Lifetime com pena
"Feathertouch" de ouro
de 14 ks.

Jôgo CREST "TRIUMPH"
Lifetime com pena
"Feathertouch" de ouro
de 14 ks.

Uma Sheaffer's

TRADUZ MELHOR E PARA SEMPRE O SEU AFETO...

Grafite SHEAFFER'S
Fineline de compri-
mento dupla. Fina, macia e
de maior durabilidade.



CUBA-TINTEIRO SKRIP
usável até a última gota

A tinta SKRIP fa-
bricada especial-
mente para as ca-
netas SHEAFFER
é de fluidez e ni-
tidez absolutas.
Resiste à ação do
tempo e da água.



TRABALHADA com o requinte e o cuidado de uma verdadeira joia, a SHEAFFER'S *Lifetime* garantida por toda a vida — no desenho moderno das suas linhas e na beleza harmoniosa das suas cores, oferece a quem a possui o máximo de perfeição técnica e utilidade para... a vida inteira! O super-alimentador Flo-Rite faz com que a tinta esorra num fluxo constante e exato, sem borrões nem falhas na escrita. A pena "Feathertouch" (toque de pluma) feita à mão — de ouro de 14 ks, platina na ranhura, patente exclusiva da SHEAFFER e ponta de irídio, escreve de dois modos diferentes, com a leveza de uma pluma. Dê aos seus amigos, aos seus parentes e às pessoas que mais estima, uma SHEAFFER'S *Lifetime*, acompanhada de linda lapiseira "Fineline" — de ponta sempre afiada — em luxuosos estojos para senhoras e cavalheiros. Comemore um aniversário ou uma data festiva com o presente que mantém viva, através do tempo, a lembrança de um momento feliz!

* Todas as canetas SHEAFFER'S *Lifetime* são incondicionalmente garantidas para a vida inteira do possuidor, excepto nos casos de perda, roubo ou dano proposital. Para qualquer conserto a caneta deve ser entregue ou remetida completa aos representantes locais da SHEAFFER'S Pen Co., acompanhada da importância de CR\$ 10,00

SHEAFFER'S

Lifetime

UMA JOIA QUE ESCREVE

Representantes exclusivos no Brasil: M. AGOSTINI & CIA. LTDA.
RIO DE JANEIRO: AV. RIO BRANCO, 47-1.º - S. PAULO: ANCHIETA, 35-8.º AND. - SALAS 803/5

O PONTO BRANCO
é o sinal de identida-
de da SHEAFFER'S
Lifetime — garan-
tida por toda a
vida!

PREMIER
Lifetime
com pena
"Feather-
touch" de
ouro de 14 ks.

